

Capítulo 28

O DESFAZER DO MEDO

I. A memória presente

T-28.I.1. O milagre nada faz. 2 Tudo o que ele faz é desfazer. 3 E assim anula a interferência naquilo que foi feito. 4 Ele não acrescenta, apenas retira. 5 E o que retira já se foi há muito, mas tendo sido guardado na memória, parecer ter efeitos imediatos. 6 Esse mundo acabou há muito tempo. 7 Os pensamentos que o fizeram já não estão mais na mente que os pensou e os amou por um breve período de tempo. 8 O milagre apenas mostra que o passado se foi e o que se foi verdadeiramente não tem efeitos. 9 A lembrança de uma causa só pode produzir ilusões da sua presença, não efeitos.

T-28.I.2. Todos os efeitos da culpa já não estão mais aqui. 2 Pois a culpa terminou. 3 Com a sua passagem, foram-se também as suas conseqüências, deixadas sem uma causa. 4 Por que irias prender-te a ela na memória se não desejassemos os seus efeitos? 5 O lembrar é tão seletivo quanto a percepção, sendo o tempo passado da percepção. 6 É a percepção do passado como se ele estivesse ocorrendo agora e ainda estivesse presente para ser visto. 7 A memória, como a percepção, é uma habilidade inventada por ti para tomar o lugar do que Deus te deu na tua criação. 8 E, como todas as coisas que fizeste, pode ser usada para servir a outro propósito e para ser um meio para alguma outra coisa. 9 Ela pode ser usada para curar e não para ferir, se desejares que assim seja.

T-28.I.3. Nada do que é empregado para curar representa um esforço para fazer qualquer coisa que seja. 2 É um reconhecimento de que não tens quaisquer necessidades que signifiquem que alguma coisa tenha que ser feita. 3 É uma memória não-seletiva, que não é usada para interferir com a verdade. 4 Todas as coisas que o Espírito Santo pode empregar para curar foram dadas a Ele, sem o conteúdo e os propósitos para os quais foram feitas. 5 Elas são apenas habilidades sem uma aplicação. 6 Elas aguardam para serem usadas. 7 Elas não são dedicadas à coisa alguma e não têm nenhum objetivo.

T-28.I.4. O Espírito Santo, de fato, pode fazer uso da memória, pois o próprio Deus está lá. 2 Entretanto, essa não é uma memória de eventos passados, mas apenas de um estado presente. 3 Estás habituado há tanto tempo a acreditar que a memória guarda apenas o que é passado, que é difícil para ti compreender que ela é uma habilidade capaz de lembrar o agora. 4 As limitações que o mundo impõe à lembrança são tão grandes quanto aquelas que permitiste que o mundo te impusesse. 5 Não existe nenhum elo da memória com o passado. 6 Se quiseres que haja, então há. 7 Mas apenas o teu desejo fez o elo, e só tu a prendeste a uma parte do tempo onde a culpa ainda parece pairar.

T-28.I.5. O uso que o Espírito Santo faz da memória está bem à parte do tempo. 2 Ele não busca usá-la como um meio de reter o passado, mas ao invés disso, como um modo de permitir que ele se vá. 3 A memória guarda a mensagem que recebe e faz o que lhe é dado fazer. 4 Ela não escreve a mensagem, nem aponta para quem serve. 5 Como o corpo, ela não tem qualquer propósito em si mesma. 6 E se parece servir para cultivar o ódio antigo e fazer para ti retratos das cenas de injustiças e ferimentos que estavas guardando, essa foi a mensagem que lhe pediste e assim ela é. 7 Comprometida com as cavernas da memória, a história de todo o passado do corpo lá se esconde. 8 Todas as estranhas associações feitas para manter o passado vivo, o presente morto, estão armazenadas dentro dela, esperando pela tua ordem para que te sejam trazidas e revividas. 9 E assim os seus efeitos parecem ser aumentados pelo tempo, que levou consigo o que as causou.

T-28.I.6. No entanto, o tempo não é senão uma outra fase do que nada faz. 2 Ele trabalha de mãos dadas com todos os outros atributos com os quais buscas manter oculta a verdade acerca de ti mesmo. 3 O tempo não leva nada embora, nem é capaz de restaurar. 4 E, no entanto, fazes um estranho uso dele, como se o passado tivesse causado o presente, que não é senão uma conseqüência na qual não se pode fazer mudança alguma, posto que a sua causa se foi. 5 Entretanto, a mudança tem que ter uma causa que dure, ou ela não permanecerá. 6 Nenhuma mudança pode ser feita no presente se a sua causa é o passado. 7 Tal como usas a memória, nela tu só manténs o passado e assim ela constitui uma maneira de manter o passado contra o agora.

T-28.I.7. Não te lembres de nada do que ensinaste a ti mesmo, pois foste mal ensinado. 2 E quem manteria uma lição sem sentido em sua mente, quando pode aprender e preservar outra melhor? 3 Quando as antigas memórias de ódio aparecem, lembra-te de que a sua causa se foi. 4 E assim não podes compreender para que servem. 5 Não permitas que a causa que queres dar a elas agora seja aquilo que fez com que fossem o que eram

ou pareciam ser. 6 Fica contente porque ela se foi, pois é disso que terias que ser perdoado. 7 E vê, no seu lugar, os novos efeitos de uma, causa aceita *agora*, com conseqüências aqui. 8 Elas te surpreenderão com sua beleza. 9 As novas idéias antigas que trazem consigo serão as felizes conseqüências de uma Causa tão antiga que em muito excede o alcance da memória que a tua percepção pode ver.

T-28.I.8. Essa é a Causa que o Espírito Santo tem lembrado para ti quando queres esquecer. 2 Ela não é uma causa passada porque Ele não permite que Ela deixe de ser lembrada. 3 Ela nunca mudou, porque nunca houve um tempo em que Ele não A mantivesse a salvo em tua mente. 4 Suas conseqüências, de fato, parecerão novas porque pensavas que não te lembravas da Causa. 5 No entanto, Ela nunca deixou de estar na tua mente, pois não foi a Vontade do teu Pai que Ele não fosse lembrado pelo Seu Filho.

T-28.I.9. Aquilo de que tu te lembras nunca foi. 2 Veio da ausência de causalidade, que confundiste com uma causa. 3 Quando aprendes que te lembraste de conseqüências que não tiveram causa e jamais poderiam ter efeitos não podes deixar de rir. 4 O milagre te recorda uma Causa para sempre presente, perfeitamente intocada pelo tempo e por qualquer interferência. 5 Essa causa jamais foi alterada em relação ao que Ela é. 6 E tu és o Seu efeito, tão imutável e perfeito quanto Ela. 7 A memória dessa Causa não está no passado nem aguarda o futuro. 8 Não é revelada nos milagres. 9 Elas apenas te lembram que Ela não se foi. 10 Quando tu A perdoares pelos teus pecados, Ela não será mais negada.

T-28.I.10. Tu, que tens buscado fazer um julgamento a respeito do teu próprio Criador, não és capaz de compreender que não foi Ele quem julgou o Seu Filho. 2 Queres negar-Lhe os Seus Efeitos, no entanto, Eles nunca foram negados. 3 Nunca houve um tempo no qual Seu Filho pudesse ser condenado pelo que carece de causa e é contra a Sua Vontade. 4 O que a tua lembrança quer testemunhar é apenas o medo de Deus. 5 Ele não fez o que temes. 6 Nem tu o fizeste. 7 E assim a tua inocência não foi perdida. 8 Não necessitas de cura para ser curado. 8 Em quietude, vê no milagre uma lição em permitir que a Causa tenha os Seus Efeitos Próprios e em não fazer qualquer coisa que possa interferir.

T-28.I.11. O milagre vem em quietude à mente que pára um instante e fica quieta. 2 A partir daquele tempo passado em quietude e da mente que ele então curou em silêncio, o milagre alcança gentilmente outras mentes para compartilhar sua quietude. 3 E elas uniram-se em nada fazer para impedir a radiante extensão deste milagre de volta à Mente Que deu origem a todas as mentes. 4 Como o milagre nasceu de um ato de compartilhar, não pode haver pausa no tempo que cause o adiamento do milagre em sua ida apressada para todas as mentes inquietas, trazendo-lhes um instante de serenidade, quando a memória de Deus retorna a elas. 5 O que queriam lembrar está em quietude agora, e o que veio para tomar o seu lugar não será depois completamente esquecido.

T-28.I.12. Ele, a Quem o tempo é dado, agradece por cada instante de quietude que Lhe é dado. 2 Pois nesse instante se permite à memória de Deus oferecer todos os seus tesouros ao Filho de Deus, para quem foram guardados. 3 Como Ele os oferece alegremente àquele a quem eram destinados quando Lhe foram dados! 4 E o Seu Criador compartilha os seus agradecimentos porque Ele não quer ficar privado dos seus Efeitos. 5 O silêncio de um instante que o seu Filho aceite, dá boas-vindas à eternidade e a Ele e permite que Eles entrem onde querem habitar. 6 Pois nesse instante o Filho de Deus nada faz que o amedronte.

T-28.I.13. Como surge instantaneamente a memória de Deus na mente que não tem nenhum medo que a mantenha afastada! 2 Sua própria lembrança se foi. 3 Não há nenhum passado para manter sua imagem amedrontadora impedindo o alegre despertar para a paz presente. 4 As trombetas da eternidade ressoam através da serenidade, entretanto, não a perturbam. 5 E o que é lembrado agora não é o medo, mas a Causa e o medo foi feito para não deixar que Ela fosse lembrada e para desfazê-La. 6 A serenidade fala em sons gentis do amor que o Filho de Deus recorda de um tempo anterior, antes que a sua própria lembrança se interpusesse entre o presente e o passado tomando-os inaudíveis.

T-28.I.14. Agora, o Filho de Deus está afinal ciente da Causa presente e de seus Efeitos benignos. 2 Agora ele compreende que o que fez não tem causa, não tendo quaisquer efeitos. 3 Ele nada fez. 4 E ao ver isso compreende que nunca teve necessidade de fazer coisa alguma e nunca fez. 5 A sua Causa é os seus Efeitos. 6 Nunca houve uma outra causa além Dessa que pudesse gerar um passado ou um futuro diferentes. 7 Os Seus Efeitos são imutavelmente eternos, além do medo e inteiramente além do mundo do pecado.

T-28.I.15. O que foi perdido quando se deixa de ver o que não tem causa? 2 E onde está o sacrifício quando a memória de Deus veio para tomar o lugar da perda? 3 Que melhor maneira de fechar a pequena brecha entre as ilusões e a realidade senão permitir que a memória de Deus flua através dela, fazendo com que venha a ser uma ponte que se atravessa em apenas um minuto para alcançar o que está além? 4 Pois Deus a fechou com Ele Mesmo. 5 A Sua memória não foi embora deixando um Filho para sempre perdido em uma das margens de onde ele vislumbra a outra que nunca pode atingir. 6 Seu Pai quer que ele seja erguido e gentilmente carregado até lá. 7 Ele construiu a ponte e será Ele Quem irá transportar seu Filho através dela. 8 Não tenhas medo que Ele possa falhar no que é a Sua Vontade. 9 Nem tenhas medo de ser excluído da Vontade que existe para ti.

T-28.II. Revertendo efeito e causa

T-28.II.1. Sem uma causa não é possível efeitos e, ao mesmo tempo, sem efeitos não existe causa. 2 A causa torna-se causa devido a seus efeitos; o Pai é Pai devido a Seu Filho. 3 Os efeitos não criam a própria causa, mas estabelecem a sua causalidade. 4 Assim o Filho dá a Paternidade a seu Criador e recebe a dádiva que deu a Ele. 5 E porque ele é o Filho de Deus tem que ser também um pai, que cria como Deus o criou. 6 O círculo da criação não tem fim. 7 Seu início e seu fim são o mesmo. 8 Mas, em si, ele contém todo o universo da criação sem começo e sem fim.

T-28.II.2. Paternidade é criação. 2 O amor tem que ser estendido. 3 A pureza não se confina. 4 Faz parte da natureza do inocente jamais estar contido, sem barreira ou limitação. 5 Assim, a pureza não é do corpo. 6 Também não é possível achá-la onde existe limitação. 7 O corpo pode ser curado pelos efeitos da pureza, que são tão ilimitados quanto ela, própria. 8 No entanto, toda cura tem que vir a ser porque se reconhece que a mente não está dentro do corpo e a inocência da mente está bem separada do corpo, está lá onde reside a cura. 9 Onde, então, se encontra a cura? 10 Só onde está a causa da cura são dados os seus efeitos. 11 Pois a doença é uma tentativa sem significado de dar efeitos a algo que carece de causa e de fazer dele uma causa.

T-28.II.3. Na doença, o Filho de Deus sempre procura fazer de si mesmo a sua própria causa e não se permitir ser o Filho de seu Pai. 2 Com esse desejo impossível, ele não acredita que é o efeito do Amor e ele mesmo tem que ser a própria causa devido ao que ele é. 3 A causa da cura é a única Causa de todas as coisas. 4 Ela tem apenas um efeito. 5 E nesse reconhecimento não se dá quaisquer efeitos ao que carece de causa e nenhum efeito é visto. 6 Uma mente dentro de um corpo e um mundo de outros corpos, cada um com mentes separadas, são as tuas “criações”, sendo tu a “outra” mente, que cria com efeitos que não são como tu és. 7 E enquanto “pai” dessas criações, tens que ser como elas.

T-28.II.4. Não aconteceu absolutamente nada, exceto o fato de que tu te puseste a dormir e tiveste um sonho no qual eras um estranho para ti mesmo e apenas uma parte do sonho de alguma outra pessoa. 2 O milagre não te desperta, mas te mostra quem é o sonhador. 3 Ele te ensina que existe uma escolha de sonhos enquanto ainda estás adormecido, dependendo do propósito do teu sonhar. 4 Desejas sonhos de cura ou sonhos de morte? 5 O sonho é como uma memória na qual se retrata aquilo que quiseste que te fosse mostrado.

T-28.II.5. Dentro de um armazém vazio, com portas abertas, estão guardados todos os teus retalhos de memórias e sonhos. 2 Entretanto, se tu és aquele que sonha, pelo menos isso percebes: que causaste o sonho e podes igualmente aceitar um outro sonho. 3 Mas para que se dê essa mudança no conteúdo do sonho, é preciso que se reconheça que foste tu aquele que sonhou o sonho do qual não gostas. 4 Ele não passa de um efeito que tu causaste, e não queres ser a causa desse efeito. 5 Nos sonhos de assassinato e de ataque, és a vítima em um corpo abatido, à morte. 6 Mas nos sonhos de perdão, não se pede a ninguém que seja vítima e sofredor. 7 Estes são os sonhos felizes pelos quais o milagre substitui o teu. 8 Ele não pede que faças outro; só que vejas que fizeste aquele que queres substituir por esse.

T-28.II.6. Esse mundo não tem causa, assim como qualquer sonho que qualquer pessoa tenha sonhado dentro dele. 2 Não existem planos possíveis e não se pode achar nenhum projeto que seja compreensível. 3 Que outra coisa se poderia esperar de algo que carece de causa? 4 Ao mesmo tempo, se não tem causa, não tem propósito. 5 Podes causar um sonho, mas nunca darás a ele efeitos reais. 6 Isso mudaria a causa do sonho, e é isso o que não podes fazer. 7 O sonhador de um sonho não está desperto, mas não sabe que dorme. 8 Ele vê ilusões de si mesmo como estando doente ou bem, deprimido ou feliz, mas sem uma causa estável com efeitos garantidos.

T-28.II.7. O milagre estabelece que tu estás sonhando um sonho e que o seu conteúdo não é verdadeiro. 2 Esse é um passo crucial para se lidar com ilusões. 3 Ninguém tem medo delas quando percebe que as inventou. 4 O medo mantinha-se em seu lugar porque ele não havia visto que era o autor do sonho e não uma de suas figuras. 5 Ele dá a si mesmo as conseqüências que sonha ter dado a seu irmão. 6 E é apenas isso o que o sonho juntou e ofereceu a ele, para mostrar-lhe que os seus desejos foram realizados. 7 Assim ele teme o próprio ataque, mas o vê nas mãos de outrem. 8 Como vítima, sofre em função dos efeitos do ataque, mas não do que o causou. 9 Ele não foi o autor do próprio ataque, e é inocente em relação ao que causou. 10 O milagre nada faz senão mostrar-lhe que ele não fez nada. 11 O que ele teme é uma causa sem as conseqüências que fariam dela uma causa. 12 E, portanto, isso nunca existiu.

T-28.II.8. A separação teve início com o sonho de que o pai foi destituído de Seus Efeitos e ficou impotente para mantê-las, já que não era mais o seu Criador. 2 No sonho, o sonhador fez a si próprio. 3 Mas o que ele fez voltou-se contra ele tomando o papel de seu criador, como tinha feito o sonhador. 4 Assim como ele odiou o seu Criador, as figuras no sonho o odiaram. 5 O seu corpo é escravo dessas figuras, do qual abusam porque os motivos que ele conferiu ao corpo elas adotaram como seus próprios. 6 E odeiam o corpo pela vingança que ele quer fazer com que recaia sobre elas. 7 Mas é a vingança dessas figuras em relação ao corpo que parece provar que o sonhador não poderia ter sido o autor do sonho. 8 O efeito e a causa são, em primeiro lugar, separados e depois revertidos de tal modo que o efeito vem a ser uma causa e a causa um efeito.

T-28.II.9. Esse é o passo final da separação, com o qual a salvação, que procede no sentido oposto, começa. 2 Esse passo final é um efeito do que aconteceu anteriormente, mas aparece como causa. 3 O milagre é o primeiro passo na devolução à Causa da função da causalidade, não do efeito. 4 Pois essa confusão produziu o sonho e enquanto ela durar o despertar será temido. 5 O chamado para o despertar também não será ouvido, porque parece ser o chamado para o medo.

T-28.II.10. Como toda lição que o Espírito Santo solicita que aprendas, o milagre é claro. 2 O milagre demonstra o que Ele quer que aprendas e que os seus efeitos são aquilo que tu queres. 3 Nos Seus sonhos de perdão os efeitos dos teus são desfeitos e inimigos odiados são percebidos como amigos com intenção misericordiosa. 4 A sua inimizade é vista agora como não tendo causa porque eles não a fizeram. 5 E podes aceitar o papel de autor do seu ódio, porque vês que ele não tem quaisquer efeitos. 6 Agora estás livre dessa parte do sonho; o mundo é neutro e os corpos que ainda parecem se movimentar como coisas separadas não precisam ser temidos. 7 E assim eles não estão doentes.

T-28.II.11. O milagre devolve a causa do medo a ti que a fizeste. 2 Mas ele mostra também que, não tendo efeitos, não é uma causa, porque a função da causalidade é ter efeitos. 3 E onde os efeitos se foram, não há causa. 4 Assim o corpo é curado pelos milagres porque eles mostram que foi a mente que fez a doença e empregou o corpo como vítima ou efeito do que fez. 5 Entretanto, meia lição não ensinará o todo. 6 O milagre será inútil se aprenderes somente que o corpo pode ser curado, pois não é essa a lição que ele foi enviado a ensinar. 7 A lição mostra que a mente que pensou que o corpo pudesse estar doente é que estava doente; a projeção da culpa da mente para fora nada causou e não teve quaisquer efeitos.

T-28.II.12. Esse mundo está cheio de milagres. 2 Eles estão em silêncio radiante ao lado de cada sonho de dor e de sofrimento, de pecado e de culpa. 3 Eles são a alternativa para o sonho, a escolha de ser o sonhador ao invés de negar o papel ativo na invenção do sonho. 4 Eles são os efeitos felizes de trazer de volta a conseqüência da doença à sua causa. 5 O corpo é liberado porque a mente reconhece: “Isso não está sendo feito a mim, mas eu estou fazendo isso.” 6 E, desse modo, a mente está livre para fazer uma outra escolha. 7 Tendo aqui o seu início, a salvação procederá para mudar o curso de cada passo na descida para a separação até que todos os passos tenham sido retraçados, a escada tenha desaparecido e todo o sonhar do mundo tenha sido desfeito.

T-28.III. O acordo de união

T-28.III.1. Aquilo que aguarda em certeza perfeita, além da salvação, não é nossa preocupação. 2 Pois mal começaste a permitir que os teus primeiros passos incertos sejam dirigidos para subir a escada que a separação te fez descer. 3 O milagre é a tua única preocupação no presente. 4 É aqui que devemos começar. 5 E, tendo começado, o caminho tornar-se-á sereno e simples na subida para o despertar e o fim do sonho. 6 Quando

aceitas um milagre, não acrescentas o teu sonho de medo a outro que já está sendo sonhado. 7 Sem apoio, o sonho apagar-se-á, pois não tem efeitos. 8 Pois é o teu apoio que o fortalece.

T-28.III.2. Nenhuma mente é doente enquanto outra mente não concorde que elas estão separadas. 2 E assim, a decisão que tomam de serem doentes é conjunta. 3 Se não dás o teu acordo e aceitas o papel que desempenhas para fazer com que a doença seja real, a outra mente não pode projetar a própria culpa sem a tua ajuda em permitir a ela que se perceba como separada e à parte de ti. 4 Assim, o corpo não é percebido como doente por ambas as mentes, de pontos de vista separados. 5 A união com a mente de um irmão impede a causa da doença e os efeitos percebidos. 6 A cura é o efeito de mentes que se unem, assim como a doença vem de mentes que se separam.

T-28.III.3. O milagre nada faz justamente porque as mentes estão unidas e não podem se separar. 2 Entretanto, no sonho, isso foi revertido e mentes separadas são vistas como corpos, que são separados e não podem unir-se. 3 Não permitas que o teu irmão seja doente, pois se ele for, tu o terás abandonado ao seu próprio sonho por compartilhá-lo com ele. 4 Ele não viu a causa da doença onde ela está e tu ignoraste a brecha entre vós, onde a doença foi gerada. 5 Assim, vós estais unidos na doença para preservar a pequena brecha sem cura, na qual a doença é mantida, cuidadosamente protegida, alimentada e apoiada por uma forte crença, contanto que Deus não venha fazer uma ponte sobre essa pequena brecha, ponte essa que conduz a Ele. 6 Não lutes contra a vinda de Deus com ilusões, pois é a vinda de Deus que queres acima de todas as coisas que parecem cintilar no sonho.

T-28.III.4. O fim do sonho é o fim do medo e o amor nunca esteve no mundo dos sonhos. 2 A brecha é pequena. 3 Entretanto, guarda as sementes da pestilência e de toda forma de enfermidades porque é um desejo de manter à parte e não de unir. 4 E desse modo aparenta dar uma causa à doença, que não é o que a causou. 5 O propósito da brecha é toda a causa da doença. Pois ela foi feita para manter-te separado, em um corpo que vês como se fosse a causa da dor.

T-28.III.5. A causa da dor é a separação, não o corpo, que é apenas o seu efeito. 2 No entanto, a separação não passa de um espaço vazio, que nada engloba, que nada faz, tão sem substância quanto o vazio entre as ondas que um navio faz ao passar. 3 E é preenchido com a mesma rapidez com que a água corre para fechar a brecha e as ondas se juntam para cobri-la. 4 Onde está a brecha entre as ondas depois que elas se unem e cobrem o espaço que parecia mantê-las separadas por um breve momento? 5 Onde estão as justificativas para a doença quando as mentes se uniram para fechar a pequena brecha entre elas, onde as sementes da doença aparentemente cresciam?

T-28.III.6. Deus constrói a ponte, mas só no espaço deixado limpo e vago pelo milagre. 2 As sementes da doença e a vergonha da culpa Ele não pode fazer passar por Sua ponte, pois Ele não pode destruir a vontade alheia que não criou. 3 Deixa que os seus efeitos desapareçam e não te agarres a eles com mãos ansiosas para guardá-los para ti mesmo. 4 O milagre os varrerá todos e assim abrirá espaço para Ele, Que tem Vontade de vir e fazer uma ponte para que o Seu Filho retorne a Ele Mesmo.

T-28.III.7. Conta, então, os milagres de prata e os sonhos dourados de felicidade como todo o tesouro que queres guardar dentro do armazém do mundo. 2 A porta está aberta, não para os ladrões, mas para os teus irmãos famintos, que se enganaram e viram ouro cintilar em uma pedrinha e armazenaram um punhado de neve que brilhava como se fosse prata. 3 Eles nada têm, não sobrou nada atrás da porta aberta. 4 O que é o mundo senão uma pequena brecha que é percebida com o fim de rasgar a eternidade e fragmentá-la em dias, meses e anos? 5 E o que és tu que vives dentro do mundo, senão um retrato do Filho de Deus partido em pedaços, cada um escondido dentro de uma porção separada e incerta feita de barro?

T-28.III.8. Não temas, minha criança, mas deixa que o teu mundo seja gentilmente iluminado por milagres. 2 E onde a pequena brecha foi vista, entre tu e o teu irmão, lá une-te a ele. 3 E assim a doença agora será vista sem causa alguma. 4 O sonho da cura está no perdão e gentilmente te mostra que nunca pecaste. 5 O milagre não deixará nenhuma prova de culpa capaz de te trazer o testemunho daquilo que nunca foi. 6 E no teu armazém ele abrirá um espaço de boas-vindas para o teu Pai e para o teu Ser. 7 A porta está aberta para que todos aqueles que não querem mais morrer de fome possam vir e usufruir da festa da abundância posta diante deles ali. 8 E encontrar-se-ão com os teus Hóspedes, que o milagre convidou para que viessem a ti.

T-28.III.9. Essa é uma festa que, de fato, é diferente daquelas que o sonho do mundo tem mostrado. 2 Pois aqui, quanto mais cada um recebe, mais fica para todos os outros compartilharem. 3 Os Hóspedes trouxeram com Eles um suprimento ilimitado. 4 E ninguém é privado de nada nem é capaz de privar. 5 Aqui está uma festa que o Pai coloca diante do Seu Filho e compartilha com ele igualmente. 6 E no Seu compartilhar não pode existir nenhuma brecha à qual falte a abundância ou na qual ela se reduza. 7 Aqui não entram os anos magros, pois o tempo não afeta essa festa que não tem fim. 8 Pois o Amor pôs a sua mesa no espaço que parecia manter os teus Hóspedes à parte de ti.

T-28-IV. A união maior

T-28.IV.1. Aceitar a Expição para ti mesmo significa não dar apoio ao sonho de doença e morte de ninguém. 2 Significa que não compartilhas o seu desejo de separar-se e permitir que ele dirija ilusões contra si mesmo. 3 Tu também não desejas que essas ilusões, ao invés disso, sejam dirigidas contra ti. 4 Assim, elas não têm efeitos. 5 E estás livre de sonhos de dor porque permitiste que ele estivesse. 6 A não ser que o ajudes, sofrerás dor com ele, porque esse é o teu desejo. 7 E vens a ser uma figura no seu sonho de dor, assim como ele no teu. 8 Dessa forma, tu e o teu irmão, ambos vêm a ser ilusões sem identidade. 9 Tu poderias ser qualquer pessoa ou qualquer coisa, dependendo de quem é o sonho mau que compartilhas. 10 Só podes estar certo de uma coisa: de que és mau, porque compartilhas sonhos de medo.

T-28.IV.2. Existe um caminho para encontrar a certeza exatamente aqui e agora. 2 Recusa-te a ser parte de quaisquer sonhos de medo seja qual for a forma que tomem, pois neles perderás a identidade. 3 Tu te achas por não aceitá-los como a tua causa, capaz de produzir efeitos em ti. 4 Tu estás à parte deles, mas não à parte daquele que os sonha. 5 Assim, separas o sonhador do sonho, e te unes a um, mas deixas que o outro se vá. 6 O sonho não é senão uma ilusão na mente. 7 E com a mente queres unir-te, mas nunca com o sonho. 8 É o sonho que temes e não a mente. 9 Tu os vês como o mesmo porque pensas que tu és apenas um sonho. 10 E o que é real e o que em si mesmo é apenas uma ilusão tu não sabes e nem és capaz de distinguir entre um e outro.

T-28.IV.3. Como tu, o teu irmão pensa que ele é um sonho. 2 Não compartilhes a sua ilusão a respeito de si próprio, pois a tua identidade depende da sua realidade. 3 Ao invés disso, pensa nele como uma mente na qual as ilusões ainda persistem, mas uma mente que é tua irmã. 4 Ele não é teu irmão em função daquilo que sonha, nem é o corpo o “herói” do sonho, o teu irmão. 5 É a sua realidade que é o teu irmão, assim como a tua para com ele. 6 A tua mente e a sua estão unidas em fraternidade. 7 O seu corpo e os seus sonhos apenas parecem fazer uma pequena brecha, onde os teus uniram-se aos seus.

T-28.IV.4. No entanto, entre as vossas mentes não existe nenhuma brecha. 2 Unir-te aos sonhos do teu irmão é, na verdade, não encontrá-lo, porque os seus sonhos separar-se-iam de ti. 3 Portanto, libera-o, simplesmente reivindicando a fraternidade, ao invés dos sonhos de medo. 4 Permite que ele reconheça quem ele é, não dando apoio às ilusões do teu irmão por meio da tua fé, pois se o fizeres, terás fé nas tuas. 5 Com fé nas tuas ilusões, ele não será liberado e tu és mantido em cativeiro, preso aos seus sonhos. 6 E sonhos de medo assombrarão a pequena brecha habitada apenas por ilusões, que tu apoiaste na mente do teu irmão.

T-28.IV.5. Fica certo de que se fizeres a tua parte ele fará a sua, pois ele se unirá a ti onde tu estás. 2 Não chames por ele para que venha encontrar-te na brecha que está entre vós, ou terás que acreditar que a brecha é a tua realidade bem como a sua. 3 Não podes fazer a parte do teu irmão, mas é isso o que fazes quando te tornas uma figura passiva nos seus sonhos em vez de ser o sonhador do teu próprio sonho. 4 A identidade nos sonhos não tem significado, porque o sonhador e o sonho são um só. 5 Quem compartilha um sonho tem que ser o sonho que compartilha, porque pelo compartilhar se produz uma causa.

T-28.IV.6. Tu compartilhas a confusão e és confuso, pois nessa brecha não existe nenhum ser estável. 2 O que é o mesmo parece ser diferente, porque o que é o mesmo parece ser distinto. 3 Os seus sonhos são teus porque permites que sejam. 4 Mas, se removesses os teus, ele ficaria livre deles e dos seus próprios também. 5 Os teus sonhos são testemunhas dos seus e os seus atestam a verdade dos teus. 6 Entretanto, se vês que não existe verdade nos teus, os seus desaparecerão e ele compreenderá o que deu origem ao sonho.

T-28.IV.7. O Espírito Santo está nas mentes de ambos e Ele é Um porque não existe nenhuma brecha que separe a Sua Unicidade de Si própria. 2 A brecha entre os vossos corpos não importa, pois o que é unido Nele é sempre uno. 3 Ninguém é doente se alguém aceita a própria união com ele. 4 O seu desejo de ser uma mente

doente e separada não pode continuar sem uma testemunha ou uma causa. 5 E ambas se vão se alguém quer ser unido a ele. 6 Ele tem sonhos nos quais estava separado do seu irmão, o qual, ao não compartilhar o seu sonho, deixou vago o espaço entre eles. 7 E o Pai vem para unir-Se a Seu Filho, a quem o Espírito Santo Se uniu.

T-28.IV.8. A função do Espírito Santo é tomar o retrato quebrado do Filho de Deus e colocar as partes no lugar outra vez. 2 Esse retrato santo, inteiramente curado, Ele estende a cada pedaço separado que pensa ser um retrato em si mesmo. 3 A cada um deles, Ele oferece a Identidade que lhe é devida, Aquela que o retrato total representa ao invés de apenas uma pequena parte quebrada que ele insistia ser ele próprio. 4 E quando ele vir esse retrato reconhecerá a si mesmo. 5 Se não compartilhas o sonho mau do teu irmão, esse é o retrato que o milagre irá colocar dentro da pequena brecha, limpa de todas as sementes de doença e pecado. 6 E aqui o Pai irá receber o Seu Filho, porque o Seu Filho foi benevolente para consigo mesmo.

T-28.IV.9. Graças Te dou, Pai, sabendo que virás para fechar cada pequena brecha que existe entre os pedaços quebrados do Teu Filho santo. 2 A Tua santidade, completa e perfeita, está em cada um deles. 3 E eles estão unidos porque o que está em um está em todos. 4 Como é santo o menor dos grãos de areia quando ele é reconhecido como parte do retrato completo do Filho de Deus! 5 As formas que os pedaços quebrados parecem tomar nada significam. 6 O todo está em cada um. 7 E cada aspecto do Filho de Deus é exatamente o mesmo que qualquer outra parte.

T-28.IV.10. Não te unas aos sonhos do teu irmão, mas une-te a ele, e onde te unes ao Seu Filho, lá está o Pai. 2 Quem busca substitutos quando percebe que nada perdeu? 3 Quem iria querer os “benefícios” da doença quando recebeu a felicidade simples da saúde? 4 O que Deus deu não pode ser perda e o que não pertence a Ele não tem efeitos. 5 O que, então, irias tu perceber dentro dessa brecha? 6 As sementes da doença vêm da crença em que existe alegria na separação e desistir dela seria um sacrifício. 7 Mas, quando não insistes em ver na brecha o que não está lá, os milagres são o resultado. 8 A tua disponibilidade para deixar que as ilusões desapareçam é tudo o que Aquele Que cura o Filho de Deus requer. 9 Ele colocará o milagre da cura onde estavam as sementes da doença. 10 E não haverá nenhuma perda, apenas ganho.

T-28.V. A alternativa para os sonhos de medo

T-28.V.1. Qual é o sentido da doença senão um sentido de limitação? 2 De um *rompimento* e de uma *separação*? 3 Uma brecha que é percebida entre tu e o teu irmão e o que é agora visto como saúde? 4 E assim o que é bom é visto como se estivesse do lado de fora, o mal do lado de dentro. 5 E assim a doença separa o ser do que é bom e mantém o mal dentro dele. 6 Deus é a Alternativa para os sonhos de medo. 7 Aqueles que os compartilham não podem nunca compartilhar em Deus. 8 Mas aqueles que recusam que as suas mentes compartilhem esses sonhos, estão compartilhando-O. 9 Não existe nenhuma outra escolha. 10 A não ser que tu compartilhes de algo, nada pode existir. 11 E tu existes porque Deus compartilhou a Sua Vontade contigo para que a Sua criação pudesse criar.

T-28.V.2. É o compartilhar dos sonhos maus de ódio e malícia, amargura e morte, pecado e sofrimento, dor e perda que faz com que eles sejam reais. 2 Sem o compartilhar, são percebidos como sem significado. 3 O medo retira-se deles porque tu não lhes deste o teu apoio. 4 No amor não existe medo, porque não existem outras alternativas além destas. 5 Onde um aparece, o outro desaparece. 6 E aquele que compartilhas vem a ser o único que tens. 7 Tu tens aquele que aceitas porque é o único que desejas ter.

T-28.V.3. Tu não compartilhas nenhum sonho mau se perdoas o sonhador e percebes que ele não é o sonho que fez. 2 E assim ele não pode ser uma parte do teu, do qual ambos estão livres. 3 O perdão separa o sonhador do sonho mau e assim o libera. 4 Lembra-te que, se compartilhas um sonho mau, acreditarás que és o sonho que compartilhas. 5 E temendo-o, não quererás conhecer a tua própria Identidade, porque pensas que Ela é amedrontadora. 6 E negarás o teu Ser e caminharás sobre uma terra estranha que o teu Criador não fez, onde parecerás ser algo que não és. 7 Tu farás uma guerra com o teu Ser Que parece ser teu inimigo; e atacarás o teu irmão, como parte daquilo que odeias. 8 Não há meio-termo. 9 És o teu Ser ou uma ilusão. 10 O que pode haver entre a ilusão e a verdade? 11 Uma terra intermediária, onde tu podes ser uma coisa que não és, tem que ser um sonho e não pode ser a verdade.

T-28.V.4. Concebeste uma pequena brecha entre as ilusões e a verdade para ser o lugar onde reside toda a tua segurança e onde o teu Ser está cuidadosamente escondido pelo que tu fizeste. 2 Aqui se estabelece um mundo

que é doente, e esse é o mundo que os olhos do corpo percebem. 3 Aqui estão os sons que ele ouve, as vozes que seus ouvidos foram feitos para ouvir. 4 Entretanto, as cenas e os sons que o corpo pode perceber são sem significado. 5 Ele não pode ver nem ouvir. 6 Ele não sabe o que é ver, para quê serve ouvir. 7 Ele é tão pouco capaz de perceber como de julgar, compreender ou conhecer. 8 Seus olhos são cegos, seus ouvidos surdos. 9 Ele não é capaz de pensar e, portanto, não pode ter efeitos.

T-28.V.5. Existe algo que Deus tenha criado para ser doente? 2 E o que pode existir que Ele não tenha criado? 3 Não deixes que os teus olhos contemplem um sonho, que os teus ouvidos testemunhem uma ilusão. 4 Eles foram feitos para contemplar um mundo que não está presente, para ouvir vozes que não podem produzir som algum. 5 Entretanto, existem outros sons e outras cenas que podem ser vistos, ouvidos e compreendidos. 6 Pois os olhos e os ouvidos são sentidos sem sentido, e o que vêem ou ouvem, eles apenas relatam. 7 Quem ouve e vê não são eles, mas tu, que juntas cada peça recortada, cada fiapo sem sentido e cada farrapo de evidência e fazes um testemunho do mundo que queres. 8 Não permitas que os olhos e ouvidos do corpo percebam esses fragmentos incontáveis vistos dentro da brecha que imaginaste e que eles persuadam seu autor de que as suas imaginações são reais.

T-28.V.6. A criação prova a realidade porque compartilha a função que toda criação compartilha. 2 Ela não é feita de estilhaços de vidro, um pedaço de pau, talvez um fio ou dois, tudo isso reunido para atestar a sua verdade. 3 A realidade não depende disso. 4 Não existe nenhuma brecha que separe a verdade dos sonhos e das ilusões. 5 A verdade não deixou qualquer espaço para eles em lugar algum e em tempo algum. 6 Pois ela preenche todo lugar e todo tempo e faz com que sejam totalmente indivisíveis.

T-28.V.7. Tu, que acreditas que existe uma pequena brecha entre tu e o teu irmão, não vês que é aqui que ambos estão como prisioneiros, em um mundo percebido como se estivesse existindo aqui. 2 O mundo que vês não existe, porque o lugar onde o percebes não é real. 3 A brecha é cuidadosamente escondida na névoa e retratos nebulosos surgem para cobri-la com formas vagas e incertas e figuras mutáveis, para sempre sem substância e sem segurança. 4 Entretanto, na brecha não há nada. 5 Se não existem segredos terríveis e túmulos escuros onde o terror surge dos ossos da morte. 6 Olha para a pequena brecha e contempla a inocência e o espaço vazio onde não há nenhum pecado, pois é isso o que verás dentro de ti mesmo quando tiveres perdido o medo de reconhecer o amor.

T- 28.VI. Os votos secretos

T-28.VI.1. Quem pune o corpo é insano. 2 Pois aqui a pequena brecha é vista e apesar disso, não está aqui. 3 O corpo não julgou a si mesmo, e também não fez com que ele próprio fosse o que não é. 4 Ele não busca fazer da dor uma alegria, nem procura prazer duradouro no pó. 5 Ele não te diz qual é o seu propósito e não é capaz de compreender para que serve. 6 Ele não faz vítimas porque não tem vontade, não tem preferências e não tem dúvidas. 7 Ele não tenta imaginar o que ele é. 8 E, portanto, não tem necessidade de ser competitivo. 9 Ele pode ser vitimizado, mas não pode, ele próprio, sentir-se vítima. 10 Ele não aceita nenhum papel, mas faz apenas o que lhe é dito, sem ataque.

T-28.VI.2. De fato, não faz sentido tornar algo que é incapaz de ser responsável pelo que é visto e culpá-lo pelos sons dos quais tu não gostas, apesar do corpo não poder ouvir. 2 Ele não sofre pela punição que lhe impões porque não tem sentimento. 3 Ele se comporta como tu queres, mas nunca faz a escolha. 4 Ele não nasce e não morre. 5 Ele não pode fazer outra coisa senão seguir sem objetivo o caminho no qual foi colocado. 6 E se esse caminho é mudado, ele caminha com a mesma facilidade por outro. 7 Ele não toma partidos e não julga a estrada pela qual viaja. 8 Ele não percebe nenhuma brecha porque não odeia. 9 Ele pode ser usado para o ódio, mas não pode se fazer odioso por isso.

T-28.VI.3. A coisa que tu odeias e temes, abominas e queres, o corpo não conhece. 2 Tu o envias adiante para buscar a separação e ser separado. 3 E então o odeias, não pelo que ele é, mas pelo uso que tens feito dele. 4 Tu te retrais em função do que ele vê e do que ele ouve, e odeias a sua fragilidade e pequenez. 5 E desprezas os seus atos, mas não os teus próprios. 6 Ele vê e age por ti. 7 Ele ouve a tua voz. 8 E ele é frágil e pequeno pelo teu desejo. 9 Ele parece te punir e assim merece o teu ódio pelas limitações que ele te traz. 10 Entretanto, foste tu que fizeste dele um símbolo das limitações que queres que a tua mente tenha, veja e mantenha.

T-28.VI.4. O corpo representa a brecha entre a pequena parte da mente que chamamos de tua e todo o resto do que é realmente teu. 2 Tu o odeias, no entanto, pensas que ele é o teu ser, e que sem ele, o teu ser perder-se-ia. 3 Esse é o voto secreto que fizeste com cada irmão que quer caminhar à parte. 4 Esse é o juramento secreto que retomas sempre que te percebes sendo atacado. 5 Ninguém pode sofrer se não se vê atacado e perdendo com o ataque. 6 Cada brinde feito à doença não é declarado nem ouvido na consciência. 7 No entanto, esse brinde é uma promessa a um outro, para ser ferido por ele e atacá-lo de volta.

T-28.VI.5. A doença é a raiva descarregada no corpo de tal modo que ele sofra dor. 2 É o efeito óbvio do que foi feito em segredo, de acordo com o desejo secreto de um outro de estar à parte de ti, assim como desejas estar à parte dele. 3 A não ser que ambos concordem que esse é o vosso desejo, ele não pode ter efeitos. 4 Qualquer um que diga: “Não existe nenhuma brecha entre a minha mente e a tua” manteve a promessa de Deus, não o seu diminuto juramento de ser para sempre fiel à morte. 5 Só através da sua cura o seu irmão é curado.

T-28.VI.6. Permite que seja esse o teu acordo com cada um: que sejas um com ele e não um ser à parte. 2 E ele manterá a promessa que fizeste para com ele porque é essa a promessa que ele fez a Deus, assim como Deus fez a ele. 3 Deus cumpre as Suas promessas; o Seu Filho cumpre as suas. 4 Ao criá-lo assim disse o seu Pai: “Tu és meu amado e Eu o teu para sempre. 5 Sê pois perfeito como Eu sou, pois nunca poderás estar à parte de Mim.” 6 Seu Filho não se lembra de que ele Lhe respondeu “Assim serei”, embora ele tenha nascido nesta promessa. 7 No entanto, Deus Lhe lembra dessa promessa todas as vezes que ele não compartilha uma promessa de ficar doente, mas deixa a sua mente ser curada e unificada. 8 Os seus votos secretos são impotentes diante da Vontade de Deus, Cujas promessas ele compartilha. 9 E aquilo que ele usa para substituí-las não é sua vontade, ele que se prometeu a Deus.

T-28.VII. A arca da segurança

T-28.VII.1. Deus nada pede e o Seu Filho assim como Ele nada precisa pedir. 2 Pois nele não existe nenhuma falta. 3 Um espaço vazio, uma pequena brecha, seria uma falta. 4 E é somente lá que ele poderia querer alguma coisa que não tem. 5 Um espaço onde Deus não está, uma brecha entre o Pai e o Filho não é a Vontade de Nenhum dos Dois, Que prometeram ser um só. 6 A promessa de Deus é uma promessa a Si Mesmo, e não existe ninguém que possa ser infiel ao que é Vontade de Deus como parte do que Ele é. 7 A promessa de que não existe nenhuma brecha entre Ele e o que Ele é não pode ser falsa. 8 Que vontade pode intervir entre o que é necessariamente uno e em Cujas Integridade não pode haver nenhuma brecha?

T-28.VII.2. A bela relação que manténs com todos os teus irmãos é uma parte de ti mesmo porque é uma parte do próprio Deus. 2 Acaso tu não estás doente, se negas a ti mesmo a tua integridade e a tua saúde, a Fonte da ajuda, o Chamado para a cura e o Chamado para curar? 3 O teu salvador espera pela cura e o mundo espera com ele. 4 E tu também não estás à parte do mundo. 5 Pois a cura será uma ou simplesmente não será, pois a cura está na unicidade. 6 O que poderia corrigir a separação além do seu oposto? 7 Não existe uma terra intermediária em qualquer aspecto da salvação. 8 Tu a aceitas totalmente, ou não a aceitas. 9 O que não está separado necessariamente está unido. 10 E o que está unido não pode ser separado.

T-28.VII.3. Ou existe uma brecha entre tu e o teu irmão ou vós sois como um só. 2 Não existe nada intermediário, nenhuma outra escolha e nenhuma fidelidade a ser dividida entre os dois. 3 Uma fidelidade dividida é apenas ausência de fé para com ambos e apenas te coloca num turbilhão, a agarrar-te incertamente a qualquer palha que pareça conter uma promessa de alívio. 4 Entretanto, quem pode construir sua casa sobre a palha e contar com ela como abrigo contra o vento? 5 O corpo pode tornar-se um abrigo como esse, porque a ele falta o fundamento na verdade. 6 Contudo, porque é assim, esse abrigo não pode ser visto como uma casa para ti, mas apenas como um recurso para te ajudar a alcançar a Casa onde Deus habita.

T-28.VII.4. Com esse propósito, o corpo é curado. 2 Ele não é usado para testemunhar o sonho da separação e da enfermidade. 3 Nem é ele condenado em vão pelo que não fez. 4 Ele serve para ajudar a cura do Filho de Deus e para esse propósito não pode estar doente. 5 Ele não irá unir-se a um propósito que não seja o teu próprio, e tu escolheste que ele não fique doente. 6 Todos os milagres se baseiam nesta escolha e te são dados no instante em que ela é feita. 7 Nenhuma forma de doença está imune, porque a escolha não pode ser feita em

termos de forma. 8 A escolha da doença parece ser uma escolha de forma, no entanto, ela é uma só, assim como o seu oposto. 9 E tu estás doente ou saudável correspondentemente.

T-28.VII.5. Mas nunca estás sozinho. 2 Esse mundo é apenas um sonho segundo o qual podes estar sozinho e podes pensar sem afetar aqueles que estão à parte de ti. 3 Estar sozinho necessariamente significa estar à parte, e se estás, só podes estar doente. 4 Isso parece provar que não podes deixar de estar à parte. 5 No entanto, tudo o que isso significa é que tentaste manter uma promessa de ser fiel à ausência de fé. 6 Apesar disso, a ausência de fé é doença. 7 É como a casa construída sobre a palha. 8 Ela parece ser bastante sólida e ter substância em si mesma. 9 No entanto, a sua estabilidade não pode ser julgada à parte do seu fundamento. 10 Se ela se baseia na palha, não há necessidade de bloquear a porta e de trancar as janelas, fechando os ferrolhos. 11 O vento soprará, a chuva cairá e ela será carregada para o esquecimento.

T-28.VII.6. Qual é o sentido de se buscar estar a salvo naquilo que foi feito para o perigo e para o medo? 2 Por que sobrecarregá-lo com mais cadeados e correntes, com âncoras pesadas, se a sua fraqueza não está nele mesmo, mas na fragilidade da pequena brecha feita do nada sobre a qual ele se encontra? 3 O que pode estar seguro baseado em uma sombra? 4 Irias tu construir a tua casa sobre algo que desmoronaria sob o peso de uma pluma?

T-28.VII.7. A tua casa é construída sobre a saúde do teu irmão, sobre a sua felicidade, a sua impecabilidade, e sobre tudo o que o seu Pai prometeu a ele. 2 Nenhuma promessa secreta que tenhas feito no lugar daquela abalou o Fundamento da sua casa. 3 Os ventos soprarão sobre ela e a chuva cairá, mas sem efeito algum. 4 O mundo será levado pelas águas e, no entanto, essa casa não cairá, pois a sua força não está apenas em si mesma. 5 Ela é uma arca de segurança, que se baseia na promessa de Deus de que o Seu Filho está para sempre a salvo Nele. 6 Que brecha pode interpor-se entre a segurança deste abrigo e a sua Fonte? 7 Daqui, o corpo pode ser visto como é, nada mais e nada menos do que o valor que ele tem na medida, em que pode ser usado para liberar o Filho de Deus para a sua própria casa. 8 E com esse propósito santo ele vem a ser um lar de santidade por um momento breve, porque compartilha a Vontade do teu Pai para contigo.

Fim do Capítulo 28 - Página 651

Capítulo 29

O DESPERTAR

I. Fechar a brecha

T-29.I.1. Não existe tempo, lugar ou estado dos quais Deus esteja ausente. 2 Não existe nada a ser temido. 3 Não existe nenhuma forma na qual se possa conceber uma brecha na Integridade que Lhe é própria. 4 A transigência que a menos importante e a menor das brechas representaria no Seu Amor eterno é completamente impossível. 5 Pois isso significaria que o Seu Amor seria capaz de abrigar a mais leve sugestão de ódio, que a Sua gentileza pudesse em algum momento se transformar em ataque e que a Sua paciência eterna pudesse às vezes falhar. 6 Acreditas em tudo isso sempre que percebes uma brecha entre tu e o teu irmão. 7 Como poderias então confiar Nele? 8 Pois assim Ele não pode deixar de decepcionar em Seu Amor. 9 Portanto, é preciso que estejas alerta: não permitas que Ele chegue perto demais e deixa uma brecha entre tu e o Seu Amor, através da qual possas escapar se houver necessidade de fugir.

T-29.I.2. Aqui se vê com a maior clareza o medo de Deus. 2 Pois o amor é traiçoeiro para aqueles que têm medo, uma vez que o medo e o ódio não podem nunca estar à parte. 3 Ninguém que tenha ódio deixa de ter medo do amor e, por conseguinte, tem que ter medo de Deus. 4 É certo que ele não sabe o que o amor significa. 5 Ele teme amar e ama odiar e assim pensa que o amor é amedrontador, que o ódio é amor. 6 Essa é a consequência que a pequena brecha necessariamente traz àqueles que a apreciam e acham que ela é a sua salvação e a sua esperança.

T-29.I.3. O medo de Deus! 2 O maior obstáculo que a paz tem que atravessar ainda não se foi. 3 O resto é passado, mas esse ainda permanece para bloquear a tua estrada e fazer o caminho para a luz parecer escuro e amedrontador, perigoso e desolado. 4 Decidiste que teu irmão é o teu inimigo. 5 Às vezes um amigo, talvez, contanto que os vossos interesses separados façam com que a vossa amizade seja possível por um pequeno período de tempo. 6 Mas não sem uma brecha, que é percebida entre tu e ele, porque ele pode se tornar de novo

um inimigo. 7 Deixaste que ele viesse para perto de ti e deste um pulo para trás; assim que tu te aproximaste, ele instantaneamente recuou. 8 Uma amizade cautelosa, em escala limitada e cuidadosamente restrita em quantidade veio a ser o tratado que fizeste com ele. 9 Assim tu e teu irmão apenas compartilharam um pacto definido, no qual uma cláusula de separação foi o ponto que ambos concordaram em manter intacto. 10 E a violação dessa cláusula era vista como um rompimento do tratado que não seria permitido.

T-29.I.4. A brecha entre tu e teu irmão não diz respeito ao espaço entre dois corpos separados. 2 E isso apenas parece estar dividindo as vossas mentes separadas. 3 É o símbolo de uma promessa feita para que vos encontreis quando for preferível para ti e vos separeis até que seja vossa escolha encontrar-vos outra vez. 4 E então os vossos corpos parecem entrar em contato e através disso dar significado a um ponto de encontro para a união. 5 Mas é sempre possível para ti e para ele tomar os vossos caminhos diferentes. 6 Com a condição do “direito” da separação, tu e ele concordareis em um encontro de vez em quando e manter-vos-eis à parte um do outro nos intervalos de separação que, de fato, te protege do “sacrifício” do amor. 7 O corpo te salva, pois ele foge do sacrifício total e te dá tempo de construir outra vez o teu ser separado, o qual acreditas verdadeiramente que diminui à medida que tu e teu irmão vos encontrais.

T-29.I.5. O corpo não poderia separar a tua mente da mente do teu irmão, exceto se quisesses que ele fosse causa de separação e de distanciamento entre tu e ele. 2 Assim lhe atribuis um poder que não está nele. 3 E aí está o poder que o corpo tem sobre ti. 4 Pois agora pensas que é ele que determina quando tu e teu irmão vos encontrais e que ele limita a tua capacidade de comungar mentalmente com o teu irmão. 5 E agora ele te diz aonde ir e como chegar lá, o que é viável para empreenderes, e o que não és capaz de fazer. 6 Ele dita o que a sua saúde é capaz de tolerar e o que irá cansá-lo e fazê-lo adoecer. 7 E as suas fraquezas “inerentes” estabelecem os limites do que queres fazer e mantêm o teu propósito limitado e fraco.

T-29.I.6. O corpo acomodar-se-á a isso, se quiseres que seja assim. 2 Ele permitirá apenas indulgências limitadas ao “amor”, com intervalos de ódio entre eles. 3 E ele comandará quando “amar” e quando deverás retrair-te com mais segurança para o medo. 4 Ele ficará doente porque tu não sabes o que o amor significa. 5 E assim tens que usar equivocadamente cada circunstância e cada pessoa que encontras e ver nelas um propósito que não é o teu.

T-29.I.7. Não é o amor que pede sacrifício. 2 Mas é o medo que exige o sacrifício do amor, pois na presença do amor o medo não pode habitar. 3 Pois para que o ódio seja mantido, o amor tem que ser temido; tem que estar presente apenas algumas vezes, outras vezes deve desaparecer. 4 Assim o amor é visto como traiçoeiro porque ele parece ir e vir de forma incerta, sem te oferecer nenhuma estabilidade. 5 Não vês como é limitada e fraca a tua aliança, e com que frequência exigiste que o amor fosse embora e te deixasse serenamente só, em “paz”.

T-29.I.8. O corpo, inocente de qualquer meta que seja, é a tua desculpa para as várias metas que manténs e forças o corpo a manter. 2 Não temes a sua fraqueza, mas a sua falta de força ou fraqueza. 3 Queres ter o conhecimento de que nada se interpõe entre tu e teu irmão? 4 Queres saber que não existe nenhuma brecha atrás da qual possas te esconder? 5 Há um choque que vem àqueles que aprendem que o seu salvador já não é mais seu inimigo. 6 Há um estado de alerta que surge com o aprendizado de que o corpo não é real. 7 E existem implicações que parecem ser feitas de medo em torno da mensagem feliz, “Deus é Amor.”

T-29.I.9. Entretanto, tudo o que acontece quando a brecha se vai é a paz eterna. 2 Nada mais do que isso e nada menos. 3 Sem o medo de Deus, o que poderia te induzir a abandoná-lo? 4 Que brinquedos ou truques poderiam existir na brecha capazes de te afastar por um instante do Seu Amor? 5 Permitirias que o corpo dissesse “não” ao chamado do Céu, caso não tivesses medo de encontrar a perda do teu ser ao achar Deus? 6 Entretanto, é possível que o teu ser se perca por se achar?

T-29.II. A vinda do Hóspede

T-29.II.1. Por que não perceberias como liberação do sofrimento o fato de aprenderes que tu és livre? 2 Por que não aclamarias a verdade ao invés de olhá-la como um inimigo? 3 Por que um atalho fácil, traçado com tanta clareza, que é impossível perder o caminho, parece espinhoso, duro e por demais difícil para que tu o sigas? 4 Não será porque o vês como a estrada para o inferno, em vez de olhares para ele como um caminho simples, sem sacrifício e sem qualquer perda para que te encontres no Céu e em Deus? 5 Até que te dês conta de que não desistes de nada, até que compreendas que não existe perda alguma, terás alguns arrependimentos acerca do

caminho que escolheste. 6 E não verás os muitos ganhos que a tua escolha te ofereceu. 7 Entretanto, embora tu não os vejas, eles estão presentes. 8 O que os causou teve efeitos, e eles não podem deixar de estar presentes onde a sua causa introduziu-se.

T-29.II.2. Aceitaste a causa da cura e, portanto, necessariamente estás curado. 2 E estando curado, o poder de curar também tem que ser teu agora. 3 O milagre não é uma coisa separada que acontece repentinamente, como um efeito sem uma causa. 4 Em si mesmo, ele também não é uma causa. 5 Mas onde está a sua causa, ele tem que estar. 6 Nesse momento, ele já foi causado, embora ainda não seja percebido. 7 E os seus efeitos estão presentes, embora ainda não sejam vistos. 8 Olha para dentro agora e não contemplarás uma razão para o arrependimento, mas causa para regozijar-te, de fato, em contentamento e para teres esperança de paz.

T-29.II.3. Tem sido desesperador tentar achar a esperança da paz em um campo de batalha. 2 Tem sido fútil pedir para escapar do pecado e da dor àquilo que foi feito para servir à função de reter o pecado e a dor. 3 Pois a dor e o pecado são uma única ilusão, assim como o ódio e o medo, o ataque e a culpa são um só. 4 Aonde eles não têm causa, os seus efeitos desaparecem e o amor necessariamente vem a qualquer lugar onde eles não estão. 5 Por que não estás te regozijando? 6 Estás livre da dor e da doença, da miséria e da perda, e de todos os efeitos do ódio e do ataque. 7 A dor não mais é tua amiga, a culpa não é mais teu deus, e deverias dar boas-vindas aos efeitos do amor.

T-29.II.4. O teu Hóspede *veio*. 2 Tu convidaste e Ele veio. 3 Não O ouviste entrar, pois não Lhe deste as boas-vindas totalmente. 4 No entanto, as Suas dádivas vieram com Ele. 5 Ele as depositou aos teus pés, e agora te pede que olhes para elas e as recebas como tuas. 6 Ele necessita da tua ajuda para dá-las a todos os que caminham à parte, acreditando que estão separados e sozinhos. 7 Eles serão curados quando aceitares as tuas dádivas, porque o teu Hóspede dará boas-vindas a todos cujos pés tiverem tocado a terra santa na qual tu estás e onde as Suas dádivas para eles foram depositadas.

T-29.II.5. Não vês quanto podes dar agora devido a tudo o que recebeste. 2 Entretanto, Aquele Que entrou apenas espera que venhas para onde O convidaste a estar. 3 Não existe nenhum outro lugar onde Ele possa achar o Seu anfitrião, nem onde o Seu anfitrião possa encontrá-Lo. 4 E em nenhum outro lugar as Suas dádivas de paz e de alegria podem ser recebidas, e toda a felicidade que a Sua Presença traz pode ser obtida. 5 Pois elas estão onde Aquele Que as trouxe Consigo está, para que possam ser tuas. 6 Não podes ver o teu Hóspede, mas podes ver as dádivas que Ele trouxe. 7 E quando olhares para elas acreditarás que a Sua Presença tem que estar lá. 8 Pois o que és capaz de fazer agora não poderia ser feito sem a graça e o amor que a Sua Presença contém.

T-29.II.6. Tal é a promessa do Deus vivo: que o Seu Filho tenha vida e tudo o que vive seja parte dele e nenhuma outra coisa tenha vida. 2 Aquilo a que deste “vida” não está vivo, e simboliza apenas o teu desejo de estar vivo à parte da vida, vivo na morte, com a morte percebida como vida, e o viver como morte. 3 Aqui, confusão decorre de confusão, pois esse mundo se baseia na confusão e nada mais existe em que possa se basear. 4 A sua base não muda, embora pareça estar em mudança constante. 5 No entanto, o que é isso senão o que a confusão realmente significa? 6 A estabilidade para aqueles que estão confusos não tem significado, e o deslocamento e a mudança vem a ser a lei segundo a qual eles qualificam suas vidas.

T-29.II.7. O corpo não muda. 2 Ele representa o sonho maior de que a mudança é possível. 3 Mudar é atingir um estado que não é como aquele no qual te achavas antes. 4 Não há mudança na imortalidade e o Céu não a conhece. 5 No entanto, aqui na terra ela tem um propósito duplo, pois pode ser feita para ensinar coisas opostas. 6 E refletem o professor que está ensinando-as. 7 O corpo pode parecer mudar com o tempo, com a doença ou com a saúde, e com eventos que parecem alterá-lo. 8 Entretanto, isso significa apenas que a mente não mudou no que diz respeito à sua crença quanto ao propósito do corpo.

T-29.II.8. A doença é uma exigência de que o corpo seja alguma coisa que ele não é. 2 Como o corpo não é nada, o nada é a garantia de que ele não pode ser doente. 3 Na tua exigência de que ele seja mais do que isso está a idéia da doença. 4 Pois ela pede que Deus seja menos do que tudo o que Ele realmente é. 5 Então o que vem a ser de ti, já que é a ti que o sacrifício é pedido? 6 Pois a Deus é dito que uma parte Sua não mais Lhe pertence. 7 Deus tem que sacrificar o teu ser, e no Seu sacrifício tu te fazes maior e Deus é diminuído por ter te perdido. 8 E o que é retirado de Deus vem a ser o teu deus, protegendo-te de ser parte Dele.

T-29.II.9. O corpo, ao qual se pede que seja um deus, será atacado porque o fato de que ele não é nada não foi reconhecido. 2 E, desse modo, ele parece ser algo com poder em si mesmo. 3 Sendo alguma coisa, ele pode ser percebido e imaginado como algo que sente e age, e te mantém em suas garras como um prisioneiro para ele mesmo. 4 E ele pode falhar em ser aquilo que existia que ele fosse. 5 E tu o odiarás pela sua pequenez, sem ter em mente que o fracasso não está no fato de que ele não é mais do que deveria ser, mas só no teu fracasso em perceber que ele não é nada. 6 No entanto, o fato do corpo não ser nada é a tua salvação, da qual queres fugir.

T-29.II.10. Sendo considerado como “alguma coisa”, pede-se ao corpo que seja inimigo de Deus, substituindo o que Ele é por pequenez, limitação e desespero. 2 É a perda de Deus que tu celebras quando contempas o corpo como uma coisa que amas, ou quando olhas para ele como algo que odeias. 3 Pois se Ele é a Soma de todas as coisas, então, o que não está Nele não existe, e a Sua completeza é a nulidade do teu corpo. 4 O teu salvador não está morto e nem ele habita naquilo que foi construído como um templo à morte. 5 Ele vive em Deus, e é isso que faz dele um salvador para contigo, e somente isso. 6 A nulidade do corpo do teu salvador libera o teu da doença e da morte. 7 Pois o que é teu não pode ser mais nem menos do que o que é seu.

T-29.III. As testemunhas de Deus

T-29.III.1. Não condenes o teu salvador porque ele pensa que é um corpo. 2 Pois além dos seus sonhos, está a sua realidade. 3 Mas, primeiro ele tem que aprender que é um salvador, antes de poder lembrar-se do que ele é. 4 E não pode deixar de salvar quem quer ser salvo. 5 A sua felicidade depende de te salvar. 6 Pois quem é o salvador senão aquele que te dá a salvação? 7 Assim ele aprende que a salvação tem que sua para poder dá-la. 8 A não ser que ele a dê, não saberá que a tem, pois o dar é a prova do ter. 9 Só aqueles que pensam que Deus é diminuído pela sua força podem deixar de compreender que isso tem que ser assim. 10 Pois quem poderia dar a não ser que tivesse, e quem poderia perder por dar o que não pode deixar de aumentar através da doação?

T-29.III.2. Pensas que o Pai perdeu a Si mesmo quando te criou? 2 Que Ele veio a ser fraco porque compartilhou o Seu Amor? 3 Tornou-se Ele incompleto pela tua perfeição? 4 Ou tu és a prova de que Ele é perfeito e completo? 5 Não negues ao Pai a Sua Testemunha no sonho que o Seu filho prefere à sua própria realidade. 6 Ele tem que ser o salvador do sonho que fez para que possa ficar livre dele. 7 Ele tem que ver um outro não como um corpo, mas em unidade com ele, sem a parede que o mundo construiu para manter à parte todas as coisas vivas que não sabem que vivem.

T-29.III.3. Dentro do sonho dos corpos e da morte existe ainda um tema verdadeiro; talvez não mais do que uma diminuta fagulha, um espaço de luz criado na escuridão onde Deus ainda brilha. 2 Tu não podes despertar a ti mesmo. 3 Entretanto, podes te permitir ser acordado. 4 Podes não ver os sonhos do teu irmão. 5 Tu és capaz de perdoar as suas ilusões tão perfeitamente, que ele vem a ser o salvador dos teus sonhos. 6 E na medida em que o vês brilhando no espaço de luz onde Deus habita dentro da escuridão, verás que o próprio Deus está presente onde está o corpo do teu irmão. 7 Diante dessa luz, o corpo desaparece do mesmo modo que as sombras pesadas têm que dar lugar à luz. 8 A escuridão não pode escolher que ele permaneça. 9 A vinda da luz significa que ele se foi. 10 Na glória, então, tu verás o teu irmão e compreenderás o que realmente preenche a brecha que há tanto tempo é percebida como aquilo que vos mantinha à parte. 11 Lá, no seu lugar, a testemunha de Deus estabeleceu o caminho gentil da benignidade para com o Filho de Deus. 12 Àquele a quem perdoas é dado o poder de perdoar as tuas ilusões. 13 Pela tua dádiva de liberdade, a liberdade te é dada.

T-29.III.4. Abre espaço para o amor, que tu não criaste, mas que és capaz de estender. 2 Na terra isso significa perdoar o teu irmão para que as trevas possam ser suspensas da tua mente. 3 Quando a luz tiver vindo a ele através do teu perdão, ele não se esquecerá do próprio salvador, deixando-o sem salvação. 4 Pois foi na tua face que ele viu a luz que quer manter perto de si n medida em que caminha através da escuridão para a Luz que dura para sempre.

T-29.III.5. Quão santo és tu, a ponto do Filho de Deus poder ser o teu salvador em meio a sonhos de desolação e desastre! 2 Vê como ele vem ansioso e dá um passo ao lado saindo das pesadas sombras que o têm escondido e deixa a sua luz brilhar sobre ti com gratidão e com amor. 3 Ele é ele próprio, mas não sozinho. 4 E assim como o seu Pai não perdeu parte dele na tua criação, assim também a luz nele é ainda mais brilhante porque tu lhe deste a tua luz para salvá-lo do escuro. 5 E agora a luz em ti tem que ser tão brilhante quanto aquela que

brilha nele. 6 Essa é a centelha que brilha dentro do sonho para que possas ajudá-lo a despertar e estejas certo de que os seus olhos despertos descansarão em ti. 7 E na sua feliz salvação, tu és salvo.

T-29.IV. Os papéis nos sonhos

T-29.IV.1. Acreditas que a verdade pode ser feita de apenas algumas ilusões? 2 Ilusões são sonhos porque não são verdadeiras. 3 A falta da verdade, que é igual em todas as ilusões, vem a ser a base para o milagre, que significa que compreendeste que sonhos são sonhos e que o escapar não depende do sonho, mas só do despertar. 4 Seria possível manter alguns sonhos e despertar de outros? 5 A escolha não se faz entre os sonhos que se deve manter, mas apenas se queres viver nos sonhos ou se queres despertar. 6 Assim é que o milagre não escolhe alguns sonhos para deixar intocados por sua beneficência. 7 Não podes sonhar alguns sonhos e despertar de outros, pois ou estás dormindo ou estás desperto. 8 E o sonhar só se dá em um desses dois casos.

T-29.IV.2. Os sonhos dos quais pensas gostar te atrasam tanto quanto aqueles nos quais o medo é visto. 2 Pois cada sonho não é senão um sonho de medo, não importa que forma pareça tomar. 3 O medo é visto dentro, fora, ou em ambos os lugares. 4 Ou pode estar disfarçado em uma forma agradável. 5 Mas nunca está ausente do sonho, pois o medo é a matéria prima dos sonhos, da qual todos são feitos. 6 A sua forma pode mudar, mas não podem ser feitos de nenhuma outra coisa. 7 O milagre seria, de fato, traiçoeiro se permitisse que continuasses amedrontado por não teres reconhecido o medo. 8 Nesse caso, não estarias disposto a despertar e o milagre prepara o caminho para o despertar.

T-29.IV.3. Na forma mais simples pode-se dizer que o ataque é uma resposta à função que não é cumprida assim como tu a percebes. 2 Ela pode estar em ti ou em alguma outra pessoa, mas aonde quer que seja percebida, lá será atacada. 3 A depressão ou a agressão tem que ser o tema de todos os sonhos, pois são feitos de medo. 4 O leve disfarce de prazer e de alegria no qual podem estar embrulhados apenas encobre ligeiramente a massa pesada de medo que é o seu núcleo. 5 E é isso o que o milagre percebe e não o invólucro no qual está preso.

T-29.IV.4. Quando estás com raiva, não é porque alguém falhou em cumprir a função que tu lhe atribuíste? 2 E isso não vem a ser a “razão” pela qual o teu ataque é justificado? 3 Os sonhos dos quais pensas que gostas são aqueles nos quais as funções que atribuíste foram cumpridas, as necessidades que estabeleceste para ti foram preenchidas. 4 Não importa se são preenchidas ou simplesmente se tu as queres. 5 É da idéia que elas existem que o medo surge. 6 Os sonhos não são mais ou menos queridos. 7 Ou são desejados ou não o são. 8 E cada um representa alguma função que atribuíste, alguma meta que um evento, um corpo ou alguma coisa *deveria* representar e *deveria* conseguir para ti. 9 Se isso tem sucesso, pensas que gostas do sonho. 10 Se falha, pensas que o sonho é triste. 11 Mas o fato de ser bem-sucedido ou de falhar não é o seu núcleo, mas apenas a fina embalagem.

T-29.IV.5. Como os teus sonhos viriam a ser felizes se tu não fosses aquele que atribui o papel “adequado” a cada figura que o sonho contém! 2 Pessoa alguma pode falhar, a não ser em relação à idéia que tu fazes dela e não existe traição exceto nisso. 3 O núcleo dos sonhos que o Espírito Santo dá nunca é um núcleo de medo. 4 As embalagens podem não parecer mudar, mas o que elas significam mudou porque estão cobrindo outra coisa. 5 As percepções são determinadas pelo seu propósito, nisso elas parecem ser aquilo para quem servem. 6 Uma figura de sombra que ataca vem a ser um irmão te dando uma chance de ajudar, se essa vem a ser a função do sonho. 7 E sonhos de tristeza são assim convertidos em alegria.

T-29.IV.6. Para que serve o teu irmão? 2 Tu não sabes, porque a tua própria função é obscura para ti. 3 Não atribuas a ele um papel que imagines que vá te trazer felicidade. 4 E não tentes feri-lo quando ele falha em aceitar o papel que lhe atribuíste naquilo que sonhas que a tua vida deveria ser. 5 Ele pede ajuda em cada sonho que tem e tu tens a ajuda para lhe dar se vires a função do sonho como o Espírito Santo a percebe, Ele, que pode utilizar todos os sonhos como meios de servir à função que Lhe é dada. 6 Porque Ele ama o sonhador, não o sonho, cada sonho vem a ser uma oferta de amor. 7 Pois no centro do sonho está o Seu Amor por ti, que ilumina qualquer forma que o sonho possa tomar com amor.

T-29.V. A morada imutável

T-29.V.1. Existe um lugar em ti onde todo esse mundo foi esquecido, onde nenhuma memória de pecado e nenhuma ilusão ainda paira. 2 Existe um lugar em ti que o tempo deixou, no qual os ecos da eternidade são ouvidos. 3 Existe um lugar de descanso tão quieto que nenhum som, a não ser um hino ao Céu, se eleva para alegrar Deus Pai e Deus Filho. 4 Onde Ambos habitam, Eles são lembrados. 5 E onde Eles estão, está o Céu e a paz.

T-29.V.2. Não penses que és capaz de mudar a Sua morada. 2 Pois a tua Identidade habita Neles, e onde Eles estão tu tens que estar para sempre. 3 A imutabilidade do Céu está em ti, tão profundamente interiorizada que tudo nesse mundo apenas passa ao largo, despercebido e sem ser visto. 4 A infinidade serena da paz sem fim te cerca gentilmente em seu abraço suave, tão forte e quieta, tão tranqüila no poder do seu Criador, que nada é capaz de invadir o sagrado Filho de Deus no seu interior.

T-29.V.3. Aqui está o papel que o Espírito Santo dá a ti, que esperas pelo Filho de Deus e queres contemplá-lo desperto e alegrar-te. 2 Ele é uma parte de ti e tu és uma parte dele, porque ele é o Filho do seu Pai, e não por nenhum outro propósito que possas ver nele. 3 Nada te é pedido, apenas que aceites o imutável e o eterno que habitam nele, pois lá está a tua Identidade. 4 A paz em ti só pode ser achada nele. 5 E cada pensamento de amor que ofereces a ele apenas te aproxima do teu despertar para a paz eterna e a alegria sem fim.

T-29.V.4. Esse sagrado Filho de Deus é como tu, o espelho do Amor do seu Pai por ti; é ele que faz lembrar com suavidade o Amor do seu Pai pelo qual ele foi criado, e que ainda habita nele tanto quanto em ti. 2 Fica muito quieto e ouve a Voz de Deus nele e permite que Ela te diga qual é a sua função. 3 Ele foi criado para que tu pudesses ser íntegro, pois só o que é completo pode ser uma parte da completeza de Deus, que te criou.

T-29.V.5. O Pai não te pede nenhuma dádiva a não ser que tu vejas em toda a criação apenas a glória brilhante da Sua dádiva para ti. 2 Eis aqui o Seu Filho, a Sua dádiva perfeita, no qual o seu Pai brilha para sempre, e a quem toda a criação é dada como se fosse propriamente sua. 3 Porque ele a tem, ela te é dada e onde ela está nele, tu contemplas a tua paz. 4 A quietude que te cerca habita nele, e dessa quietude vêm os sonhos felizes nos quais as tuas mãos e as suas estão unidas em inocência. 5 Estas não são mãos que se agarram em sonhos de dor. 6 Elas não seguram nenhuma espada, pois soltaram os seus apegos em relação a qualquer vã ilusão do mundo. 7 E estando vazias, em vez de ilusões, elas recebem a mão de um irmão na qual se encontra a completeza.

T-29.V.6. Se tu apenas conhecesses a meta gloriosa que está além do perdão, não ficarias preso a nenhum pensamento, por mais leve que fosse o toque do mal aparentemente presente nele. 2 Pois compreenderias o quanto é grande o custo de manter qualquer coisa que Deus não tenha dado em mentes capazes de dirigir as mãos para abençoar e conduzir o Filho de Deus à casa de seu Pai. 3 Tu não queres ser um amigo para com aquele que foi criado pelo seu Pai como a Sua própria casa? 4 Se Deus o estima como alguém digno Dele próprio, tu o atacarias com mãos de ódio? 5 Quem tocaria o próprio Céu com mãos ensangüentadas e esperaria achar a paz celestial? 6 O teu irmão pensa que segura a mão da morte. 7 Não acredites nele. 8 Mas, em vez disso, aprendas como tu és bem-aventurado, tu que és capaz de liberá-lo simplesmente oferecendo-lhe a tua.

T-29.V.7. Um sonho te é dado no qual ele é o teu salvador, não o teu inimigo no ódio. 2 A ti é dado um sonho no qual tu o perdoaste por todos os seus sonhos de morte, um sonho de esperança que tu compartilhas com ele em vez de sonhar sonhos de ódio, maus e separados. 3 Por que é que parece ser tão difícil compartilhar esse sonho? 4 Porque, a não ser que o Espírito Santo dê ao sonho a função que lhe é devida, ele foi feito para o ódio e irá continuar a serviço da morte. 5 Qualquer forma que tome, de alguma maneira chama a morte. 6 E aqueles que servem ao senhor da morte vieram fazer o seu culto em um mundo separado, cada um com sua diminuta lança e espada enferrujadas para manter suas antigas promessas à morte.

T-29.V.8. Tal é o núcleo de medo em cada sonho que foi mantido à parte, para não ser usado por Ele, Que vê uma função diferente para cada sonho. 2 Quando sonhos são compartilhados perdem a função de ataque e separação, muito embora tenha sido para isso que todos os sonhos foram feitos. 3 Entretanto, nada no mundo dos sonhos permanece sem a esperança de mudança e melhora, pois não é aqui que se acha a imutabilidade. 4 Que possamos ficar de fato contentes que seja assim, e não busquemos o eterno nesse mundo. 5 Sonhos de

perdão são um meio de dar um passo para fora do sonhar de um mundo que está fora de ti mesmo. 6 E conduzem finalmente para o que está além de todos os sonhos, à paz da vida que dura para sempre.

T-29.VI. O perdão e o fim do tempo

T-29.VI.1. Em que medida estás disposto a perdoar o teu irmão? 2 Em que medida desejas a paz, ao invés da batalha, da miséria e da dor sem fim? 3 Essas questões são a mesma, em formas diferentes. 4 O perdão é a tua paz, pois dentro dele está o fim da separação e do sonho de perigo e destruição, pecado e morte, de loucura e de assassinato, pesar e perda. 5 Esse é o “sacrifício” que a salvação pede e alegremente oferece a paz em lugar disso.

T-29.VI.2. Não jures morrer, tu, o Filho santo de Deus! 2 Tu fizeste uma barganha que não podes manter. 3 O Filho da Vida não pode ser morto. 4 Ele é imortal como o seu Pai. 5 O que ele é não pode ser mudado. 6 Ele é a única coisa em todo o universo que tem que ser una. 7 O que parece ser eterno, tudo isso terá um fim. 8 As estrelas desaparecerão e a noite, e o dia não mais existirão. 9 Todas as coisas que vêm e vão, as marés, as estações e as vidas dos homens; todas as coisas que mudam com o tempo; que florescem e murcham, não retornarão. 10 Onde o tempo estabeleceu um fim, não é onde o eterno pode ser encontrado. 11 O Filho de Deus nunca pode mudar em função daquilo que os homens fizeram dele. 12 Ele será o mesmo, ontem e hoje, pois o tempo não designou o seu destino, nem estabeleceu a hora do seu nascimento e da sua morte. 13 O perdão não o mudará. 14 Entretanto, o tempo aguarda o perdão para que as coisas do tempo possam desaparecer porque não têm nenhuma utilidade.

T-29.VI.3. Nada sobrevive a seu propósito. 2 Se algo é concebido para morrer, então, necessariamente morrerá, a não ser que não tome esse propósito como seu. 3 A mudança é a única coisa que pode vir a ser uma bênção aqui, onde o propósito não é fixo, por mais imutável que pareça ser. 4 Não penses que podes estabelecer uma meta que não é como o propósito de Deus para ti, e estabelecê-la como imutável e eterna. 5 Tu podes dar a ti mesmo um propósito que não tens. 6 Mas não podes remover o poder de mudar a tua mente e ver nela outro propósito.

T-29.VI.4. A mudança é a maior das dádivas que Deus deu a tudo o que tu queres fazer com que seja eterno, para assegurar que só o Céu não passará. 2 Tu não nasceste para morrer. 3 Não podes mudar porque a tua função foi fixada por Deus. 4 Todas as outras metas são estabelecidas no tempo e mudam de forma que o tempo possa ser preservado, com exceção de uma. 5 O perdão não tem por objetivo preservar o tempo, mas fazer com que ele termine quando não tiver mais utilidade. 6 Findo o seu propósito, ele desaparecerá. 7 E onde ele antes tinha aparente trânsito, restaurou-se agora a função que Deus estabeleceu para o Seu Filho em plena consciência. 8 O tempo não pode estabelecer um fim para a sua realização nem para a sua imutabilidade. 9 A morte não mais existirá porque os vivos compartilham a função que o seu Criador lhes deu. 10 A função da Vida não pode ser morrer. 11 Tem que ser a extensão da vida, para que ela seja uma só para todo o sempre, sem fim.

T-29.VI.5. Esse mundo atará os teus pés e as tuas mãos e matará o teu corpo só se pensares que ele foi feito para crucificar o Filho de Deus. 2 Pois embora ele tenha sido um sonho de morte, não precisas deixar que represente isso para ti. 3 Permite que isso seja mudado e nada no mundo deixará de ser mudado também. 4 Pois tudo aqui é definido apenas pelo propósito que tu vês nas coisas.

T-29.VI.6. Como é belo o mundo cujo propósito é o perdão do Filho de Deus! 2 Como é livre do medo, como é cheio de bênçãos e felicidade! 3 E que coisa alegre é habitar por um breve momento em um lugar tão feliz! 4 Nem se deve esquecer, em tal mundo, que o momento é breve até que a intemporalidade venha em quietude tomar o lugar do tempo.

T-29.VII. Não busques fora de ti mesmo

T-29.VII.1. Não busques fora de ti mesmo. 2 Pois o teu intento falhará e tu chorarás a cada vez que um ídolo cair por terra. 3 O Céu não pode ser achado onde ele não está e não pode existir paz a não ser no Céu. 4 Cada ídolo que cultuas quando Deus chama, nunca te responderá em Seu lugar. 5 Não existe nenhuma outra resposta que possas substituir pela de Deus e na qual possas achar a felicidade que a Sua resposta traz. 6 Não busques

fora de ti. 7 Pois toda a tua dor simplesmente vem de uma busca fútil pelo que queres, insistindo quanto ao lugar aonde tem que ser achado. 8 E se não estiver ali? 9 Preferes estar certo ou ser feliz? 10 Fica contente por ter sido dito a ti aonde habita a felicidade e não busques mais em outra parte. 11 Tu falharás. 12 Mas te é dado conhecer a verdade e não buscá-la fora de ti mesmo.

T-29.VII.2. Ninguém que venha aqui deixa de ter ainda esperança, alguma ilusão remanescente, ou algum sonho de que haja alguma coisa fora dele próprio que lhe trará felicidade e paz. 2 Se todas as coisas estão nele, isso não pode ser assim. 3 E, portanto, com a sua vinda, ele nega a verdade a respeito de si mesmo e busca algo que seja mais do que tudo, como se uma parte do todo estivesse separada e pudesse ser achada onde todo o resto não está. 4 Esse é o propósito que ele concede ao corpo: que o corpo busque aquilo que falta a ele, e lhe dê aquilo que o faz completo. 5 E assim ele vaga, sem objetivos, em busca de alguma coisa que não pode achar, acreditando que ele é o que não é.

T-29.VII.3. A ilusão remanescente o impelirá a buscar milhares de ídolos e outros milhares além desses. 2 E cada um falhará, todos, exceto um: pois ele morrerá sem compreender que o ídolo que ele busca é apenas a sua própria morte. 3 A forma da morte aparenta estar fora dele. 4 Entretanto, de fato, ele busca matar o Filho de Deus no interior de si mesmo e provar que é vitorioso sobre ele. 5 Esse é o propósito que cada ídolo tem, pois esse é o papel que lhe é atribuído e esse é o papel que não pode ser cumprido.

T-29.VII.4. Sempre que tentas alcançar uma meta segundo a qual a melhoria do corpo é colocada como a meta principal, estás tentando trazer para ti a tua própria morte. 2 Pois acreditas que podes sofrer devido à falta, e falta é morte. 3 Fazer sacrifícios é desistir e assim ficar sem, tendo sofrido a perda. 4 E por essa desistência abre-se mão da vida. 5 Não busques fora de ti mesmo. 6 A busca implica em não seres íntegro por dentro e tens medo de olhar para a tua própria devastação, preferindo buscar o que és fora de ti mesmo.

T-29.VII.5. Ídolos têm que cair *porque* não têm vida e o que é sem vida é um sinal de morte. 2 Tu vieste para morrer e que mais poderias esperar senão perceber os sinais da morte que buscas? 3 Nenhuma tristeza e nenhum sofrimento proclamam outra mensagem que não seja o encontro de um ídolo que representa uma paródia da vida, que por não ter vida é realmente a morte concebida como algo real ao qual se atribui forma viva. 4 Contudo, cada um desses ídolos tem que falhar, desmoronar e se deteriorar porque uma forma de morte não pode ser vida e o que é sacrificado não pode ser íntegro.

T-29.VII.6. Todos os ídolos desse mundo foram feitos para manter a verdade dentro de ti afastada do teu conhecimento, e para manter a aliança com o sonho, segundo o qual tens que achar o que está fora de ti mesmo para seres completo e feliz. 2 É em vão que se cultua ídolos esperando achar a paz. 3 Deus habita dentro de ti e a tua completeza está Nele. 4 Nenhum ídolo toma o Seu lugar. 5 Não olhes para ídolos. 6 Não busques fora de ti mesmo.

T-29.VII.7. Vamos esquecer o propósito que foi dado ao mundo pelo passado. 2 Pois de outra forma, o futuro será como o passado, não mais do que uma série de sonhos deprimentes nos quais todos os ídolos falham a ti, um por um, e tu vês a morte e o desapontamento em toda a parte.

T-29.VII.8. Para mudar tudo isso e abrir uma estrada de esperança e de liberação dentro daquilo que aparentava ser um círculo sem fim de desespero, tu apenas necessitas decidir que não sabes qual é o propósito do mundo. 2 Tu lhe dás metas que ele não tem e dessa forma decides para quê ele serve. 3 Tentas ver nele um lugar de ídolos achados fora de ti mesmo, com o poder de fazer com que o que está dentro seja completo, dividindo o que tu és entre os dois. 4 Tu escolhes os teus sonhos, pois são o que desejas, percebidos como se tivessem sido dados a ti. 5 Os teus ídolos fazem o que queres que façam e têm o poder que tu lhes atribuis. 6 E tu os persegues em vão no sonho, porque queres o seu poder para ti.

T-29.VII.9. Entretanto, onde estão os sonhos senão em uma mente adormecida? 2 E é possível que um sonho tenha sucesso em fazer com que o retrato que ele projeta fora de si mesmo seja real? 3 Economiza tempo, meu irmão, aprende para quê o tempo serve. 4 E apressa o fim dos ídolos em um mundo que se fez triste e doente por ver ídolos. 5 A tua mente santa é um altar a Deus, e onde Ele está nenhum ídolo pode habitar. 6 O medo de Deus não é senão o medo da perda dos ídolos. 7 Não é o medo da perda da tua realidade. 8 Mas tu fizeste da tua

realidade um ídolo, o qual tens que proteger contra a luz da verdade. 9 E todo o mundo vem a ser o meio pelo qual esse ídolo pode ser salvo. 10 Desse modo, a salvação parece ameaçar a vida e oferecer a morte.

T-29.VII.10. Não é assim. 2 A salvação busca provar que a morte não existe e que só a vida existe. 3 O sacrifício da morte não é nenhuma perda. 4 Um ídolo não pode tomar o lugar de Deus. 5 Permite que Ele te lembre do Seu Amor por ti e não busques afogar a Voz de Deus em cantos de profundo desespero para ídolos de ti mesmo. 6 Não busques fora do teu Pai a tua esperança. 7 Pois a esperança da felicidade não é desespero.

T-29.VIII. O anticristo

T-29.VIII.1. O que é um ídolo? 2 Tu pensas que sabes? 3 Pois ídolos não são reconhecidos como tais e nunca são vistos pelo que realmente são. 4 Esse é o único poder que têm. 5 O seu propósito é obscuro, e são temidos e adorados, porque tu não sabes para quê servem e nem porque foram feitos. 6 Um ídolo é uma imagem do teu irmão que valorizas mais do que o que ele é. 7 Ídolos são feitos para que o teu irmão possa ser substituído, seja qual for a forma que tomem. 8 E é isso que não é nunca percebido e reconhecido. 9 Seja ele um corpo ou uma coisa, um lugar, uma situação ou uma circunstância, um objeto possuído ou desejado, ou um direito exigido ou conseguido, é a mesma coisa.

T-29.VIII.2. Não deixes que a forma dos ídolos te engane. 2 Eles são apenas substitutos para a tua realidade. 3 De algum modo, tu acreditas que completarão o teu pequeno ser, dando-te segurança em um mundo percebido como perigoso, com forças concentradas contra a tua confiança e a paz da tua mente. 4 Eles têm o poder de suprir o que te falta e acrescentar o valor que tu não tens. 5 Ninguém acredita em ídolos sem se ter escravizado à pequenez e à perda. 6 E assim, precisa buscar a força além de seu pequeno ser para levantar a cabeça e se colocar à parte de toda a miséria que o mundo reflete. 7 Essa é a penalidade por não olhares para dentro em busca da certeza e da calma serena que te libera do mundo, e permite que tu te coloques à parte, em quietude e em paz.

T-29.VIII.3. Um ídolo é uma falsa impressão, ou uma falsa crença; alguma forma de anticristo, que constitui uma brecha entre o Cristo e o que tu vês. 2 Um ídolo é um desejo, que se faz tangível e ao qual é dado uma forma, e assim ele é percebido como real e visto fora da mente. 3 Entretanto, ele ainda é um pensamento e não pode deixar a mente que é a sua fonte. 4 Também a sua forma não está à parte da idéia que ele representa. 5 Todas as formas do anticristo se opõem a Cristo. 6 E caem diante da Sua face como um véu escuro que parece se fechar separando-te Dele e deixando-te sozinho na escuridão. 7 Contudo, a luz está lá. 8 Uma nuvem não apaga o sol. 9 E nem um véu é capaz de banir aquilo que ele parece separar, assim como não é capaz de escurecer nem por um milímetro a luz em si mesma.

T-29.VIII.4. Esse mundo de ídolos é um véu por cima da face de Cristo, porque o seu propósito é separar o teu irmão de ti. 2 Um propósito escuro e amedrontador, contudo não passa de um pensamento sem o poder de mudar uma folha de grama de uma coisa viva em um sinal de morte. 3 A sua forma não está em parte alguma, pois a sua fonte habita dentro da tua mente, onde Deus não habita. 4 Aonde é esse lugar no qual aquilo que está em toda parte foi excluído e é mantido à parte? 5 Que mão poderia se levantar para bloquear o caminho de Deus? 6 De quem é a voz que poderia exigir que Ele não entrasse? 7 Aquilo que se crê “mais do que tudo” não é algo capaz de te fazer tremer e te encolher por medo. 8 O inimigo de Cristo não está em lugar nenhum. 9 Ele jamais pode tomar uma forma na qual seja real.

T-29.VIII.5. O que é um ídolo? 2 Nada! 3 É preciso que se acredite nele antes que ele pareça vir à vida e a ele tem que ser dado o poder através do qual possa ser temido. 4 A sua vida e poder são dádivas daquele que acredita nele, e é isso o que o milagre devolve àquele que tem vida e poder dignos da dádiva do Céu e da paz eterna. 5 O milagre não restaura a verdade, pois o véu que está entre eles não apagou a luz. 6 Ele meramente levanta o véu e permite que a verdade brilhe a descoberto, sendo o que é. 7 Ela não necessita de crença alguma para ser ela mesma, pois foi criada e assim é.

T-29.VIII.6. Um ídolo é estabelecido pela crença e quando ela é retirada, o ídolo “morre”. 2 Isso é o anticristo: a estranha idéia de que há um poder além da onipotência, um lugar além do infinito, um tempo que transcende o eterno. 3 Aqui o mundo dos ídolos foi estabelecido pela idéia de que foi dada uma forma a esse poder, a esse lugar e a esse tempo e eles moldam o mundo onde o impossível aconteceu. 4 Aqui, o que não morre vem para

morrer, o que tudo abrange vem a sofrer perda, o que é sem tempo vem para se fazer escravo do tempo. 5 Aqui o imutável muda; a paz de Deus, para sempre dada a todas as coisas vivas, dá lugar ao caos. 6 E o Filho de Deus, tão perfeito, sem pecado e amoroso como seu Pai, vem para odiar por um breve momento, para sofrer dor e finalmente morrer.

T-29.VIII.7. Onde está um ídolo? 2 Em parte alguma! 3 É possível haver uma brecha no que é infinito, um lugar onde o tempo é capaz de interromper a eternidade? 4 Um lugar de escuridão estabelecido onde tudo é luz, uma alcova sombria separada do que não tem fim, não tem lugar para ser. 5 Um ídolo está além do lugar onde Deus estabeleceu todas as coisas para sempre, sem deixar espaço para nada exceto a Sua Vontade. 6 Um ídolo tem que ser nada e tem que estar em lugar nenhum, pois Deus é tudo e está em toda parte.

T-29.VIII.8. Que propósito tem um ídolo, então? 2 Para quê ele serve? 3 Essa é a única questão que tem muitas respostas, cada uma delas dependendo da pessoa a quem a questão é colocada. 4 O mundo acredita em ídolos. 5 Ninguém vem a ele a menos que os adore, e ainda tente buscar um ídolo que possa lhe oferecer uma dádiva que a realidade não contenha. 6 Cada idólatra ancora a sua esperança na crença em que suas divindades especiais lhe darão mais do que os outros homens possuem. 7 Tem que ser mais. 8 Não importa realmente mais de quê, se é mais beleza, mais inteligência, mais riqueza, ou até mesmo mais aflição e mais dor. 9 Mas um ídolo é para se ter mais de alguma coisa. 10 E quando um falha, outro toma o seu lugar, com a esperança de achar mais de alguma outra coisa. 11 Não te enganes com as formas que essa "alguma coisa" toma. 12 Um ídolo é um meio de se conseguir mais. 13 E é isso que vai contra a Vontade de Deus.

T-29.VIII.9. Deus não tem muitos filhos, apenas um. 2 Quem pode ter mais e a quem pode ser dado menos? 3 No Céu o Filho de Deus apenas riria, se ídolos pudessem interferir com a sua paz. 4 É por ele que o Espírito Santo fala e te diz que ídolos não têm propósito algum aqui. 5 Pois mais do que o Céu, tu nunca podes ter. 6 Se o Céu está dentro de ti, por que irias buscar ídolos que fariam do Céu menos do que ele é, para dar-te mais do que Deus deu ao teu irmão e a ti, que és um com Ele? 7 Deus te deu tudo o que existe. 8 E para estar certo de que não o perderias, Ele deu também o mesmo a cada coisa viva. 9 E assim cada coisa viva é uma parte de ti, assim como Dele. 10 Nenhum ídolo pode fazer com que sejas mais do que Deus. 11 Mas nunca ficarás satisfeito em ser menos.

T-29.IX. O sonho que perdoa

T-29.IX.1. O escravo de ídolos é um escravo voluntário. 2 Pois ele tem que estar disposto a se inclinar em adoração diante do que não tem vida e a buscar poder no que não tem poder. 3 O que aconteceu ao santo Filho de Deus para que esse pudesse ser o seu desejo, para que ele se deixasse cair e descer ainda mais baixo do que as pedras do chão e ficasse procurando ídolos para que eles o levantassem? 4 Ouve, então, a tua história no sonho que fizeste e pergunta a ti mesmo se não é verdade que acreditas que isso não é um sonho.

T-29.IX.2. Um sonho de julgamento entrou na mente que Deus criou tão perfeita quanto Ele próprio. 2 E nesse sonho, o Céu virou inferno, e fez-se de Deus um inimigo para com Seu Filho. 3 Como pode o Filho de Deus despertar do sonho? 4 É um sonho de julgamento. 5 Assim é preciso que ele não julgue e despertará. 6 Pois o sonho parecerá durar enquanto ele faz parte do sonho. 7 Não julgues, pois aquele que julga terá necessidade de ídolos que arcarão com o julgamento impedindo que o mesmo caia sobre ele. 8 E assim também não poderá conhecer o Ser que ele condenou. 9 Não julgues, porque fazes de ti mesmo uma parte dos sonhos maus, onde ídolos são a tua "verdadeira" identidade e a tua salvação do julgamento é colocada sobre ti no terror e na culpa.

T-29.IX.3. Todas as figuras no sonho são ídolos, feitos para salvar-te do sonho. 2 Contudo, eles foram feitos para salvar-te exatamente daquilo de que fazem parte. 3 Assim é que o ídolo mantém o sonho vivo e terrível, pois quem poderia desejar um, a não ser que estivesse no terror e no desespero? 4 E isso o ídolo representa, e assim a idolatria dos ídolos é a idolatria do desespero e do terror, e do sonho do qual eles vêm. 5 O julgamento é uma injustiça para com o Filho de Deus, e é justiça o fato de que aquele que o julga não escapará da penalidade que infligiu a si próprio dentro do sonho que fez. 6 Deus sabe da justiça, não da penalidade. 7 Mas no sonho do julgamento tu atacas e és condenado; e desejas ser o escravo de ídolos, que se interpõem entre o teu julgamento e a penalidade que ele traz.

T-29.IX.4. Não pode haver salvação no sonho enquanto o estás sonhando. 2 Pois os ídolos têm que fazer parte dele, para salvar-te daquilo que tu acreditas que realizaste e fizeste para fazer de ti mesmo um pecador, apagando a luz dentro de ti. 3 Pequena criança, a luz está aqui. 4 Tu estás apenas sonhando e os ídolos são brinquedos com os quais sonhas que estás brincando. 5 Quem tem necessidade de brinquedos a não ser as crianças? 6 Elas fingem que governam o mundo e dão aos seus brinquedos o poder de se locomoverem, de falarem e de pensarem, de serem e de falarem por elas. 7 Entretanto, tudo aquilo que os seus brinquedos aparentemente fazem está nas mentes das crianças que com eles brincam. 8 Mas elas anseiam por esquecer que elas próprias inventaram o sonho no qual os seus brinquedos são reais, e não reconhecem que os desejos que eles têm são os seus próprios.

T-29.IX.5. Pesadelos são sonhos de crianças. 2 Os brinquedos se voltaram contra a criança que pensou tê-los feito reais. 3 No entanto, é possível um sonho atacar? 4 Ou é possível um brinquedo crescer e tornar-se perigoso, ameaçador e selvagem? 5 Nisso a criança acredita, porque tem medo de seus pensamentos e os atribui aos brinquedos em vez de a si mesma. 6 E a realidade deles vem a ser a sua realidade, porque parecem salvá-la de seus pensamentos. 7 Contudo, eles mantêm os seus pensamentos vivos e reais, só que vistos fora dela, onde podem voltar-se contra ela, pela traição que ela faz a eles. 8 Ela pensa que necessita deles para poder escapar dos próprios pensamentos porque pensa que os seus pensamentos são reais. 9 E assim ela faz de qualquer coisa um brinquedo, para fazer com que o seu mundo permaneça fora dela e brincar de ser apenas uma parte dele.

T-29.IX.6. Há uma época em que a infância deveria passar e acabar para sempre. 2 Não busques reter os brinquedos das crianças. 3 Põe todos de lado, pois já não necessitas deles. 4 O sonho do julgamento é um jogo de criança, no qual a criança vem a ser o pai, poderoso, mas com o pouco juízo de uma criança. 5 O que a fere é destruído; o que a ajuda, abençoado. 6 Mas isso é julgado do mesmo modo como julga uma criança, que não sabe o que fere e o que irá curar. 7 E coisas ruins parecem acontecer e ela tem medo de todo o caos em um mundo que pensa que é governado pelas leis que ela mesma fez. 8 No entanto, o mundo real não é afetado pelo mundo que ela pensa que é real. 9 Tampouco as suas leis foram mudadas porque ela não as compreende.

T-29.IX.7. O mundo real ainda é apenas um sonho. 2 Mas as figuras mudaram. 3 Elas não são vistas como ídolos que traem. 4 É um sonho no qual ninguém é usado para substituir alguma outra coisa, nem interposto entre os pensamentos que a mente concebe e aquilo que ela vê. 5 Ninguém é usado como algo que não é, pois as coisas infantis foram todas postas de lado. 6 E o que uma vez foi um sonho de julgamento, agora mudou e veio a ser um sonho no qual tudo é alegria, porque esse é o propósito que ele tem. 7 Só sonhos que perdoam podem entrar aqui, pois o tempo está quase no fim. 8 E as formas que entram no sonho são agora percebidas como irmãos, não em julgamento, mas em amor.

T-29.IX.8. Sonhos de perdão têm pouca necessidade de durar. 2 Eles não são feitos para separar a mente daquilo que ela pensa. 3 Eles não buscam provar que o sonho está sendo sonhado por alguma outra pessoa. 4 E nestes sonhos ouve-se uma melodia que todos lembram, embora não a tenham ouvido desde antes do início dos tempos. 5 O perdão, uma vez completo, traz a intemporalidade para tão perto que a canção do Céu pode ser ouvida, não com os ouvidos, mas com a santidade que nunca deixou o altar que habita para sempre profundamente dentro do Filho de Deus. 6 E quando ele ouve essa canção outra vez, sabe que nunca deixou de ouvi-la. 7 E onde está o tempo, quando os sonhos de julgamento foram postos de lado?

T-29.IX.9. Sempre que sentires medo, sob qualquer forma – e tu estás amedrontado se não sentes um profundo contentamento, uma certeza de seres ajudado, uma calma segurança de que o Céu vai contigo – estejas certo de que fizeste um ídolo e acreditas que ele vai trair-te. 2 Pois, por trás da tua esperança de que ele vá salvar-te, estão a culpa e a dor da auto-traição e da incerteza, tão profundas e amargas que o sonho não é capaz de ocultar completamente todo o teu sentimento de perdição. 3 A tua auto-traição tem que resultar em medo, pois o medo é julgamento, levando com certeza à busca frenética de ídolos e da morte.

T-29.IX.10. Sonhos que perdoam lembram a ti de que vives em segurança e que não atacaste a ti mesmo. 2 Assim dissipam-se os teus terrores infantis e os sonhos vêm a ser um sinal de que fizeste um novo começo, não uma outra tentativa de adorar ídolos e manter o ataque. 3 Sonhos que perdoam são benignos para com todas as pessoas que figuram no sonho. 4 E assim trazem ao sonhador liberação plena dos sonhos de medo. 5 Ele não tem medo do próprio julgamento, pois não julgou ninguém e nem buscou se liberar, através do julgamento,

daquilo que o julgamento necessariamente impõe. 6 E durante todo o tempo ele está se lembrando do que esqueceu, enquanto o julgamento parecia ser o caminho para salvá-lo da penalidade de julgar.

Fim do Capítulo 29 – Página 672

Capítulo 30

O NOVO COMEÇO

Introdução

T-30.In.1. O novo começo agora vem a ser o foco do currículo. 2 A meta está clara, mas nesse momento precisas de métodos específicos para atingi-la. 3 A rapidez com que ela pode ser alcançada depende de uma única coisa: a tua disponibilidade para praticar cada passo. 4 Cada um ajudará um pouco a cada vez que for tentado. 5 E todos juntos estes passos te conduzem dos sonhos de julgamento aos sonhos que perdoam e para fora da dor e do medo. 6 Eles não são novos para ti, são mais idéias do que regras de pensamento para ti por enquanto. 7 Portanto, agora, nós precisamos praticá-los por algum tempo até que venham a ser as regras pelas quais vives. 8 Agora nós buscamos fazer com que sejam hábitos, de tal forma que venhas a tê-los à mão para qualquer necessidade.

T-30.I. Regras para decisões

T-30.I.1. As decisões são contínuas. 2 Não é sempre que sabes quando as estás tomando. 3 Mas, com um pouco de prática com aquelas que reconheces, começa a se formar um padrão que te conduz através do resto. 4 Não é sábio deixar-te ficar demasiadamente preocupado com cada passo que dás. 5 O padrão adequado, adotado conscientemente a cada vez que despertas, vai fazer com que avances bem. 6 E se achares que a tua resistência é muito forte e que a tua dedicação é pouca, não estás pronto. 7 Não lutes contigo mesmo. 8 Mas, pensa no tipo de dia que queres, e dize a ti mesmo que há um caminho no qual esse dia pode acontecer exatamente assim. 9 Então, tenta mais uma vez ter o dia que queres.

T-30.I.2. (1) O enfoque começa com o seguinte:

2 Hoje, eu não tomarei decisões por minha conta.

3 Isso significa que estás optando por não seres o juiz do que fazer. 4 Mas também tem que significar que não julgarás as situações às quais serás chamado a responder. 5 Pois se as julgares, terás estabelecido as regras segundo as quais deves reagir nelas. 6 E nesse caso uma outra resposta não pode produzir senão confusão, incerteza e medo.

T-30.I.3. Esse é o teu maior problema agora. 2 Ainda tomas a tua decisão e então resolves perguntar o que deves fazer. 3 E o que ouves pode não resolver o problema da maneira como o encaraste a princípio. 4 Isso conduz ao medo, porque contradiz o que percebes e assim te sentes atacado. 5 E, portanto, com raiva. 6 Existem regras através das quais isso não acontecerá. 7 Mas de fato ocorre a princípio, enquanto ainda estás aprendendo como ouvir.

T-30.I.4. (2) Durante todo o dia, a qualquer momento em que penses a respeito disso e tenhas um momento quieto para reflexão, dize mais uma vez a ti mesmo qual é o tipo de dia que queres, os sentimentos que queres ter, as coisas que queres que te aconteçam e as coisas que queres experimentar e dize:

2 Se eu não tomar nenhuma decisão por mim mesmo, esse é o dia que me será dado.

3 Estes dois procedimentos, bem praticados, servirão para permitir que sejas orientado sem medo, pois a oposição não surgirá em primeiro lugar e, portanto, não poderá vir a ser um problema em si mesma.

T-30.I.5. Mas ainda assim existirão momentos nos quais já terás julgado. 2 Agora, a resposta irá provocar ataque, a não ser que rapidamente endireites a tua mente a ponto de queres uma resposta que funcione. 3 Certifica-te de que foi isso o que ocorreu, caso não te sintas disposto a sentar-te e pedir que a resposta te seja

dada. 4 Isso significa que já te decidiste por conta própria e não podes ver a questão. 5 Agora, precisas de uma rápida restauração, antes de perguntares outra vez.

T-30.I.6. (3) Lembra mais uma vez do dia que queres e reconhece que alguma coisa ocorreu que não é parte dele. 2 Então, reconhece que colocaste uma pergunta por conta própria e necessariamente estabeleceste uma resposta nos teus próprios termos. 3 Então, dize:

4 Eu não tenho nenhuma pergunta. 5 Eu esqueci o que decidir.

6 Isso anula os termos que estabeleceste e deixa que a resposta te mostre qual foi realmente a questão.

T-30.I.7. Tenta observar essa regra sem demora, apesar da tua resistência a ela. 2 Pois já ficaste com raiva. 3 E o teu medo de receber uma resposta diferente do que a tua versão da pergunta pede crescerá em velocidade proporcional ao tempo, até que acredites que o dia que queres é aquele no qual consegues a *tua* resposta para a *tua* pergunta. 4 E não a conseguirás, pois ela destruiria o dia por roubar-te aquilo que realmente queres. 5 Isso pode ser muito difícil de ser reconhecido, uma vez que já tenhas decidido por tua própria conta as regras que te prometem um dia feliz. 6 Entretanto, essa decisão ainda pode ser desfeita, por meio de métodos simples que podes aceitar.

T-30.I.8. (4) Se estás tão pouco disposto a receber que não podes sequer abrir mão da tua pergunta, podes começar a mudar a tua mente com isso:

2 Pelo menos, eu posso decidir que não gosto do que sinto agora.

3 Isso é óbvio, e prepara o caminho para o próximo passo que se torna fácil.

T-30.I.9. (5) Tendo decidido que não gostas do modo como te sentes, o que poderia ser mais fácil do que continuar com:

2 E assim eu espero ter estado errado

3 Isso funciona contra o senso de resistência e lembra-te que a ajuda não está sendo imposta a ti, mas é algo que queres e da qual necessitas porque não gostas da maneira como te sentes. 4 Essa abertura diminuta será suficiente para permitir que vás adiante com apenas mais alguns poucos passos que precisas dar para que te permitas ser ajudado.

T-30.I.10. Agora atingiste o momento da decisão, porque te ocorreu que sairás ganhando se o que decidiste não for assim. 2 Até que esse ponto seja alcançado; acreditarás que a tua felicidade depende de estares certo. 3 Mas esse tanto de razão já atingiste: viste que estarias melhor caso estivesses errado.

T-30.I.11. (6) Esse diminuto grão de sabedoria bastará para levar-te adiante. 2 Não és obrigado a nada, mas simplesmente esperas receber uma coisa que queres. 3 E podes dizer com perfeita honestidade:

4 Quero um outro modo de olhar para isso

5 Agora mudaste a tua mente a respeito do dia e lembraste do que realmente queres. 6 O propósito que ele tem não mais é obscurecido pela crença insana segundo a qual o queres com a meta de estares certo, quando estás errado. 7 Assim, o fato de estares pronto para pedir é trazido à tua consciência, pois não podes estar em conflito quando pedes o que queres e vês que é isso que pedes.

T-30.I.12. (7) Esse passo final não é senão o reconhecimento da ausência de resistência para receberes ajuda. 2 É a declaração de uma mente aberta, que ainda não está certa, mas está disposta que lhe mostrem algo:

*3 Talvez haja um outro modo de olhar para isso.
4 O que posso perder por perguntar?*

5 Assim podes agora colocar uma pergunta que faz sentido e assim a resposta também fará sentido.
6 Tampouco lutarás contra ela, pois vês que és tu que serás ajudado por ela.

T-30.I.13. É preciso ficar claro que é mais fácil ter um dia feliz se impedires completamente a entrada da infelicidade. 2 Mas isso requer prática das regras que irão proteger-te da devastação do medo. 3 Quando isso tiver sido conseguido, o triste sonho de julgamento terá sido para sempre desfeito. 4 Mas, por enquanto, tens necessidade de praticar as regras do seu desfazer. 5 Vamos, então, considerar mais uma vez a primeira das decisões que são aqui oferecidas.

T-30.I.14. Nós dissemos que podes dar início a um dia feliz com a determinação de não tomares decisões por tua própria conta. 2 Isso parece ser uma decisão real em si mesma. 3 E, no entanto, não és capaz de tomar decisões por ti mesmo. 4 A única questão realmente é: com que ajuda escolhes tomá-las. 5 Isso é tudo na realidade. 6 A primeira regra, então, não é a coerção, mas uma simples declaração de um simples fato. 7 Não tomarás decisões por conta própria seja o que for que venhas a decidir. 8 Pois elas são tomadas com ídolos ou com Deus. 9 E pedes ajuda ao anticristo ou ao Cristo, e aquele que escolheres unir-se-á a ti e te dirá o que fazer.

T-30.I.15. O teu dia não é ao acaso. 2 Ele é determinado por aquilo com o qual escolhes vivê-lo e pelo modo que o amigo a quem procuraste para pedir conselhos percebe a tua felicidade. 3 Tu sempre pedes conselho antes de te decidires por qualquer coisa que seja. 4 Deixa que isso seja compreendido e verás que não pode existir coerção aqui, nem justificativas para resistência para que possas ser livre. 5 Não existe liberdade em relação ao que não pode deixar de ocorrer. 6 E se pensas que existe, não podes deixar de estar errado.

T-30.I.16. A segunda regra, do mesmo modo, não é senão um fato. 2 Pois tu e o teu conselheiro têm que estar de acordo em relação ao que queres antes que possa ocorrer. 3 É só esse acordo que permite que todas as coisas aconteçam. 4 Nada pode ser causado sem alguma forma de união, seja um sonho de julgamento ou a Voz por Deus. 5 Decisões causam resultados porque não são tomadas em isolamento. 6 Elas são tomadas por ti e pelo teu conselheiro, para ti mesmo e também para o mundo. 7 Tu ofereces ao mundo o dia que queres, pois ele será aquilo que pediste e irá reforçar o domínio do teu conselheiro no mundo. 8 Quem é o senhor do mundo para ti hoje? 9 Que tipo de dia decidirás ter?

T-30.I.17. Basta que haja duas pessoas querendo ter felicidade nesse dia para prometé-la ao mundo inteiro. 2 Basta que duas pessoas compreendam que elas não podem decidir sozinhas para garantir que a alegria que pediram seja totalmente compartilhada. 3 Pois compreenderam a lei básica que faz com que a decisão seja poderosa e dá a ela todos os efeitos que ela jamais terá. 4 Bastam dois. 5 Estes dois estão unidos antes que possa haver uma decisão. 6 Permite que esse seja o único conselho que manterás em mente e terás o dia que queres, e o darás ao mundo porque o tens. 7 O teu julgamento terá sido suspenso no mundo pela tua decisão em favor de um dia feliz. 8 E assim como recebeste, assim tens que dar.

T-30.II. O livre arbítrio

T-30.II.1. Será que não compreendes que opor-te ao Espírito Santo é lutar contra ti mesmo? 2 Ele te diz apenas a tua vontade, Ele fala por ti. 3 Na Sua Divindade está apenas a tua. 4 E tudo o que Ele sabe não é senão o teu conhecimento, guardado para ti de modo que possas fazer a tua vontade através Dele. 5 Deus pede que faças a tua vontade. 6 Ele une-Se a ti. 7 Ele não estabeleceu o Seu reino sozinho. 8 E o próprio Céu não representa senão a tua vontade, onde tudo o que é criado é para ti. 9 Nenhuma centelha de vida foi criada sem o teu alegre consentimento, assim como queres que seja. 10 E nenhum Pensamento que Deus jamais tenha tido deixou de esperar pela tua bênção para nascer. 11 Deus não é nenhum inimigo para ti. 12 Ele nada pede além de ouvir-te chamá-Lo de “Amigo”.

T-30.II.2. Como é maravilhoso fazer a tua vontade! 2 Pois isso é liberdade. 3 Não há nenhuma outra coisa que jamais deva ser chamada por esse nome. 4 A não ser que faças a tua vontade, não és livre. 5 E Deus iria deixar o Seu Filho sem aquilo que ele escolheu para si mesmo? 6 Deus apenas garantiu que jamais perderias a tua vontade quando Ele te deu a Sua Resposta perfeita. 7 Ouve-A agora, para que possas lembrar-te do Seu Amor e aprender a tua vontade. 8 Deus não quer que o Seu Filho seja feito prisioneiro daquilo que ele não quer. 9 Ele

une-Se a ti na tua disponibilidade para ser livre. 10 E opor-te a Ele é fazer uma escolha contra ti mesmo e escolher ser limitado.

T-30.II.3. Olha mais uma vez para o teu inimigo, aquele que escolheste odiar ao invés de amar. 2 Pois assim nasceu o ódio no mundo e assim foi o reinado do medo estabelecido aqui. 3 Agora, que ouças Deus falar contigo através Dele, Que é a Sua Voz e também a tua, lembrando-te que não é tua vontade odiar e ser um prisioneiro do medo, um escravo da morte, uma pequena criatura com uma pequena vida. 4 A tua vontade é sem limites, não é tua vontade que ela seja limitada. 5 O que está em ti uniu-se ao próprio Deus no nascimento de toda a criação. 6 Lembra-te Daquele que te criou e, através da tua vontade, criou todas as coisas. 7 Nenhuma das coisas criadas deixa de te dar graças, pois foi pela tua vontade que ela nasceu. 8 Nenhuma luz do Céu brilha a não ser para ti, pois foi posta no Céu pela tua vontade.

T-30.II.4. Que motivo tens para a raiva em um mundo que meramente espera a tua bênção para ser livre? 2 Se tu fores prisioneiro, o próprio Deus não poderia ser livre. 3 Pois o que é feito àquele a quem Deus tanto ama, é feito ao próprio Deus. 4 Não penses que Ele quer limitar-te, Ele Que te fez co-criador do universo com Ele. 5 Ele não quer senão manter a tua vontade sem limites para todo o sempre. 6 Esse mundo espera a liberdade que tu vais lhe dar quando tiveres reconhecido que és livre. 7 Mas não perdoarás o mundo enquanto não O perdoares, a Ele Que te deu a tua vontade. 8 Pois é pela tua vontade que a liberdade é dada ao mundo. 9 Tampouco podes ser livre à parte Dele, Cuja Vontade santa tu compartilhas.

T-30.II.5. Deus Se volta para ti para pedir que o mundo seja salvo, pois pela tua própria salvação ele é curado. 2 E ninguém caminha sobre essa terra sem depender da tua decisão para aprender que a morte não tem poder sobre ele, porque ele compartilha da tua liberdade assim como compartilha da tua vontade. 3 É a tua vontade curá-lo e porque tu decidiste com ele, ele é curado. 4 E agora Deus é perdoado, pois escolheste olhar para o teu irmão como para um amigo.

T-30.III. Além de todos os ídolos

T-30.III.1. Ídolos são bastante específicos. 2 Mas a tua vontade é universal, sendo sem limites. 3 E assim ela não tem forma, nem fica contente quando tem a sua expressão em termos de forma. 4 Ídolos são limites. 5 São a crença em que existem certas formas que te trarão felicidade e em que, através da limitação, tudo é atingido. 6 É como se dissesse: “Não tenho necessidade de tudo. 7 Quero essa pequena coisa e ela será tudo para mim.” 8 E isso não pode deixar de falhar em satisfazer porque é tua vontade que tudo seja teu. 9 Decide-te por ídolos e estás pedindo a perda. 10 Decide-te pela verdade e todas as coisas são tuas.

T-30.III.2. O que buscas não é forma. 2 Que forma pode ser um substituto para o Amor de Deus o Pai? 3 Que forma pode tomar o lugar de todo o amor na Divindade de Deus Filho? 4 Que ídolo pode fazer dois do que é um só? 5 E é possível que o que é sem limites seja limitado? 6 Tu não queres um ídolo. 7 Não é tua vontade ter um ídolo. 8 Ele não te concederá a dádiva que buscas. 9 Quando te decides pela forma daquilo que queres, perdes a compreensão do seu propósito. 10 Assim vês a tua vontade dentro do ídolo; reduzindo-a a uma forma específica. 11 Entretanto, essa nunca poderia ser a tua vontade, porque o que compartilha de toda a criação não pode ficar contente com pequenas idéias e pequenas coisas.

T-30.III.3. Por trás da busca de qualquer ídolo está o anseio pela completeza. 2 A integridade não tem forma porque é ilimitada. 3 Buscar uma pessoa especial ou uma coisa especial para somar-se a ti e te completar só pode significar que acreditas que alguma forma está faltando. 4 E achando-a, atingirás a completeza em uma forma que gostas. 5 Esse é o propósito de um ídolo: que não olhes além dele para a origem da crença segundo a qual tu és incompleto. 6 Só se tivesses pecado, é que isso poderia ser assim. 7 Pois o pecado é a idéia segundo a qual estás sozinho e separado do que é íntegro. 8 E assim seria necessário que a busca da integridade fosse feita além das fronteiras dos limites impostos a ti mesmo.

T-30.III.4. Nunca é o ídolo que queres. 2 Mas o que pensas que ele te oferece, isso de fato queres e tens o direito de pedir. 3 Nem seria possível que isso te fosse negado. 4 A tua vontade de ser completo não é senão a Vontade de Deus e te é dada por ser Dele. 5 Deus não conhece forma alguma. 6 Ele não pode responder-te em termos que não têm significado. 7 E a tua vontade não poderia satisfazer-se com formas vazias, feitas apenas

para preencher uma brecha que não existe. 8 Não é isso que queres. 9 A criação não dá a ninguém separadamente, nem a nenhuma coisa separada o poder de completar o Filho de Deus. 10 Que ídolo pode ser chamado para dar ao Filho de Deus o que ele já tem?

T-30.III.5. A completeza é a *função* do Filho de Deus. 2 Ele não tem absolutamente nenhuma necessidade de buscá-la. 3 Além de todos os ídolos está a sua vontade santa de ser apenas o que ele é. 4 Pois mais do que o todo não tem significado. 5 Se existisse alguma mudança nele, se pudesse ser reduzido a qualquer forma e limitado àquilo que não está nele, ele não seria como Deus o criou. 6 De que ídolo pode ele necessitar para ser ele mesmo? 7 É capaz de descartar uma parte de si mesmo? 8 O que não é íntegro não pode tornar íntegro. 9 Mas o que é realmente pedido não pode ser negado. 10 A tua vontade é concedida. 11 Não em uma forma que não vá contentar-te, mas no Pensamento íntegro, completamente belo que Deus mantém de ti.

T-30.III.6. Nada do que Deus não conhece existe. 2 E o que Ele conhece existe para sempre, imutavelmente. 3 Pois os pensamentos duram por tanto tempo quanto a mente que neles pensou. 4 E na Mente de Deus não há fim, nem um momento no qual Seus Pensamentos estejam ausentes ou possam sofrer qualquer mudança. 5 Pensamentos não nascem e não podem morrer. 6 Eles compartilham os atributos do seu criador e também não têm uma vida separada da sua. 7 Os pensamentos que pensas estão em tua mente, assim como tu estás na Mente Que pensou em ti. 8 E assim não existem partes separadas naquilo que existe dentro da Mente de Deus. 9 Ela é para sempre una, eternamente unida e em paz.

T-30.III.7. Pensamentos parecem ir e vir. 2 Entretanto, tudo o que isso significa é que, às vezes, estás ciente deles e, às vezes, não. 3 Um pensamento que não é lembrado renasce para ti quando volta à tua consciência. 4 No entanto, ele não morreu enquanto o esqueceste. 5 Esteve sempre presente, mas não estavas ciente dele. 6 O Pensamento que Deus mantém de ti é perfeitamente intocado pelo teu esquecimento. 7 Ele sempre será exatamente como era antes do tempo em que o esqueceste, e será exatamente o mesmo quando o relembrares. 8 E é o mesmo durante o intervalo em que o esqueceste.

T-30.III.8. Os Pensamentos de Deus estão muito além de qualquer mudança e brilham para sempre. 2 Eles não esperam por nascer. 3 Esperam boas-vindas e serem lembrados. 4 O Pensamento que Deus mantém de ti é como uma estrela, imutável no Céu eterno. 5 Tão elevada no Céu está ela, que aqueles que estão fora do Céu, não sabem que ela está lá. 6 Entretanto, quieta, branca e bela, ela brilhará através de toda a eternidade. 7 Não houve tempo algum em que ela não estivesse lá, nenhum instante em que a sua luz tenha diminuído ou se mostrado menos perfeita.

T-30.III.9. Quem conhece o Pai conhece essa luz, pois Ele é o firmamento eterno que a mantém a salvo, para sempre elevada e ancorada em segurança. 2 Sua pureza perfeita não depende de ser vista na terra ou não. 3 O firmamento a abraça e suavemente a mantém em seu lugar perfeito, que está tão distante da terra quanto a terra do Céu. 4 Não é a distância nem é o tempo que mantém essa estrela invisível na terra. 5 Mas aqueles que buscam ídolos não podem ter o conhecimento de que a estrela esteja lá.

T-30.III.10. Além de todos os ídolos está o Pensamento que Deus mantém de ti. 2 Completamente intocado pelo tumulto e pelo terror do mundo, os sonhos de nascimento e de morte que são aqui sonhados, as miríades de formas que o medo pode tomar; inteiramente imperturbado, o Pensamento que Deus mantém de ti permanece exatamente como sempre foi. 3 Cercado por uma quietude tão completa que nenhum som de batalha se aproxima nem sequer de forma remota, ele descansa na certeza e na paz perfeita. 4 Aqui está a sua única realidade mantida em segurança, completamente inconsciente de todo o mundo que cultua ídolos e que não conhece a Deus. 5 Na perfeita confiança da sua imutabilidade e do seu descanso na sua casa eterna, o Pensamento que Deus mantém de ti nunca deixou a Mente de seu Criador, a Quem ele conhece do mesmo modo que o seu Criador tem o conhecimento de que ele está lá.

T-30.III.11. Onde poderia estar o Pensamento que Deus mantém de ti senão onde tu estás? 2 É a tua realidade algo que está à parte de ti, situado em um mundo sobre o qual a tua realidade nada conhece? 3 Fora de ti não há firmamento eterno, não há estrela imutável e nenhuma realidade. 4 A mente do Filho do Céu está no Céu, pois lá a Mente do Pai e do Filho uniram-Se na criação que não pode ter fim. 5 Tu não tens duas realidades, mas uma só. 6 Tampouco é possível que estejas ciente de mais de uma. 7 Um ídolo ou o Pensamento que Deus

mantém de ti é a tua realidade. 8 Não te esqueças, portanto, que os ídolos têm que guardar escondido aquilo que tu és, não da Mente de Deus, mas da tua própria. 9 A estrela ainda brilha, o firmamento nunca mudou. 10 Mas tu, o Filho santo do próprio Deus, estás inconsciente da tua realidade.

T-30.IV. A verdade atrás das ilusões

T-30.IV.1. Tu atacarás aquilo que não satisfaz e assim não verás que o inventaste. 2 Tu sempre lutas contra ilusões. 3 Pois a verdade que está por trás é tão bela e tão serena em amorosa gentileza, que se estivesses ciente dela, te esquecerias inteiramente de te colocares na defensiva e correrias para o seu abraço. 4 A verdade nunca poderia ser atacada. 5 E disso tu sabias quando fizeste ídolos. 6 Eles foram feitos para que isso pudesse ser esquecido. 7 Só atacas as idéias falsas, nunca as verdadeiras. 8 Todos os ídolos são idéias falsas que fizeste para preencher a brecha que pensaste ter surgido entre ti mesmo e o que é verdadeiro. 9 E os atacas em nome das coisas que pensas que representam. 10 O que está além dos ídolos não pode ser atacado.

T-30.IV.2. Os exaustivos e insatisfatórios deuses que fizeste são brinquedos inflados de criança. 2 Uma criança se assusta quando uma cabeça de madeira salta de uma caixa fechada que é repentinamente aberta, ou quando um urso de pelúcia macio e silencioso começa a rosnar no momento em que ela o segura. 3 As regras que ela fez para as caixas e para os ursos falharam e quebraram o seu “controle” daquilo que a cerca. 4 E ela tem medo porque pensava que essas regras a protegiam. 5 Agora, precisa aprender que as caixas e os ursos não a enganaram, não quebraram regra nenhuma, nem significam que o seu mundo se tornou caótico e sem segurança. 6 Ela se equivocou. 7 Compreendeu mal o que é que a fazia estar segura e pensou que isso tinha ido embora.

T-30.IV.3. A brecha que não existe é preenchida com brinquedos de inúmeras formas. 2 E cada um aparentemente quebra as regras que estabeleceste para ele. 3 Ele nunca foi o que pensavas. 4 Não pode deixar de aparentemente quebrar as tuas regras de segurança, já que essas regras estavam erradas. 5 Mas tu não estás em perigo. 6 Podes rir das cabeças que pulam e dos brinquedos que rosnam, assim como a criança que aprende que eles não são uma ameaça para ela. 7 Entretanto, enquanto gostar de brincar com eles, ela os perceberá como se estivessem obedecendo as regras que fez para a sua diversão. 8 Assim, ainda existem regras que eles aparentemente podem quebrar, assustando-a. 9 No entanto, está ela à mercê de seus brinquedos? 10 E *podem* eles representar qualquer ameaça para ela?

T-30.IV.4. A realidade observa as leis de Deus, e não as regras que estabeleceste. 2 São as Suas leis que garantem a tua segurança. 3 Todas as ilusões a respeito de ti mesmo, nas quais acreditas, não obedecem a lei alguma. 4 Elas parecem dançar por algum tempo de acordo com as regras que estabeleceste para elas. 5 Mas então caem e não conseguem reerguer-se. 6 Elas são apenas brinquedos, minha criança, portanto, não te lamentes por elas. 7 A sua dança nunca te trouxe alegria. 8 Tampouco eram coisas para assustar-te, nem para te dar segurança caso obedecessem as tuas regras. 9 Elas não devem ser estimadas nem atacadas, mas apenas contempladas como brinquedos de criança, sem qualquer significado próprio. 10 Vê um significado nelas e verás todos. 11 Não vejas nenhum e elas não te afetarão.

T-30.IV.5. As aparências enganam *porquê* são aparências e não realidade. 2 Não insistas nelas de forma alguma. 3 Elas apenas obscurecem a realidade e trazem medo *porque* escondem a verdade. 4 Não ataques aquilo que tu fizeste para te deixares ser enganado, pois desse modo provas que foste enganado. 5 O ataque tem o poder de fazer com que as ilusões sejam reais. 6 No entanto, o que ele faz não é nada. 7 Quem poderia se amedrontar em virtude de um poder que não pode ter quaisquer efeitos reais? 8 O que poderia ser além de uma ilusão, fazendo com que as coisas pareçam ser como ele próprio? 9 Olha calmamente para os seus brinquedos e compreende que são ídolos que apenas dançam de acordo com desejos vãos. 10 Não lhes dês o teu culto pois não existem. 11 Entretanto, isso é igualmente esquecido no ataque. 12 O Filho de Deus não necessita de defesa contra os seus sonhos. 13 Os seus ídolos não o ameaçam em nada. 14 O seu único equívoco é pensar que são reais. 15 O que o poder de ilusões poderia fazer?

T-30.IV.6. As aparências só são capazes de enganar a mente que quer ser enganada. 2 E podes fazer uma simples escolha que te colocará para sempre muito além do engano. 3 Não precisas te preocupar com a forma como isso será feito, pois isso não podes compreender. 4 Mas compreenderás que poderosas mudanças foram rapidamente introduzidas quando decidires uma única coisa muito simples: tu não queres coisa alguma que

acredites que um ídolo possa dar. 5 Pois assim o Filho de Deus declara que está livre de ídolos. 6 E, assim, ele é livre.

T-30.IV.7. A salvação é, de fato, um paradoxo! 2 O que poderia ser exceto um sonho feliz? 3 Ela apenas te pede que perdoes todas as coisas que ninguém jamais fez, que não vejas o que não existe e que não olhes para o irreal como se fosse realidade. 4 Apenas te é pedido que deixes que seja feita a tua vontade e não mais busques coisas que não queres. 5 E te é pedido que te deixes libertar de todos os sonhos daquilo que nunca foste e não busques mais substituir a Vontade de Deus pela força de desejos vãos.

T-30.IV.8. Aqui o sonho da separação começa a murchar e desaparecer. 2 Pois aqui a brecha que não existe começa a ser percebida sem os brinquedos de terror que tu fizeste. 3 Não mais do que isso é pedido. 4 Fica contente, de fato, porque a salvação pede tão pouco, não tanto. 5 Ela nada pede na realidade. 6 E mesmo em ilusões, ela apenas pede que o perdão seja o substituto do medo. 7 Tal é a única regra para os sonhos felizes. 8 A brecha é esvaziada dos brinquedos do medo e, então, a sua irrealidade é explícita. 9 Os sonhos não servem para nada. 10 E o Filho de Deus não pode precisar deles. 11 Não lhe oferecem coisa alguma que ele pudesse jamais querer. 12 Ele é libertado das ilusões através da sua própria vontade e é apenas restaurado ao que ele é. 13 O que poderia ser o plano de Deus para a sua salvação, exceto um meio de fazer com que ele se dê a Ele Mesmo?

T-30.V. O único propósito

T-30.V.1. O mundo real é o estado mental no qual se vê o perdão como o único propósito do mundo. 2 O medo não é a meta do mundo, pois escapar da culpa vem a ser o seu objetivo. 3 O valor do perdão é percebido e toma o lugar dos ídolos, que não mais são buscados, pois as suas “dádivas” já não são valorizadas. 4 Nenhuma regra é estabelecida em vão e nenhuma exigência é feita de pessoa ou coisa alguma para que sejam distorcidas e se adequam ao sonho do medo. 5 Em vez disso, há um desejo de compreender todas as coisas criadas como elas realmente são. 6 E se reconhece que todas as coisas têm que ser em primeiro lugar perdoadas e *então* compreendidas.

T-30.V.2. Aqui se pensa que a compreensão é adquirida através do ataque. 2 Lá, fica claro que através do ataque se perde a compreensão. 3 A loucura de perseguir a culpa como meta é inteiramente reconhecida. 4 E ídolos não são queridos lá, pois compreende-se que a culpa é a única causa da dor sob qualquer forma. 5 Ninguém é tentado pelo seu apelo vão, pois o sofrimento e a morte foram percebidos como coisas que não se quer e pelas quais não vale a pena ninguém se esforçar. 6 A possibilidade da liberdade foi captada e bem recebida e os meios pelos quais ela pode ser alcançada podem agora ser compreendidos. 7 O mundo vem a ser um lugar de esperança, porque o seu único propósito é ser um lugar onde a esperança da felicidade pode ser realizada. 8 E ninguém fica excluído dessa esperança, porque o mundo foi unido na crença de que o propósito do mundo é tal que todos têm que compartilhar, se é que a esperança vai ser mais do que um simples sonho.

T-30.V.3. O Céu ainda não é inteiramente lembrado, pois o propósito do perdão ainda permanece. 2 No entanto, cada um está certo de que irá além do perdão e permanece somente enquanto o perdão se aperfeiçoa nele. 3 Ele não tem nenhum desejo a não ser esse. 4 E o medo sumiu, porque ele está unido consigo mesmo em seu propósito. 5 Há nele uma esperança de felicidade tão segura e tão constante, que ele mal pode ficar esperando por mais algum tempo, com os pés ainda tocando a terra. 6 No entanto, está contente por esperar até que todas as mãos se unam e todos os corações estejam prontos para elevarem-se e seguirem com ele. 7 Pois assim ele é aprontado para o passo no qual todo o perdão é deixado lá atrás.

T-30.V.4. O passo final é de Deus, porque apenas Deus poderia criar um Filho perfeito e compartilhar Sua Paternidade com ele. 2 Ninguém fora do Céu sabe como pode ser assim, pois a compreensão disso é o próprio Céu. 3 Mesmo o mundo real tem um propósito que ainda se encontra abaixo da criação e da eternidade. 4 Mas o medo se foi porque seu propósito é o perdão, não a idolatria. 5 E assim, o Filho do Céu é preparado para ser ele próprio e para se lembrar que o Filho de Deus conhece tudo o que o seu Pai compreende, e o compreende perfeitamente com Ele.

T-30.V.5. O mundo real ainda está aquém disso, pois esse é o propósito do próprio Deus; só Seu e, no entanto, completamente compartilhado e perfeitamente realizado. 2 O mundo real é um estado no qual a mente aprendeu

como é fácil abandonar ídolos quando eles ainda são percebidos, mas não são mais queridos. 3 Com que disposição a mente os deixa partir quando compreendeu que os ídolos não são nada, não estão em parte alguma e não têm propósito. 4 Pois somente então a culpa e o pecado podem ser vistos sem nenhum propósito e sem significado.

T-30.V.6. Assim é o propósito do mundo real gentilmente trazido à consciência para substituir a meta do pecado e da culpa. 2 E tudo o que se interpôs entre a tua imagem de ti mesmo e aquilo que és, o perdão limpa alegremente e faz desaparecer. 3 Entretanto, Deus não precisa criar o Seu Filho outra vez para que o que é dele seja devolvido a ele. 4 A brecha entre o teu irmão e ti mesmo nunca existiu. 5 E o que o Filho de Deus conheceu na criação, ele tem que conhecer de novo.

T-30.V.7. Quando irmãos se unem em propósito no mundo do medo, eles já se encontram à beira do mundo real. 2 Talvez ainda olhem para trás e pensem que vêem um ídolo que querem. 3 No entanto, o seu caminho já foi seguramente traçado para longe dos ídolos, na direção da realidade. 4 Pois quando uniram as suas mãos, foi a mão de Cristo que tomaram e olharão para Aquele Cujas mãos eles seguram. 5 A face de Cristo é contemplada antes do Pai ser lembrado. 6 Pois Ele tem que continuar sem ser lembrado enquanto o Seu Filho não tiver alcançado o que está além do perdão, o Amor de Deus. 7 Entretanto, o Amor de Cristo é aceito antes. 8 E então virá o conhecimento de que Eles são um só.

T-30.V.8. Como é leve e fácil o passo que atravessa as estreitas fronteiras do mundo do medo, quando reconheste de Quem é a mão que segura! 2 Dentro da tua mão está tudo o que necessitas para caminhares em perfeita confiança para longe do medo para sempre e para seguires adiante e rapidamente alcançares a porta do Céu. 3 Pois Ele, Cujas mãos seguram, apenas esperava que te unisses a Ele. 4 Agora que vieste, iria Ele atrasar-Se em mostrar-te o caminho que Ele tem que seguir ao teu lado? 5 As Suas bênçãos estão contigo com tanta certeza quanto o Amor do Seu Pai repousa sobre Ele. 6 A Sua gratidão para contigo está além da tua compreensão, pois permitiste que Ele Se erguesse do cativeiro e partisse junto contigo rumo à casa do Seu Pai.

T-30.V.9. Um antigo ódio está desaparecendo do mundo. 2 E com ele toda raiva e todo medo se vão. 3 Não olhes mais para trás, pois o que está diante de ti é tudo o que sempre quiseste em teu coração. 3 Abre mão do mundo! 4 Mas não para o sacrifício. 5 Tu nunca o quiseste. 6 Que felicidade buscaste aqui que não tenha te trazido dor? 7 Que momento de contentamento não foi comprado ao preço amedrontador de moedas de sofrimento? 8 A alegria não tem nenhum custo. 9 Ela é o teu direito sagrado, e aquilo que tu pagas não é felicidade. 10 Adianta-te no teu caminho através da honestidade e não permitas que as tuas experiências aqui enganem em retrospectiva. 11 Elas não estavam livres do amargo custo e de conseqüências sem alegria.

T-30.V.10. Não olhes para trás a não ser com honestidade. 2 E quando um ídolo te tentar, pensa nisso:

*3 Nunca houve um momento em que um ídolo te trouxesse coisa alguma exceto a 'dádiva' da culpa.
4 Nenhum deles foi comprado a não ser ao custo da dor, e nem jamais foi pago apenas por ti.*

5 Portanto, sê misericordioso para com o teu irmão. 6 E não escolhas um ídolo irrefletidamente; lembra-te de que ele pagará o custo assim como tu. 7 Pois ele se atrasará quando olhares para trás e não perceberás de Quem é a mão amorosa que segura. 8 Assim sendo, olha para frente; em confiança caminha com o coração feliz que bate em esperança e não ecoa no medo.

T-30.V.11. A Vontade de Deus está para sempre naqueles cujas mãos estão unidas. 2 Enquanto eles não se uniram, pensaram que Ele era seu inimigo. 3 Mas quando se uniram e compartilharam um único propósito, foram livres para aprender que a sua vontade é uma só. 4 E assim a Vontade de Deus tem que chegar à consciência de todos eles. 5 Tampouco são capazes de esquecer por muito tempo que ela não é senão a própria vontade de cada um.

T-30.VI. A justificativa do perdão

T-30.VI.1. A raiva *nunca* é justificada. 2 O ataque *não* tem fundamento. 3 É aqui que o escape do medo começa e ele será completado. 4 Aqui o mundo real é dado em troca dos sonhos de terror. 5 É nisso que o perdão se baseia e é apenas natural. 6 Não te é pedido que ofereças o perdão quando o ataque é devido e seria justificado.

7 Isso significaria que perdoas um pecado sem ver o que realmente existe. 8 Isso não é perdão. 9 Pois isso implicaria em que, por responder de uma forma que não é justificada, o teu perdão viria a ser a resposta ao ataque que foi feito. 10 E assim o perdão é impróprio, pois está sendo concedido onde não é devido.

T-30.VI.2. O perdão *sempre* é justificado. 2 Ele tem um fundamento seguro. 3 Tu não perdoas o imperdoável, nem deixas de ver um ataque real que pede punição. 4 A salvação não está em seres solicitado a dar respostas não-naturais, impróprias para o que é real. 5 Ao contrário, ela apenas pede que respondas de maneira apropriada ao que não é real, por não perceberes, o que não ocorreu. 6 Se o “perdão fosse” injustificado, seria pedido a ti que sacrificasses os teus direitos quando retribuís o ataque com o perdão. 7 Mas meramente te é solicitado que vejas o perdão como a reação natural à aflição que se baseia no erro e assim clama por ajuda. 8 O perdão é a única resposta sã. 9 Ele *impede* que os teus direitos sejam sacrificados.

T-30.VI.3. Essa compreensão é a única mudança que permite que o mundo real surja para tomar o lugar dos sonhos de terror. 2 O medo não pode surgir a menos que o ataque seja justificado e se ele tivesse um fundamento real, o perdão não teria nenhum. 3 O mundo real é alcançado quando percebes que a base do perdão é bastante real e inteiramente justificada. 4 Enquanto o consideras como uma dádiva que não é devida, ele não pode deixar de sustentar a culpa que queres “perdoar”. 5 O perdão não justificado é ataque. 6 E isso é tudo o que o mundo jamais poderá dar. 7 Ele perdoa os “pecadores” algumas vezes, mas permanece consciente de que pecaram. 8 E assim eles não merecem o perdão que ele lhes dá.

T-30.VI.4. Esse é o falso perdão que o mundo emprega para manter vivo o senso do pecado. 2 E reconhecendo que Deus é justo, parece impossível que o Seu perdão possa ser real. 3 Assim, o medo de Deus é o resultado garantido de se ver o perdão como algo imerecido. 4 Ninguém que se veja culpado é capaz de evitar o medo de Deus. 5 Mas ele é salvo desse dilema se for capaz de perdoar. 6 A mente não pode deixar de pensar em seu Criador enquanto olha para si mesma. 7 Se és capaz de ver que o teu irmão merece perdão, aprendeste que o perdão é um direito teu, tanto quanto dele. 8 Tampouco irás pensar que Deus pretende fazer para ti um julgamento amedrontador que o teu irmão não mereça. 9 Pois a verdade é que não podes merecer nem mais nem menos do que ele.

T-30.VI.5. O perdão reconhecido como merecido curará. 2 Ele dá ao milagre a sua força para não ver ilusões. 3 É desse modo que aprendes que tu também tens que estar perdoado. 4 Não pode haver nenhuma aparência que não possa deixar de ser vista. 5 Pois se houvesse, seria necessário, em primeiro lugar, que houvesse algum pecado que estivesse além do perdão. 6 Nesse caso haveria um erro que seria mais do que um equívoco, uma forma especial de erro que permaneceria imutável, eterna e além de toda correção ou escapatória. 7 Aí haveria um equívoco com o poder de desfazer a criação e fazer um mundo que pudesse substituí-la e destruir a Vontade de Deus. 8 Somente se isso fosse possível, poderiam existir aparências capazes de fazer face ao milagre e não serem curadas por ele.

T-30.VI.6. Não existe prova mais garantida de que a idolatria é o teu desejo do que a crença segundo a qual existem certas formas de doença e de ausência de alegria que o perdão não é capaz de curar. 2 Isso significa que preferes manter alguns ídolos e não estás preparado por enquanto para permitir que todos desapareçam. 3 E assim pensas que algumas aparências são reais e absolutamente não são aparências. 4 Não te enganes a respeito do significado de qualquer crença fixa segundo a qual é mais difícil olhar para o que está além de algumas aparências do que de outras. 5 Isso sempre significa que pensas que o perdão tem que ser limitado. 6 E estabeleceste uma meta de perdão parcial e o escapar da culpa não pode deixar de estar limitado para ti. 7 O que pode isso significar exceto que o perdão que concedes a ti mesmo e a todas as pessoas que parecem estar à parte de ti é falso?

T-30.VI.7. Não pode deixar de ser verdade que o milagre pode curar todas as formas de doença ou não pode curar nenhuma. 2 Seu propósito não pode ser julgar que formas são reais e que aparências são verdadeiras. 3 Se uma aparência tem que permanecer à parte da cura, uma ilusão tem que ser parte da verdade. 4 E não poderias escapar de toda a culpa, mas só de parte dela. 5 Tens que perdoar o Filho de Deus inteiramente. 6 Se não o fizeres manterás uma imagem de ti mesmo que não é íntegra e continuarás com medo de olhar para dentro e lá achar um meio de escapar de todos os ídolos. 7 A salvação baseia-se na fé segundo a qual não podem haver formas de culpa que não podes perdoar. 8 E assim não podem existir aparências que tenham substituído a verdade sobre o Filho de Deus.

T-30.VI.8. Olha para o teu irmão com a disposição de vê-lo como ele é. 2 E não excluas nenhuma parte dele da tua disponibilidade para que ele seja curado. 3 Curar é tornar íntegro. 4 E o que é íntegro não pode ter partes faltando que tenham sido mantidas do lado de fora. 5 O perdão baseia-se no reconhecimento disso e no contentamento pelo fato de que não pode haver formas de doença que o milagre não tenha o poder de curar.

T-30.VI.9. O Filho de Deus é perfeito, ou ele não pode ser o Filho de Deus. 2 Tampouco o conhecerás, se pensas que ele não merece escapar da culpa em todas as suas conseqüências e suas formas. 3 Não existe nenhum outro modo de pensar nele a não ser esse, se quiseres conhecer a verdade sobre ti mesmo.

4 Pai, eu Te dou graças pelo Teu Filho perfeito e, na sua glória, eu verei a minha.

5 Eis aqui a alegre declaração de que não existem formas de mal que possam prevalecer sobre a Vontade de Deus; o feliz reconhecimento de que a culpa não teve sucesso no teu desejo de fazer com que as ilusões fossem reais. 6 E o que é isso senão uma simples declaração da verdade?

T-30.VI.10. Olha para o teu irmão com essa esperança em ti e compreenderás que ele não poderia cometer um erro que fosse capaz de mudar a verdade nele. 2 Não é difícil deixar de ver equívocos que não tiveram quaisquer efeitos. 3 Mas, o que vês como se tivesse poder para fazer um ídolo do Filho de Deus, tu não irás perdoar. 4 Pois ele virá a ser para ti uma imagem esculpida e um sinal da morte. 5 É esse o teu salvador? 6 O seu Pai está errado à respeito de Seu Filho? 7 Ou tu estás enganado em relação àquele que te foi dado para curar, para a tua salvação e libertação?

T-30.VII. A nova interpretação

T-30.VII.1. Iria Deus deixar o significado do mundo à tua interpretação? 2 Se Ele o tivesse feito, o mundo não teria significado. 3 Pois não é possível que o significado mude constantemente e ainda assim seja verdadeiro. 4 O Espírito Santo contempla o mundo como se ele tivesse um único propósito, imutavelmente estabelecido. 5 E nenhuma situação pode afetar o objetivo do mundo mas, ao contrário, tem que estar de acordo com ele. 6 Pois só se o seu objetivo pudesse mudar com cada situação é que cada uma poderia estar aberta à interpretação, que é diferente a cada vez que pensas nela. 7 Acrescentas um elemento ao roteiro que escreves a cada minuto do dia, e tudo o que acontece agora significa alguma outra coisa. 8 Tiras um outro elemento e todo significado se altera de acordo com isso.

T-30.VII.2. O que refletem os teus roteiros, exceto os teus planos para o que deveria ser o dia? 2 E assim julgas o desastre e o sucesso, o avanço e o retrocesso, o ganho e a perda. 3 Esses julgamentos são todos feitos de acordo com os papéis que o roteiro atribui. 4 O fato de que eles não têm significado em si mesmos é demonstrado pela facilidade com que esses rótulos mudam em função de outros julgamentos, feitos com base em diferentes aspectos da experiência. 5 E assim, ao olhares para trás, pensas que vês um outro significado naquilo que antes se passou. 6 O que é que realmente fizeste, exceto mostrar que ali não havia nenhum significado? 7 Mas tu atribuis significado à luz de metas que mudam, e os significados se alteram à medida que elas mudam.

T-30.VII.3. Só um propósito constante é capaz de dotar os eventos com *um* significado estável. 2 Mas ele tem que dar um só significado a todos eles. 3 Se significados diferentes lhes são dados, isso necessariamente significa que apenas refletem propósitos diferentes. 4 E esse é todo o significado que têm. 5 Isso pode ser significativo? 6 É possível que a significação do significado seja confusão? 7 A percepção não pode estar em um fluxo constante e permitir estabilidade de significado aonde quer que esteja. 8 O medo é um julgamento que nunca é justificado. 9 A sua presença não tem significado além de mostrar que escreveste um roteiro amedrontador e estás, conseqüentemente, com medo. 10 Mas não porque o que temes tenha um significado amedrontador em si mesmo.

T-30.VII.4. Um propósito comum é o único meio pelo qual a percepção pode ser estabilizada e uma só interpretação dada ao mundo e a todas as experiências aqui. 2 Nesse propósito compartilhado, um só julgamento é compartilhado por todas as pessoas e coisas que vês. 3 Tu não tens que julgar, pois aprendeste que foi dado um só significado a todas as coisas e estás contente de vê-lo em toda a parte. 4 Ele não pode mudar

porque tu o perceberias em toda a parte, imutável pelas circunstâncias. 5 E assim o ofereces a todos os eventos e permites que eles te ofereçam estabilidade.

T-30.VII.5. Escapar do julgamento está simplesmente nisso: todas as coisas têm apenas um propósito, que tu partilhas com todo o mundo. 2 E nada no mundo pode se opor a ele, pois ele pertence a tudo, assim como pertence a ti. 3 No propósito único está o fim de todas as idéias de sacrifício, que têm que assumir um propósito diferente para aquele que ganha e para aquele que perde. 4 Não poderia haver nenhum pensamento de sacrifício à parte dessa idéia. 5 E é a idéia de metas diferentes que faz com que a percepção se altere e o significado mude. 6 Em uma meta unificada isso vem a ser impossível, pois o teu acordo faz a interpretação se estabilizar e durar.

T-30.VII.6. Como pode a comunicação realmente ser estabelecida enquanto os símbolos que são usados significam coisas diferentes? 2 A meta do Espírito Santo dá uma única interpretação significativa para ti e para o teu irmão. 3 Assim, podes te comunicar com ele e ele contigo. 4 Em símbolos que ambos podem compreender, o sacrifício do significado é desfeito. 5 Todo sacrifício acarreta a perda da tua capacidade de ver as relações entre os eventos. 6 E quando se olha para eles separadamente, eles não têm significado. 7 Pois não existe nenhuma luz pela qual possam ser vistos e compreendidos. 8 Eles não têm propósito. 9 E aquilo para que servem não pode ser visto. 10 Em qualquer pensamento de perda não há significado. 11 Ninguém concordou contigo quanto ao que ele significa. 12 Ele faz parte de um roteiro distorcido, que não pode ser interpretado significativamente. 13 Tem que ser para sempre ininteligível. 14 Isso não é comunicação. 15 Os teus sonhos escuros são apenas os roteiros isolados e sem sentido que escreveste no sono. 16 Não olhes para sonhos separados em busca de significado. 17 Só sonhos que perdoam podem ser compartilhados. 18 Eles significam o mesmo para ti e para o teu irmão.

T-30.VII.7. Não interpretes em função da solidão, pois o que vês nada significa. 2 Aquilo que representa vai se alterar e tu vais acreditar que o mundo é um lugar incerto, no qual caminhas no perigo e na incerteza. 3 São apenas as tuas interpretações, às quais falta estabilidade, pois elas não estão alinhadas com o que tu realmente és. 4 Esse é um estado tão inseguro, aparentemente, que o medo tem que surgir. 5 Não continues assim, meu irmão. 6 Nós temos um Intérprete. 7 E através do Seu uso dos símbolos, nós nos unimos de tal modo que significam a mesma coisa para todos nós. 8 Nossa linguagem comum permite que nós falemos com todos os nossos irmãos e que compreendamos com eles que o perdão foi dado a todos nós, e assim podemos nos comunicar outra vez.

T-30.VIII. A realidade imutável

T-30.VII.1. Aparências enganam, mas podem ser mudadas. 2 A realidade é imutável. 3 Ela não engana em nada, e se falhas em ver o que está além das aparências, tu estás enganado. 4 Pois todas as coisas que vês mudarão e apesar disso pensaste que eram reais antes e agora pensas que são reais mais uma vez. 5 A realidade é assim reduzida à forma e é capaz de mudar. 6 A realidade é imutável. 7 É isso o que faz com que ela seja real e a mantém separada de todas as aparências. 8 Ela tem que transcender todas as formas para ser ela própria. 9 Ela não pode mudar.

T-30.VII.2. O milagre é o meio de demonstrar que todas as aparências podem mudar porque elas são aparências e não podem ter a imutabilidade a que a realidade está vinculada. 2 O milagre atesta a salvação das aparências demonstrando que elas podem mudar. 3 O teu irmão tem em si mesmo uma imutabilidade que está além de ambos, aparência e engano. 4 Ela é obscurecida por pontos de vista mutantes que percebes em relação a ele como se fossem a sua realidade. 5 O sonho feliz a seu respeito toma a forma da aparência da sua saúde perfeita, da sua liberdade perfeita em relação a todas as formas de carência, da sua segurança contra desastres de todos os tipos. 6 O milagre é uma prova de que ele não está limitado pela perda nem pelo sofrimento sob qualquer forma, porque isso pode ser tão facilmente mudado. 7 Isso demonstra que essas coisas nunca foram reais e não poderiam ter brotado da sua realidade. 8 Essa é imutável e não tem efeitos que qualquer coisa no Céu ou na terra seja jamais capaz de alterar. 9 Mas as aparências se revelam irreais *porque* mudam.

T-30.VII.3. O que é a tentação senão um desejo de fazer com que as ilusões sejam reais? 2 Não parece ser o desejo de que nenhuma realidade seja real. 3 Entretanto, é uma afirmação segundo a qual algumas formas que tomam os ídolos têm um apelo poderoso que faz com que seja mais difícil resistir a elas do que àquelas outras que não queres que tenham realidade. 4 A tentação, então, nada mais é do que isso: uma oração para que o

milagre não toque em alguns sonhos, mas mantenha a sua irrealidade obscura e, ao contrário, lhes dê realidade. 5 E o Céu não dá nenhuma resposta à oração, tampouco pode te ser dado um milagre para curar as aparências do que não gostas. 6 Tu estabeleceste limites. 7 O que pedes te é dado, mas não vem de Deus, Que não conhece limites. 8 Tu limitaste a ti mesmo.

T-30.VII.4. A realidade é imutável. 2 Os milagres apenas mostram que o que interposeste entre a realidade e a tua consciência é irreal e não interfere absolutamente. 3 O custo da crença segundo a qual tem que haver algumas aparências que estão além da esperança de serem mudadas é que o milagre não pode vir de ti de maneira consistente. 4 Pois pediste que fosse retirado do milagre o poder de curar todos os sonhos. 5 Não há nenhum milagre que não possas ter quando desejas a cura. 6 Mas não há nenhum milagre que possa te ser dado, a não ser que a queiras. 7 Escolhe o que queres curar e não terá sido dada a Ele, Que dá todos os milagres, a liberdade para conceder as Suas dádivas ao Filho de Deus. 8 Quando ele é tentado, ele nega a realidade. 9 E vem a ser o escravo voluntário daquilo que escolheu em seu lugar.

T-30.VII.5. *Porque* a realidade é imutável, já existe lá um milagre para curar todas as coisas que mudam e oferecê-las a ti para serem vistas de uma forma feliz, isenta de medo. 2 Será dado a ti olhar para o teu irmão deste modo. 3 Mas não enquanto quiseres que, em alguns aspectos, seja de outro modo. 4 Pois isso apenas significa que não queres vê-lo curado e íntegro. 5 O Cristo nele é perfeito. 6 É para isso que queres olhar? 7 Então, não permitas que existam sonhos sobre ele que prefiras ver em lugar deste. 8 E verás o Cristo nele porque permites que Ele venha a ti. 9 E quando Ele tiver aparecido a ti, estarás certo de que tu és como Ele, pois Ele é o imutável no teu irmão e em ti.

T-30.VII.6. É isso o que vais contemplar quando decidires que não há nenhuma aparência que queiras manter no lugar do que o teu irmão realmente é. 2 Não permitas que nenhuma tentação te faça preferir um sonho e deixar que a incerteza entre aqui. 3 Não te faças ficar culpado e temeroso quando fores tentado por um sonho do que ele é. 4 Mas não dês a esse sonho o poder de substituir o imutável nele no teu modo de vê-lo. 5 Não há nenhuma falsa aparência que não se apague, se em vez dela requisitares um milagre. 6 Não há nenhuma dor da qual ele não esteja livre, se tu quiseres que ele seja apenas o que é. 7 Por que deverias ter medo de ver o Cristo nele? 8 Tu apenas contemplas a ti mesmo no que vês. 9 Na medida em que ele é curado, tu és libertado da culpa, pois a sua aparência é a tua própria para ti.

Fim do Capítulo 30 – Página 694

Capítulo 31

A VISÃO FINAL

I. A simplicidade da salvação

T-31.I.1. Como é simples a salvação! 2 Tudo o que ela diz é que o que nunca foi verdadeiro não é verdadeiro agora e nunca o será. 3 O impossível não ocorreu e não pode ter efeitos. 4 E isso é tudo. 5 Pode ser difícil aprender isso para qualquer pessoa que queira que isso seja verdadeiro? 6 Só a falta de disponibilidade para aprender poderia tornar difícil essa lição tão fácil. 7 Qual a dificuldade de se ver que o que é falso não pode ser verdadeiro, e que o que é verdadeiro não pode ser falso? 8 Tu não podes mais dizer que não percebes diferenças entre o falso e o verdadeiro. 9 Foi dito a ti exatamente como distinguir um do outro e exatamente o que fazer caso fiques confuso. 10 Então, por que persistes em não aprender coisas tão simples?

T-31.I.2. Há uma razão. 2 Mas não a confundas com dificuldade nas coisas simples que a salvação te pede para aprender. 3 Ela ensina apenas o que é óbvio. 4 Meramente passa de uma lição evidente à seguinte, em passos fáceis que te conduzem com gentileza de uma à outra sem qualquer esforço. 5 Isso não pode te confundir; no entanto, estás confuso. 6 Isso é assim porque de algum modo acreditas que o que é totalmente confuso é mais fácil de aprender e compreender. 7 O que ensinaste a ti mesmo é um feito de aprendizado tão gigantesco que chega a ser, de fato, incrível. 8 Mas o realizaste porque querias, e não interrompeste a tua diligência para julgá-lo difícil ou complexo demais para aprender.

T-31.I.3. Ninguém que compreende o que aprendeste, como o aprendeste cuidadosamente e as dores pelas quais passaste para praticar e repetir as lições incessantemente, em todas as formas que podias conceber, poderia jamais duvidar do poder da tua capacidade de aprender. 2 Não existe no mundo poder maior. 3 O mundo foi feito por ele e mesmo agora não depende de nenhuma outra coisa. 4 As lições que ensinaste a ti mesmo foram

tão super aprendidas e fixadas, que elas se erguem como cortinas pesadas para obscurecer o simples e o óbvio. 5 Não digas que não és capaz de aprendê-los. 6 Pois o teu poder de aprender é forte o bastante para te ensinar que a tua vontade não é tua, os teus pensamentos não pertencem a ti e mesmo tu és um outro.

T-31.I.4. Quem poderia insistir em que tais lições são fáceis? 2 No entanto, aprendeste mais do que isso. 3 Continuaste dando cada passo, por mais difícil que fosse, sem reclamar, até que foi construído um mundo que se adequava a ti. 4 E cada lição que constitui o mundo surgiu da primeira realização do aprendizado: uma enormidade tal que a Voz do Espírito Santo parece suave e quieta diante da magnitude desse feito. 5 O mundo começou com uma lição estranha, suficientemente poderosa para fazer com que Deus fosse esquecido e Seu Filho alienado de si mesmo, exilado da casa onde o Próprio Deus o estabeleceu. 6 Tu, que ensinaste a ti mesmo que o Filho de Deus é culpado, não digas que não és capaz de aprender as coisas simples que a salvação te ensina!

T-31.I.5. O aprendizado é uma capacidade que tu fizeste e deste a ti mesmo. 2 Ela não foi feita para fazer a Vontade de Deus, mas para manter o desejo de que é possível opor-se a ela e estabelecer que uma vontade à parte é ainda mais real do que ela. 3 E isso o aprendizado buscou demonstrar e tu aprendeste, pois foi para ensinar-te isso que ele foi feito. 4 Agora, o teu antigo super-aprendizado permanece implacável diante da Voz da verdade e te ensina que as Suas lições não são verdadeiras: são por demais duras de se aprender, por demais difíceis de se ver e por demais opostas ao que é realmente verdadeiro. 5 Apesar disso, tu as aprenderás, pois aprendê-las é o único propósito que o Espírito Santo vê em todo o mundo para a tua capacidade de aprender. 6 As Suas simples lições de perdão têm um poder muito maior do que as tuas, porque te chamam a partir de Deus e do teu Ser.

T-31.I.6. É essa a Voz fraca, tão suave e quieta que não consegue erguer-se acima dos ruídos sem sentido de sons que não têm significado? 2 Não foi Vontade de Deus que o Seu Filho O esquecesse. 3 E o poder da Sua Vontade está na Voz Que fala por Ele. 4 Que lição irás aprender? 5 Que resultado é inevitável, tão certo quanto Deus e muito além de qualquer dúvida e questionamento? 6 É possível que o teu pequeno aprendizado, de estranho resultado e incrível dificuldade, possa medir-se com as simples lições que te estão sendo ensinadas a cada momento de cada dia, desde o início dos tempos e desde que o aprendizado foi feito?

T-31.I.7. As lições a serem aprendidas são apenas duas. 2 Cada uma tem o seu resultado em um mundo diferente. 3 E cada mundo decorre com toda segurança da sua fonte. 4 O resultado certo da lição segundo a qual o Filho de Deus é culpado é o mundo que vês. 5 É um mundo de terror e desespero. 6 Tampouco existe nele esperança de felicidade. 7 Não existe nenhum plano que possas fazer para a tua segurança que jamais venha a ter sucesso. 8 Não existe alegria que possas buscar aqui e esperar achá-la. 9 Entretanto, esse não é o único resultado que o teu aprendizado pode produzir. 10 Por mais que possas ter super-aprendido a tarefa que escolheste, a lição que reflete o Amor de Deus é ainda mais forte. 11 E aprenderás que o Filho de Deus é inocente e verás um outro mundo.

T-31.I.8. O resultado da lição segundo a qual o Filho de Deus não tem culpa é um mundo no qual não existe medo e onde todas as coisas são iluminadas com esperança e cintilam com uma gentil amizade. 2 Todas as coisas nada fazem senão apelar para ti pedindo, com suavidade, para serem tuas amigas e para que tu permitas que se unam a ti. 3 E um chamado nunca fica sem ser ouvido, sem ser compreendido, ou deixa de ser respondido na mesma língua em que foi feito. 4 E compreenderás que foi esse chamado que todas as pessoas e todas as coisas no mundo sempre fizeram, mas tu não tinhas percebido tal como era. 5 E agora vês que estavas enganado. 6 Foste enganado pelas formas nas quais o chamado estava escondido. 7 E assim não o escutaste, e perdeste um amigo que sempre quis ser parte de ti. 8 O suave apelo eterno de cada parte da criação de Deus ao todo é ouvido através de todo o mundo que essa segunda lição traz.

T-31.I.9. Não existe coisa viva que não compartilhe da Vontade universal de ser íntegra e de que tu não deixes de ouvir esse chamado. 2 Sem a tua resposta, ela é abandonada para morrer, assim como foi salva da morte quando ouviste o seu chamado como o antigo chamado à vida e compreendeste que ele é apenas o teu próprio. O Cristo em ti lembra de Deus com toda a certeza com a qual Ele conhece o Seu Amor. 3 Mas só se o Seu Filho for inocente é que Ele pode ser Amor. 4 Pois Deus teria sido medo, de fato, se aquele a quem Ele criou inocente pudesse ser um escravo da culpa. 5 O Filho perfeito de Deus lembra da sua criação. 6 Mas na culpa ele se esqueceu do que realmente é.

T-31.I.10. O medo de Deus decorre da lição segundo a qual o Seu Filho é culpado tanto quanto o Amor de Deus tem que ser lembrado quando ele aprende a própria inocência. 2 Pois o ódio não pode deixar de ser o pai do medo, e olha para o seu pai como para si mesmo. 3 Como estás errado, tu que falhas em ouvir o chamado que ecoa através de cada aparente apelo para a morte, que canta por trás de cada ataque assassino e implora que o amor seja devolvido ao mundo moribundo! 4 Tu não compreendes Quem te chama além de cada forma de ódio, de cada chamado para a guerra. 5 Entretanto, irás reconhecê-Lo na medida em que dás a Ele uma resposta na linguagem com a qual Ele te chama. 6 Ele aparecerá quando Lhe tiveres respondido, e Nele conhecerás que Deus é Amor.

T-31.I.11. O que é a tentação senão um desejo de tomar a decisão errada quanto ao que queres aprender e ter um resultado que não queres? 2 É o reconhecimento de que um estado mental indesejado vem a ser o meio pelo qual a escolha é reavaliada, um outro resultado visto como preferível. 3 Estás enganado se acreditas que queres o desastre, a desunião e a dor. 4 Não ouças o chamado para isso dentro de ti. 5 Mas, ao contrário, escuta o chamado mais profundo que está além disso, apelando para a paz e para a alegria. 6 E todo o mundo te dará alegria e paz. 7 Pois assim como ouves, tu respondes. 8 E eis aqui! 9 A tua resposta é a prova do que aprendeste. 10 O resultado do que aprendeste é o mundo que contempas.

T-31.I.12. Vamos ficar quietos por um instante e esquecer todas as coisas que já aprendemos, todos os pensamentos que tivemos e todo preconceito que guardamos quanto ao que significam as coisas e qual é o seu propósito. 2 Não nos lembremos das nossas próprias idéias a respeito de qual é o objetivo do mundo. 3 Nós não sabemos. 4 Soltemos todas as imagens que guardamos de todas as pessoas e que sejam varridas das nossas mentes.

T-31.I.13. Sê inocente de julgamento, inconsciente de quaisquer pensamentos de mal ou bem que jamais tenham cruzado a tua mente a respeito de quem quer que seja. 2 Agora não o conheces. 3 Mas estás livre para aprender sobre ele e aprender sobre ele de uma forma nova. 4 Agora ele nasceu de novo para ti e tu nasceste de novo para ele, sem o passado que o condenava à morte e a ti junto com ele. 5 Agora ele é livre para viver assim como tu és livre, porque um aprendizado antigo morreu e deixou um lugar para que a verdade renascesse.

T-31.II. Caminhando com Cristo

T-31.II.1. Não se supera uma lição antiga pela oposição do novo e do velho. 2 Ele não tem que ser vencido para que a verdade seja conhecida, nem é necessário lutar contra ele para que ele perca para o apelo da verdade. 3 Não há nenhuma batalha que tenha que ser preparada; não há tempo a ser gasto, nem planos que tenham que ser elaborados para trazer o novo. 4 Há uma antiga batalha sendo travada contra a verdade, mas a verdade não responde. 5 Quem poderia ferir-se em tal guerra, a não ser que ferisse a si mesmo? 6 Não se tem inimigos na verdade. 7 E é possível ser assaltado por sonhos?

T-31.II.2. Vamos rever outra vez o que parece estar entre tu e a verdade do que tu és. 2 Pois existem passos para abandonar isso. 3 O primeiro é uma decisão que tomas. 4 Mas em seguida, a verdade te é dada. 5 Queres estabelecer a verdade. 6 E pelo teu desejo colocas duas escolhas a serem feitas, a cada vez que pensas que tens que decidir sobre uma coisa qualquer. 7 Nenhuma das duas é verdadeira. 8 Nem são elas diferentes. 9 No entanto, temos que vê-las ambas, antes que possas olhar para o que vem depois, para a única alternativa que é uma escolha diferente. 10 Mas não nos sonhos que fizeste para que isso possa ficar obscuro para ti.

T-31.II.3. Aquilo entre o que queres escolher não é uma escolha e apenas dá a ilusão de que é livre, pois de qualquer modo terá um único resultado. 2 Assim, não é realmente uma escolha. 3 O líder e o seguidor emergem como papéis a serem desempenhados de forma separada, cada um aparentemente possuidor de vantagens que não gostarias de perder. 4 Assim, na fusão dos dois aparentemente está a esperança da satisfação e da paz. 5 Tu te vês dividido entre esses dois papéis, para sempre partido entre ambos. 6 E todo amigo ou inimigo vem a ser um meio de ajudar-te a salvar a ti mesmo dessa situação.

T-31.II.4. Talvez chames isso de amor. 2 Talvez penses que isso finalmente justifique o assassinato. 3 Odeias aquele a quem deste o papel de líder quando tu o queres para ti mesmo e odeias do mesmo modo quando ele não o assume nos momentos em que queres que o seguidor em ti emergja, renunciando ao papel da liderança. 4 E é para isso que fizeste o teu irmão e aprendeste a pensar que esse é o seu propósito. 5 A não ser que ele o sirva,

não terá cumprido a função que lhe foi dada por ti. 6 E assim merece a morte porque não tem propósito nem utilidade para ti.

T-31.II.5. E ele? 2 O que quer ele de ti? 3 O que poderia querer senão aquilo que tu queres dele? 4 Aí está a vida, tão facilmente como está a morte, pois o que escolhes, escolhes para ele também. 5 Tu lhe fazes dois apelos, assim como ele a ti. 6 Entre esses dois 'existe' escolha porque a partir daí há um resultado diferente. 7 Se ele vai ser o líder ou o seguidor em relação a ti não importa, pois escolheste a morte. 8 Mas se ele clama pela morte ou pela vida, pelo ódio ou pelo perdão e pela ajuda, o resultado não é o mesmo. 9 Dá ouvidos a um e estás separado dele e perdido. 10 Mas ouve o outro e te unes a ele, e na tua resposta acha-se a salvação. 11 A voz que ouves nele não é senão a tua própria voz. 12 O que é que ele te pede? 13 E escuta bem! 14 Pois ele está pedindo aquilo que virá a ti, porque vês uma imagem de ti mesmo e ouves a tua voz solicitando o que tu queres.

T-31.II.6. Antes de responderes, faz uma pausa e pensa nisso:

*2 A resposta que dou ao meu irmão é o que eu estou pedindo.
3 E o que aprendo sobre ele é o que aprendo a respeito de mim.*

4 Então, vamos aguardar um instante em quietude, esquecendo tudo o que pensamos que ouvimos; lembrando-nos de quanto nós não sabemos. 5 Esse irmão nem nos conduz, nem nos segue, mas caminha ao nosso lado na mesma estrada. 6 Ele é como nós, tão próximo ou distante do que queremos quanto o permitimos estar. 7 Nada ganhamos que ele não ganhe conosco e regredimos se ele não avança. 8 Não tomes a sua mão com raiva, mas com amor, pois no seu progresso avalias o teu. 9 Nós vamos pela estrada separados a não ser que tu o mantinhas a salvo ao teu lado.

T-31.II.7. Porque ele é o teu igual no Amor de Deus, serás salvo de todas as aparências e responderás ao Cristo Que te chama. 2 Aquieta-te e escuta. 3 Não penses pensamentos antigos. 4 Esquece as lições sombrias que aprendeste a respeito deste Filho de Deus que te chama. 5 Cristo apela para todos com igual ternura, sem ver líderes ou seguidores, ouvindo apenas uma resposta para todos. 6 Porque Ele ouve uma única Voz, não pode ouvir uma resposta diferente daquela que Ele deu quando Deus O apontou como Seu único Filho.

T-31.II.8. Fica bem quieto por um instante. 2 Vem sem nenhum pensamento que tenhas aprendido antes e põe de lado todas as imagens que fizeste. 3 O velho sucumbirá diante do novo sem a tua oposição ou intenção. 4 Não haverá nenhum ataque contra as coisas que pensaste que eram preciosas e necessitavam de cuidado. 5 Não haverá nenhuma agressão ao teu desejo de ouvir um chamado que nunca foi feito. 6 Nada irá ferir-te nesse lugar santo, ao qual vens para ouvir em silêncio e aprender a verdade sobre o que realmente queres. 7 Não te será pedido para aprender nada mais do que isso. 8 Mas na medida em que o ouvires, compreenderás que apenas necessitas vir sem os pensamentos que não quiseste e que nunca foram verdadeiros.

T-31.II.9. Perdoa o teu irmão por todas as aparências, que não são senão antigas lições que ensinaste a ti mesmo sobre o pecado em ti. 2 Ouve apenas o seu apelo por misericórdia e liberação de todas as imagens amedrontadoras que ele mantém do que ele é e do que tu não podes deixar de ser. 3 Ele tem medo de caminhar contigo e pensa que talvez um pouco mais para trás ou um pouco adiante seria um lugar mais seguro para ele. 4 É possível progredires se pensas o mesmo, avançando somente quando ele dá um passo atrás, e regredindo quando ele segue adiante? 5 Pois assim esqueces a meta da jornada, que é apenas decidires caminhar com ele de modo que nenhum dos dois conduza nem siga. 6 Assim, esse é um caminho pelo qual vós ides juntos, não sozinhos. 7 E nesta escolha o resultado do aprendizado muda, pois Cristo renasceu para vós.

T-31.II.10. Um instante passado sem as tuas antigas idéias a respeito de quem é o teu grande companheiro e do que ele deveria estar pedindo, será suficiente para permitir que isso aconteça. 2 E perceberás que o seu propósito é igual ao teu. 3 Ele pede pelo que queres, e necessita da mesma coisa que tu. 4 Ela talvez tome uma forma diferente nele, mas não é à forma que respondes. 5 Ele pede e tu recebes, pois vieste apenas com um propósito: aprenderes que amas o teu irmão com amor de irmão. 6 E como um irmão, o seu Pai tem que ser o mesmo que o teu, assim como ele é como tu és na verdade.

T-31.II.11. Juntos, a vossa herança conjunta é relembrada e aceita por ambos. 2 Sozinhos, ela é negada a ambos. 3 Não está claro que enquanto ainda insistes em conduzir ou seguir, pensas que caminhas sozinho, sem

ninguém a teu lado? 4 Essa é a estrada que não leva a lugar nenhum, pois a luz não pode ser dada enquanto tu caminhas sozinho e assim não podes ver qual é o caminho que segues. 5 E assim há confusão e um senso de dúvida interminável à medida que titubeias para trás e para frente na escuridão e na solidão. 6 Entretanto, tudo isso não passa de aparências do que na verdade é a jornada e de como deve ser feita. 7 Pois ao teu lado está Aquele Que mantém a luz diante de ti, de tal modo que cada passo seja dado na certeza e com segurança quanto à estrada. 8 Uma viseira, de fato, pode obscurecer a tua vista, mas não pode fazer com que o caminho em si mesmo se torne escuro. 9 E Aquele Que caminha contigo tem a luz.

T-31.III. Aqueles que acusam a si mesmos

T-31.III.1. Só aqueles que se acusam condenam. 2 À medida que te preparas para fazer uma escolha que terminará em resultados diferentes, há em primeiro lugar uma coisa que tem que ser super-aprendida. 3 Ela tem que vir a ser uma resposta habitual tão típica para tudo o que fizeres, que vem a ser a tua primeira resposta a todas as tentações e a todas as situações que ocorram. 4 Aprende isso e aprende bem, pois é aqui que o atraso da felicidade é diminuído por uma quantidade de tempo que nem sequer podes compreender. 5 Nunca odeias o teu irmão pelos seus pecados, mas só pelos teus. 6 Qualquer que seja a forma que os seus pecados pareçam tomar, ela só obscurece o fato de que acreditas que são teus e portanto merecem um ataque "justo."

T-31.III.2. Por que deveriam os seus pecados ser pecados, se não acreditasses que não poderiam ser perdoados em ti? 2 Por que seriam reais nele, se tu não acreditasses que eles são a tua realidade? 3 E por que os atacas em toda a parte a não ser porque odeias a ti mesmo? 4 És tu um pecado? 5 Respondeste "sim" toda vez que atacas, pois através do ataque afirmas que és culpado e tens que dar assim como mereces. 6 E o que podes merecer senão aquilo que és? 7 Se não acreditasses que mereces o ataque, jamais poderia te ocorrer atacar qualquer outra pessoa. 8 Por que deverias? 9 Qual seria o ganho para ti? 10 Qual poderia ser o resultado para que o quisesses? 11 E como poderia o assassinato te trazer benefício?

T-31.III.3. Os pecados estão nos corpos. 2 Eles não são percebidos nas mentes. 3 Não são vistos como propósitos, mas como ações. 4 Os corpos agem, as mentes não. 5 E, portanto, é preciso que o corpo seja culpado pelo que faz. 6 Ele não é visto como uma coisa passiva que obedece aos teus comandos e nada faz por conta própria. 7 Se tu és pecado, és um corpo, pois a mente não age. 8 E o propósito tem que estar no corpo e não na mente. 9 O corpo tem que agir por conta própria e motivar a si mesmo. 10 Se tu és pecado, trancas a mente dentro do corpo e dás o propósito que lhe é devido à casa que lhe serve de cadeia, a qual atua no lugar dela. 11 Um carcereiro não segue ordens, mas executa ordens em relação ao prisioneiro.

T-31.III.4. No entanto, o corpo é prisioneiro, não a mente. 2 O corpo não tem pensamentos a pensar. 3 Não tem poder de aprender, de perdoar, de escravizar. 4 Ele não dá nenhuma ordem que a mente tenha que cumprir, nem estabelece condições que ela tenha que obedecer. 5 Ele mantém na prisão apenas a mente que voluntariamente quer aí habitar. 6 Adoece a pedido da mente que quer vir a ser sua prisioneira. 7 E envelhece e morre porque essa mente está doente dentro dele. 8 Só o aprendizado causa mudança. 9 E assim o corpo, onde não pode ocorrer nenhum aprendizado, jamais poderia mudar a não ser que a mente preferisse que o corpo mudasse em suas aparências para se adequar ao propósito dado por ela. 10 Pois a mente pode aprender e é lá que todas as mudanças são feitas.

T-31.III.5. A mente que pensa que é um pecado não tem senão um propósito: que o corpo seja a origem do pecado para mantê-la na cadeia que escolheu e guarda e que a retém como um prisioneiro adormecido diante dos cães ameaçadores do ódio e do mal, da doença e do ataque, da dor e da idade, do pesar e do sofrimento. 2 Aqui são preservados os pensamentos de sacrifício, pois aqui reina a culpa e essa ordena que o mundo seja como ela, um lugar onde nada pode achar misericórdia, nem sobreviver à devastação do medo, exceto no assassinato e na morte. 3 Pois aqui tu és feito pecado e o pecado não pode habitar no que é alegre e livre, pois eles são os inimigos que o pecado tem que matar. 4 Na morte o pecado é preservado e aqueles que pensam que são um pecado têm que morrer pelo que pensam que são.

T-31.III.6. Vamos ficar contentes porque verás aquilo que acreditas e te foi dado mudar o que acreditas. 2 O corpo apenas seguirá. 3 Ele jamais pode conduzir-te aonde não queres estar. 4 Ele não guarda o teu sono, nem interfere com o teu despertar. 5 Liberta o teu corpo da prisão e não verás ninguém como prisioneiro daquilo que

escapaste. 6 Não irás querer manter na culpa os inimigos escolhidos por ti, nem guardar aqueles que pensas que são teus amigos acorrentados à ilusão de um amor mutável.

T-31.III.7. Os inocentes liberam em gratidão pela própria libertação. 2 E o que vêm mantém a sua liberdade fora do aprisionamento e da morte. 3 Abre a tua mente para a mudança e não existirá nenhuma penalidade antiga que possa ser cobrada do teu irmão ou de ti. 4 Pois Deus disse que *não há* nenhum sacrifício que possa ser pedido e *não há* nenhum sacrifício que possa ser feito.

T-31.III.8. Existe uma escolha que tens o poder de fazer quando tiveres visto as alternativas reais. 2 Até que esse ponto seja alcançado, não tens escolha e não podes fazer nada além de decidir como farás a melhor escolha para enganar a ti mesmo outra vez. 3 Esse curso não tenta ensinar mais do que o fato de que o poder de decisão não pode estar na escolha de diferentes formas daquilo que ainda é a mesma ilusão e o mesmo equívoco. 4 Todas as escolhas no mundo dependem disso: tu escolhes entre tu e o teu irmão e ganharás tanto quanto ele perderá, e o que perdes é o que é dado a ele. 5 Como isso é totalmente oposto à verdade, quando todo o propósito da lição é ensinar que o que o teu irmão perde ‘tu’ perdeste e o que ele ganha é o que é dado a ‘ti’.

T-31.III.9. Ele não deixou os Seus Pensamentos! 2 Mas tu esqueceste a Sua Presença e não recordaste o Seu Amor. 3 Nenhum atalho no mundo pode conduzir a Ele e nenhuma meta mundana pode ser uma com a Sua. 4 Que estrada em todo o mundo conduzirá para o que está dentro, quando todas as estradas foram feitas para separar a jornada do propósito que ela não pode deixar de ter, a não ser que não passe de um fútil vagar? 5 Todas as estradas que conduzem para longe do que tu realmente és te conduzirão à confusão e ao desespero. 6 Entretanto, Ele jamais deixou os Seus Pensamentos para que morressem, sem que a sua Fonte estivesse para sempre neles mesmos.

T-31.III.10. Ele não deixou os Seus Pensamentos! 2 Ele não poderia separar-se deles, assim como eles não poderiam mantê-Lo de fora. 3 Em unidade com Ele todos vivem, e na sua unicidade Ambos se mantêm completos. 4 Não existe nenhuma estrada que conduza para longe Dele. 5 Uma jornada para fora de ti não existe. 6 Como é tolo e insano pensar que poderia existir uma estrada com tal objetivo! 7 Aonde poderia ela ir? 8 E como seria possível fazer com que tu viajasses por ela, andando por lá sem a tua própria realidade em unidade contigo?

T-31.III.11. Perdoa a ti mesmo a tua loucura e esquece todas as jornadas sem sentido e todos os objetivos sem meta. 2 Eles não têm nenhum significado. 3 Não podes escapar do que tu és. 4 Pois Deus é misericordioso e não deixou que o Seu Filho O abandonasse. 5 Sê grato pelo que Ele é, pois nisso está o teu escape da loucura e da morte. 6 Em lugar nenhum, a não ser onde Ele está, podes tu ser encontrado. 7 Não existe nenhum atalho que não conduza a Ele.

T-31.IV. Alternativa real

T-31.IV.1. Há uma tendência a pensar que o mundo pode oferecer consolo e um modo de escapar de problemas cujo propósito do mundo é manter. 2 Por que deveria ser assim? 3 Porque é um lugar onde a escolha entre ilusões parece ser a única escolha. 4 E estás no controle dos resultados da tua escolha. 5 Assim pensas dentro da mesma estreita faixa que vai do teu nascimento à tua morte que um pouco de tempo te é dado para que o utilizes só para ti; um tempo no qual todas as pessoas entram em conflito contigo, mas podes escolher qual a estrada que te conduzirá para fora do conflito e para longe das dificuldades que não te dizem respeito. 6 No entanto, elas te dizem respeito. 7 Como podes, então, escapar deixando-as para trás? 8 Aquilo que tem que seguir contigo tu levarás contigo, não importa por qual estrada escolhas caminhar.

T-31.IV.2. Uma escolha real não é uma ilusão. 2 Mas o mundo não tem nenhuma a oferecer. 3 Todas as suas estradas só levam ao desapontamento, ao nada e à morte. 4 Não existe nenhuma escolha entre as suas alternativas. 5 Não busques escapar dos problemas aqui. 6 O mundo foi feito para que não fosse possível escapar dos problemas. 7 Não sejas enganado por todos os nomes diferentes que são dados às estradas. 8 Elas só têm um fim. 9 E cada uma não passa de um meio de adquirir aquele fim, pois é a isso que todas as suas estradas conduzirão, por mais que os seus percursos pareçam diferentes. 10 O seu fim é certo, pois não existe nenhuma escolha entre elas. 11 Todas conduzirão à morte. 12 Em algumas, viajas contente por algum tempo,

antes da desolação entrar. 13 E em outras os espinhos são sentidos imediatamente. 14 A escolha não está em qual será o final, mas em quando ele virá.

T-31.IV.3. Não existe nenhuma escolha possível ali onde não há dúvidas em relação ao final. 2 Talvez preferisses tentar todas até aprenderes que realmente são apenas uma só. 3 As estradas que esse mundo pode oferecer parecem ser muitas em número, mas tem que vir o tempo em que todas as pessoas começarão a ver como são semelhantes umas às outras. 4 Homens morreram ao ver isso, porque não viram outro caminho exceto as trilhas oferecidas pelo mundo. 5 E ao aprender que não levavam a lugar nenhum, perderam sua esperança. 6 E apesar disso, era esse o momento em que eles poderiam ter aprendido sua maior lição. 7 Todos necessariamente atingem esse ponto e vão além. 8 É verdade, de fato, que não existe escolha alguma dentro do mundo. 9 Mas essa não é a lição em si mesma. 10 A lição tem um propósito e nele vens a compreender para quê ela serve.

T-31.IV.4. Por que deverias buscar outra estrada, outra pessoa ou outro lugar quando aprendeste como a lição começa, mas ainda não percebeste para quê ela serve? 2 Seu propósito é a resposta à busca que todos têm que empreender quando ainda acreditam que existe uma outra resposta a ser achada. 3 Aprende agora, sem desespero, que não existe nenhuma esperança de resposta no mundo. 4 Mas não julgues a lição que apenas se inicia com isso. 5 Não busques no mundo um outro sinal que pareça indicar ainda uma outra estrada. 6 Apressa agora o teu aprendizado e compreende que apenas perdes tempo, a não ser que vás além do que aprendeste para o que ainda está por ser aprendido. 7 Pois deste ponto mais baixo o aprendizado conduzirá aos píncaros da felicidade, onde vês o propósito da lição brilhando clara e perfeitamente dentro da tua capacidade de aprender.

T-31.IV.5. Quem estaria disposto a ser afastado de todas as estradas do mundo, a não ser que compreendesse a sua real futilidade? 2 Não é necessário que ele comece com isso para buscar um outro caminho em lugar delas? 3 Pois enquanto vê uma escolha onde não existe nenhuma, que poder de decisão pode ele usar? 4 A grande liberação do poder tem que começar com o aprendizado do lugar onde ele tem realmente utilidade. 5 E que decisão tem poder se é aplicada à situações sem escolha?

T-31.IV.6. O aprendizado de que o mundo só pode oferecer uma escolha, não importa qual seja a sua forma, é o início da aceitação de que existe, em vez disso, uma alternativa real. 2 Lutar contra esse estádio é derrotar o teu propósito aqui. 3 Não vieste para aprender a achar uma estrada que o mundo não contém. 4 A busca de diferentes atalhos no mundo não é senão a busca de diferentes formas de verdade. 5 E isso impediria a verdade de ser alcançada.

T-31.IV.7. Não penses que a felicidade é algum dia achada seguindo uma estrada que se distânciada dela. 2 Isso não faz sentido, não pode ser esse o caminho. 3 Para ti, que parece achar esse curso muito difícil de aprender, deixa-me repetir que para conseguires uma meta tens que avançar na sua direção, não no sentido contrário. 4 E toda estrada que conduz ao sentido contrário não avançará na direção do propósito a ser achado. 5 Se isso for difícil de entender, então é impossível aprender esse curso. 6 Mas somente nesse caso. 7 Pois de outro modo, é um ensino simples do óbvio.

T-31.IV.8. Existe uma escolha que tens o poder de fazer quando tiveres visto as alternativas reais. 2 Até que esse ponto seja alcançado, não tens escolha e não podes fazer nada além de decidir como farás a melhor escolha para enganar a ti mesmo outra vez. 3 Esse curso não tenta ensinar mais do que o fato de que o poder de decisão não pode estar na escolha de diferentes formas daquilo que ainda é a mesma ilusão e o mesmo equívoco. 4 Todas as escolhas no mundo dependem disso: tu escolhes entre tu e o teu irmão e ganharás tanto quanto ele perderá, e o que perdes é o que é dado a ele. 5 Como isso é totalmente oposto à verdade, quando todo o propósito da lição é ensinar que o que o teu irmão perde tu perdeste e o que ele ganha é o que é dado a ti.

T-31.IV.9. Ele não deixou os Seus Pensamentos! 2 Mas tu esqueceste a Sua Presença e não recordaste o Seu Amor. 3 Nenhum atalho no mundo pode conduzir a Ele e nenhuma meta mundana pode ser uma com a Sua. 4 Que estrada em todo o mundo conduzirá para o que está dentro, quando todas as estradas foram feitas para separar a jornada do propósito que ela não pode deixar de ter, a não ser que não passe de um fútil vagar? 5 Todas as estradas que conduzem para longe do que tu realmente és te conduzirão à confusão e ao desespero. 6 Entretanto, Ele jamais deixou os Seus Pensamentos para que morressem, sem que a sua Fonte estivesse para sempre neles mesmos.

T-31.IV.10. Ele não deixou os Seus Pensamentos! 2 Ele não poderia separar-Se deles, assim como eles não poderiam mantê-Lo de fora. 3 Em unidade com Ele todos vivem, e na sua unicidade Ambos se mantém completos. 4 Uma jornada para fora de ti não existe. 5 Como é tolo e insano pensar que poderia existir uma estrada com tal objetivo! 6 Aonde poderia ela ir? 7 E como seria possível fazer com que tu viajasse por ela, andando por lá sem a tua própria realidade em unidade contigo?

T-31.IV.11. Perdoa a ti mesmo a tua loucura, e esquece todas as jornada sem sentido e todos os objetivos sem meta. 2 Eles não têm nenhum significado. 3 Não podes escapar do que tu és. 4 Pois Deus é misericordioso e não deixou que o Seu Filho O abandonasse. 5 Sê grato pelo que Ele é, pois nisso está o teu escape da loucura e da morte. 6 Em lugar nenhum, a não ser onde Ele está, podes tu ser encontrado. 7 Não existe nenhum atalho que não conduzas a Ele.

T-31.V. Auto conceito versus Ser

T-31.V.1. O que se aprende desse mundo é construído em cima de um auto-conceito que é ajustado à realidade do mundo. 2 Ele cabe bem nele. 3 Pois essa é uma imagem apropriada a um mundo de sombras e de ilusões. 4 Aqui ela caminha em casa, onde o que vê é uno com ela. 5 O aprendizado do mundo serve para construir um auto-conceito. 6 Esse é o seu propósito: que venhas sem um auto-conceito e o faças à medida que segues adiante. 7 E na época em que atingires a “maturidade”, tu o terás aperfeiçoado para enfrentar o mundo em termos iguais, em unidade com as suas exigências.

T-31.V.2. Um auto-conceito é feito por ti. 2 Ele não tem absolutamente qualquer semelhança contigo. 3 É um ídolo feito para tomar o lugar da tua realidade como Filho de Deus. 4 O auto-conceito que o mundo quer ensinar não é o que aparenta ser. 5 Pois ele é feito para servir a dois propósitos, apenas um dos quais a mente é capaz de reconhecer. 6 O primeiro apresenta a face da inocência, o aspecto que é encenado. 7 É essa face que sorri e cativa, e até mesmo parece amar. 8 Ela busca companheiros e às vezes olha com pena para os que sofrem e às vezes oferece alívio. 9 Acredita que é boa dentro de um mundo mau.

T-31.V.3. Esse aspecto pode ter raiva, pois o mundo é ruim e não é capaz de prover o amor e o abrigo que a inocência merece. 2 E assim, frequentemente, essa face se banha de lágrimas pelas injustiças que o mundo faz para com aqueles que querem ser generosos e bons. 3 Esse aspecto nunca ataca em primeiro lugar. 4 Mas a cada dia, uma centena de pequenas coisas constituem pequenos ataques à sua inocência, provocando-a à irritação e, afinal, abertamente ao insulto e ao abuso.

T-31.V.4. A face da inocência que o auto-conceito veste com tanto orgulho pode tolerar o ataque em autodefesa, pois não é fato bem conhecido que o mundo trata com dureza a inocência indefesa? 2 Ninguém que faça um retrato de si mesmo omite essa face, pois tem necessidade dela. 3 O outro lado, ele não quer ver. 4 Entretanto, é aqui que o aprendizado do mundo fixou seus olhares, pois é aqui que a “realidade” do mundo é estabelecida para garantir que o ídolo perdure.

T-31.V.5. Por baixo da face da inocência há uma lição que o auto-conceito tem como finalidade ensinar. 2 É uma lição sobre um deslocamento terrível e um medo tão devastador que a face que sorri na superfície tem que olhar para longe disso para sempre, para não perceber a traição que ela oculta. 3 Isso é o que a lição ensina: “Eu sou essa coisa que fizeste de mim e olhando para mim tu és condenado devido ao que eu sou.” 4 A esse auto-conceito o mundo sorri com aprovação, pois ele garante que os caminhos do mundo sejam mantidos a salvo e aqueles que caminham por eles não escaparão.

T-31.V.6. Aqui está a lição central que garante que o teu irmão está eternamente condenado. 2 Pois agora o que és passa a ser o seu pecado. 3 Para isso não há perdão possível. 4 Já não mais importa o que ele faz, pois o teu dedo acusador aponta para ele sem vacilar e é mortal em seu objetivo. 5 Ele aponta para ti também, mas isso é mantido no que ainda é mais profundo, na névoa abaixo da face da inocência. 6 E nesses túmulos amortalhados todos os seus pecados e os teus são preservados e mantidos na escuridão onde não podem ser percebidos como erros, o que a luz seguramente mostraria. 7 Tu não podes ser acusado pelo que és, tampouco podes mudar as coisas que ele te faz fazer. 8 O teu irmão, portanto, é o símbolo dos teus pecados para ti, e tu silenciosamente, mas ainda assim com urgência incessante, ainda condenas o teu irmão pela coisa odiosa que tu és.

T-31.V.7. Conceitos são aprendidos. 2 Eles não são naturais. 3 À parte do aprendizado, não existem. 4 Eles não são dados, portanto, têm que ser feitos. 5 Nenhum deles é verdadeiro e muitos vêm de imaginações febris, quentes de ódio e de distorções nascidas do medo. 6 O que é um conceito senão um pensamento para o qual aquele que o faz dá um significado que lhe é próprio? 7 Conceitos mantêm o mundo. 8 Mas não podem ser usados para demonstrar que o mundo é real. 9 Pois todos são feitos dentro do mundo, nascidos na sua sombra, crescendo pelos seus caminhos e finalmente “amadurecidos” em seu pensamento. 10 Eles são idéias de ídolos, pintados com os pincéis do mundo que não podem fazer nem um único retrato que represente a verdade.

T-31.V.8. Um auto-conceito não tem significado, pois ninguém aqui pode ver para que serve e, portanto, não é capaz de retratar o que ele é. 2 Mesmo assim, todo o aprendizado que o mundo dirige começou e terminou com o simples objetivo de ensinar-te esse conceito de ti mesmo para que escolhas seguir as leis desse mundo e nunca busques ir além das suas estradas nem compreender o modo como vês a ti mesmo. 3 Agora, o Espírito Santo tem que achar um modo para ajudar-te a ver que esse auto-conceito tem que ser desfeito, se é que queres que alguma paz seja dada à tua mente. 4 Tampouco pode ele ser desaprendido, a não ser através de lições que tenham o objetivo de te ensinar que és uma outra coisa. 5 Pois de outro modo, te seria pedido que trocasses aquilo em que agora acreditas pela perda total do ser e terror ainda maior surgiria em ti.

T-31.V.9. Assim, o plano de lições do Espírito Santo é organizado em passos fáceis nos quais, embora algumas vezes possa haver um certo desconforto e alguma aflição, não há uma quebra do que foi aprendido, apenas uma re-tradução do que parece ser a evidência a favor disso. 2 Vamos considerar, então, que prova existe de que és o que o teu irmão fez de ti. 3 Pois mesmo que ainda não percebas que é isso o que pensas, com certeza a essa altura já aprendeste que te comportas como se fosse assim. 4 Por acaso ele reage por ti? 5 E ele sabe exatamente o que iria acontecer? 6 Ele é capaz de ver o teu futuro e ordenar, antes que ele venha, o que deverias fazer em cada circunstância? 7 Ele tem que ter feito o mundo assim como a ti para poder ter toda essa ciência prévia das coisas que virão.

T-31.V.10. Que sejas o que o teu irmão fez de ti parece muito improvável. 2 Mesmo que ele tivesse feito isso, quem te deu a face da inocência? 3 É essa a tua contribuição? 4 Quem é, então, o “tu” que a fez? 5 E quem é enganado por toda a tua bondade e a ataca tanto? 6 Vamos esquecer a tolice do conceito e meramente pensar nisso: existem duas partes no que pensas que és. 7 Se uma foi gerada pelo teu irmão, quem estava lá para fazer a outra? 8 E de quem é preciso esconder alguma coisa? 9 Se o mundo é mau, ainda assim não há necessidade de esconder de que tu és feito. 10 Quem está lá para ver? 11 E o que necessitaria de defesa, a não ser o que é atacado?

T-31.V.11. Talvez a razão pela qual esse conceito tenha que ser mantido na escuridão seja o fato de que, na luz, aquele que não pensaria que ele é verdadeiro seria tu. 2 E o que aconteceria com o mundo que vês, se todas as suas construções básicas fossem removidas? 3 O teu conceito do mundo depende desse auto-conceito. 4 E ambos desapareceriam, se qualquer um deles fosse posto em dúvida. 5 O Espírito Santo não busca empurrar-te ao pânico. 6 Portanto, Ele meramente pergunta se poderia levantar apenas uma pequena questão.

T-31.V.12. Há alternativas para essa coisa que não podes deixar de ser. 2 Poderias, por exemplo, ser a coisa que escolheste que o teu irmão fosse. 3 Isso desloca o auto-conceito de algo que é totalmente passivo e pelo menos abre caminho para uma escolha ativa e para algum reconhecimento de que alguma interação tem que ter entrado nisso. 4 Existe alguma compreensão de que escolheste por ambos, e o que ele representa tem um significado que foi dado por ti. 5 Isso mostra também um vislumbre da lei da percepção, segundo a qual o que vês reflete o estado da mente de quem percebe. 6 Contudo, quem foi que fez a escolha em primeiro lugar? 7 Se és aquilo que escolheste que o teu irmão fosse, existiram alternativas entre as quais escolher e alguém tem que ter decidido em primeiro lugar qual delas escolher e qual abandonar.

T-31.V.13. Embora esse passo ofereça ganhos, ainda não levanta uma questão básica. 2 Alguma coisa tem que ter se passado antes desses auto-conceitos. 3 E alguma coisa tem que ter feito o aprendizado que os fez surgir. 4 Tampouco isso pode ser explicado por nenhuma das duas perspectivas. 5 A principal vantagem do deslocamento da primeira para a segunda é que de algum modo entraste nessa escolha pela tua decisão. 6 Mas esse ganho é pago com uma perda quase igual, pois agora és acusado da culpa pelo que o teu irmão é. 7 E tens que compartilhar a sua culpa, porque a escolheste para ele à imagem da tua. 8 Enquanto antes somente ele era traidor, agora tens que ser condenado junto com ele.

T-31.V.14. O auto-conceito sempre foi a grande preocupação do mundo. 2 E todos acreditam que têm que achar uma resposta para o enigma por si mesmos. 3 A salvação pode ser vista como nada além do escapar de conceitos. 4 Ela não se preocupa com o conteúdo da mente, mas com a simples declaração de que ela pensa. 5 E o que pode pensar, ela pode escolher e pode ser mostrado a ela que diferentes pensamentos têm conseqüências diferentes. 6 Assim, é capaz de aprender que tudo o que pensa reflete a profunda confusão que sente a respeito de como foi feita e do que é. 7 E vagamente o auto-conceito parece responder àquilo que ela não sabe.

T-31.V.15. Não busques o teu Ser em símbolos. 2 Não pode existir nenhum conceito para representar o que tu és. 3 Que importa qual o conceito que aceitas, enquanto percebes um ser que interage com o mal e reage à coisas perversas? 4 O teu conceito de ti mesmo ainda permanecerá sem significado. 5 E não perceberás que não podes interagir senão contigo mesmo. 6 Ver um mundo culpado não é senão o sinal de que o teu aprendizado foi guiado pelo mundo e tu olhas para ele assim como vês a ti mesmo. 7 O auto-conceito engloba tudo aquilo que contemplos e nada está fora dessa percepção. 8 Se podes ser ferido por qualquer coisa, vês um retrato dos teus desejos secretos. 9 Nada mais do que isso. 10 E, em qualquer espécie de sofrimento que possas ter, vês o teu próprio desejo escondido de matar.

T-31.V.16. Tu farás muitos auto-conceitos à medida que o aprendizado vai avançando. 2 Cada um mostrará as mudanças nos teus próprios relacionamentos, conforme a tua percepção de ti mesmo é mudada. 3 Haverá uma certa confusão cada vez que houver um deslocamento, mas que sejas grato pelo fato de que o aprendizado do mundo está afrouxando o controle que tem sobre a tua mente. 4 E tenhas certeza e sejas feliz na confiança de que ele afinal desaparecerá e deixará a tua mente em paz. 5 O papel do acusador aparecerá em muitos lugares e sob muitas formas. 6 E cada uma parecerá estar acusando a ti. 7 Entretanto, não tenhas medo de que ele não seja desfeito.

T-31.V.17. O mundo não é capaz de ensinar nenhuma imagem de ti, a não ser que tu queiras aprendê-las. 2 Um tempo virá em que todas as imagens terão desaparecido e verás que não sabes o que és. 3 É para essa mente aberta e sem lacres que a verdade retorna, sem impedimentos e sem limites. 4 Ali, onde os auto-conceitos foram postos de lado, a verdade é revelada exatamente como é. 5 Quando todos os conceitos tiverem sido erguidos à dúvida e ao questionamento e quando tiverem sido reconhecidos como tendo sido feitos com base em hipóteses que não podem fazer face à luz, então, a verdade está livre para entrar no seu santuário, limpa e livre de culpa. 6 Não há declaração que o mundo tenha mais medo de ouvir do que essa:

*7 Eu não sei o que sou e, portanto, não sei o que estou fazendo,
onde estou ou como olhar para o mundo ou para mim mesmo.*

8 Entretanto, é aprendendo isso que nasce a salvação. 9 E O Que tu és te falará de Si Mesmo.

T-31.VI. O reconhecimento do Espírito

T-31.VI.1. Vês a carne ou reconheces o espírito. 2 Não é possível nenhuma transigência entre os dois. 3 Se um é real, o outro tem que ser falso, porque o que é real nega o seu oposto. 4 Não existe nenhuma escolha na visão, exceto essa. 5 O que decides em relação a isso define tudo o que vês e pensas que é real e manténs como verdadeiro. 6 Dessa única escolha depende todo o teu mundo, pois aqui estabeleceste o que tu és, carne ou espírito na tua própria crença. 7 Se escolhes a carne, jamais escaparás ao corpo como tua própria realidade, pois escolheste que queres assim. 8 Mas escolhe o espírito e todo o Céu se inclina para tocar os teus olhos e abençoar a tua vista santa, para que não mais possas ver o mundo da carne exceto para confortar e curar e abençoar.

T-31.VI.2. A salvação é desfazer. 2 Se escolhes ver o corpo, contemplos um mundo de separação, de coisas que não são relacionadas entre si e acontecimentos que não fazem absolutamente nenhum sentido. 3 Esse aparece e desaparece na morte; aquele está condenado ao sofrimento e à perda. 4 E ninguém é exatamente como era um instante antes e nem será como é agora daqui a um instante. 5 Quem poderia ter confiança quando tanta mudança é vista, pois quem poderia ser digno se não passa de pó? 6 A salvação é o desfazer de tudo isso. 7 A constância surge na vista daqueles cujos olhos a salvação liberou da contemplação do custo da manutenção da culpa porque escolheram soltá-la em vez de mantê-la.

T-31.VI.3. A salvação não pede que vejas o espírito e não percebas o corpo. 2 Ela meramente pede que essa seja a tua escolha. 3 Pois podes ver o corpo sem ajuda, mas não compreendes como contemplar um mundo à parte dele. 4 É o teu mundo que a salvação vai desfazer e te deixará ver um outro mundo, que os teus olhos jamais poderiam achar. 5 Não te preocupes com a forma como isso pode acontecer. 6 Não compreendes como o que vês surgiu à tua vista. 7 Pois se compreendesses, já teria desaparecido. 8 O véu da ignorância cobre o mal e o bem e tem que ser ultrapassado para que ambos possam desaparecer, de tal modo que a percepção não ache nenhum lugar para se esconder. 9 Como se faz isso? 10 Não se faz absolutamente nada. 11 O que poderia haver dentro do universo que Deus criou que ainda tivesse que ser feito?

T-31.VI.4. Só na arrogância poderias conceber que tens que aplinar o caminho para o Céu. 2 A ti é dado o meio através do qual podes ver o mundo que irá substituir aquele que fizeste. 3 Seja feita a tua vontade! 4 No Céu assim como na terra, isso é para sempre verdadeiro. 5 Não importa onde acreditas que estejas, nem o que pensas que tem que ser realmente a verdade a respeito de ti mesmo. 6 O que olhas não faz diferença, nem o que escolhes pensar, sentir ou desejar. 7 Pois o Próprio Deus disse: “Seja feita a tua vontade.” 8 E conseqüentemente ela é feita para ti.

T-31.VI.5. Tu, que acreditas que podes escolher ver o Filho de Deus como queres que ele seja, não te esqueças que nenhum conceito de ti mesmo poderá opor-se à verdade do que tu és. 2 Desfazer a verdade seria impossível. 3 Mas conceitos não são difíceis de mudar. 4 Uma única visão, claramente vista, que não se adequar ao retrato tal como era percebido antes, mudará o mundo para olhos que aprendem a ver, porque o auto conceito terá sido mudado.

T-31.VI.6. És invulnerável? 2 Então o mundo, no teu modo de ver, não pode causar dano. 3 Perdoas? 4 Então, o mundo perdoa, pois tu perdoaste as ofensas do mundo e assim ele olha para ti com olhos que vêem como os teus. 5 És um corpo? 6 Nesse caso, o mundo todo é percebido como traidor e disposto a matar. 7 És um espírito, sem a morte e sem a promessa da corrupção e a mancha do pecado sobre ti mesmo? 8 Nesse caso, o mundo é visto como estável, inteiramente digno da tua confiança; um lugar feliz no qual se descansa por algum tempo, onde nada precisa ser temido, mas apenas amado. 9 Quem não é bem-vindo para aquele que é benigno de coração? 10 E o que poderia ferir o que é verdadeiramente inocente?

T-31.VI.7. Seja feita a tua vontade, tu, santa criança de Deus. 2 Não importa se pensas que estás na terra ou no Céu. 3 O que em Sua Vontade o teu Pai quer de ti não pode mudar nunca. 4 A verdade em ti permanece tão radiante quanto uma estrela, tão pura quanto a luz, tão inocente quanto o próprio amor. 5 E tu és digno de que seja feita a tua vontade!

T-31.VII. A visão do salvador

T-31.VII.1. Aprender é mudar. 2 A salvação não busca usar meios tão estranhos ao teu pensamento que não te possam ser úteis, nem fazer mudanças que não serias capaz de reconhecer. 3 Conceitos são necessários enquanto dura a percepção e mudar os conceitos é tarefa da salvação. 4 Pois ela tem que lidar com contrastes, não na verdade, que não tem oposto e não pode mudar. 5 Nos conceitos desse mundo, os culpados são “maus”, os “bons” são inocentes. 6 E ninguém aqui deixa de fazer um conceito de si mesmo no qual conta com o “bom” para lhe perdoar o “mau”. 7 Tampouco confia no “bom” de qualquer pessoa, acreditando que o “mau” deve estar escondido atrás, pronto para atacar. 8 Esse conceito enfatiza a traição e a confiança vem a ser impossível. 9 Nem poderia ele mudar enquanto percebes o “mau” em ti.

T-31.VII.2. Não poderás reconhecer os teus pensamentos “maus” enquanto vês qualquer valor no ataque. 2 Tu os perceberás algumas vezes, mas não os verás sem significado. 3 E assim eles vêm em forma amedrontadora, com o conteúdo ainda oculto, para abalar o teu pobre conceito de ti mesmo e torná-lo ainda mais negro com ainda outro “crime”. 4 Não podes dar a tua inocência a ti mesmo, pois estás por demais confuso acerca de ti. 5 Mas caso um irmão desponte na tua vista como totalmente digno de perdão, então o teu conceito de ti mesmo é totalmente mudado. 6 Os teus pensamentos “maus” terão sido perdoados junto com os seus, porque não permitiste que nenhum deles te afetasse. 7 Não mais escolhes ser o sinal do mal e da culpa no teu irmão. 8 E à medida que dás a tua confiança para o que é bom nele, tu a dás para o que é bom em ti.

T-31.VII.3. Em termos de conceitos, é dessa forma que o vês como mais do que apenas um corpo, pois o que é bom nunca é o que o corpo parece ser. 2 As ações do corpo são percebidas como vindas da parte “mais baixa” de ti mesmo e assim dele também. 3 Ao focalizar o que é o bom nele, o corpo fica cada vez menos persistente no teu modo de vê-lo e, a longo prazo, será visto como pouco mais do que uma sombra contornando o que é bom. 4 E esse será o teu conceito de ti mesmo, quando tiveres alcançado o mundo que está além da vista que os teus olhos, por si mesmos, podem te oferecer para que vejas. 5 Pois não interpretarás o que vês sem a Ajuda Que Deus te deu. 6 E no Seu modo de ver, *existe* um outro mundo.

T-31.VII.4. Tu vives naquele mundo tanto quanto nesse. 2 Pois ambos são conceitos de ti mesmo, que podem ser alternados, mas nunca conjuntamente mantidos. 3 O contraste é muito maior do que pensas, pois amarás esse conceito de ti mesmo, porque ele não foi feito apenas para ti. 4 Nascido como uma dádiva para alguém que não foi percebido como o teu próprio ser, ela te foi dada. 5 Pois o teu perdão, oferecido a ele, agora foi aceito por ambos.

T-31.VII.5. Tem fé naquele que caminha contigo de forma que o conceito amedrontador que tens de ti mesmo possa mudar. 2 E olha para o que é bom nele de modo que possas não te assustar com os teus pensamentos “maus”, porque eles não anuviam o que tu vês nele. 3 E tudo o que essa alteração requer é que estejas disposto que essa feliz mudança ocorra. 4 Nada além disso é pedido. 5 Em nome dela, lembra-te do que o conceito de ti mesmo que manténs agora te trouxe em seu rastro, e dá boas-vindas ao alegre contraste que te foi oferecido. 6 Estende a tua mão para que possas ter a dádiva do perdão benigno que ofereces àquele, cuja necessidade de perdão é exatamente a mesma que a tua. 7 E permite que o teu cruel conceito de ti mesmo seja mudado para outro, aquele que traz a paz de Deus.

T-31.VII.6. O conceito de ti mesmo que agora manténs garantiria que a tua função aqui permanecesse para sempre sem ser realizada e sem ser cumprida. 2 E assim ele te condena a uma amarga sensação de profunda depressão e futilidade. 3 No entanto, ele não precisa ser fixo, a não ser que escolhas mantê-lo além da esperança de ser mudado e guardá-lo estático e oculto dentro da tua mente. 4 Em vez disso, entrega-o Àquele Que compreende as mudanças das quais ele necessita para permitir que sirva à função que te foi dada para te trazer paz, para que possas oferecer paz de modo a tê-la como tua. 5 As alternativas estão em tua mente para serem usadas e tu podes ver a ti mesmo de outro modo. 6 Não preferirias olhar para ti mesmo como alguém que é necessário à salvação do mundo, ao invés de ser um inimigo da salvação?

T-31.VII.7. O auto conceito se ergue como um escudo, uma barricada silenciosa diante da verdade e esconde-a da tua vista. 2 Todas as coisas que vês são imagens, porque olhas para elas como por uma barreira que diminui a tua vista e deturpa a tua visão de tal forma que nada contemplas com clareza. 3 A luz se afasta de tudo o que vês. 4 Na melhor das hipóteses, vislumbra uma sombra do que está além. 5 Na pior, apenas olhas a escuridão e percebes os frutos das imaginações aterrorizadoras que vêm de pensamentos de culpa e conceitos nascidos do medo. 6 E o que vês é o inferno, pois o medo é o inferno. 7 Tudo o que te é dado é para a liberação: a vista, a visão e o Guia interior, todos te conduzem para fora do inferno com aqueles que amas a teu lado e o universo junto com eles.

T-31.VII.8. Contempla o teu papel dentro do universo! 2 À cada parte da verdadeira criação o Senhor do Amor e da Vida confiou toda a salvação da miséria do inferno. 3 E a cada um Ele permitiu a graça de ser um salvador para as pessoas santas especialmente confiadas ao seu cuidado. 4 E isso ele aprende quando, pela primeira vez, olha para um irmão do mesmo modo como olha para si mesmo e nele vê o espelho de si mesmo. 5 Assim o conceito que ele fazia de si mesmo é deixado de lado, pois nada permanece entre a sua vista e aquilo que ele olha, para julgar o que contempla. 6 E nesta única visão ele vê a face de Cristo e compreende que olha para todos ao contemplar esse. 7 Pois há luz onde antes havia escuridão, e agora o véu foi erguido da sua vista.

T-31.VII.9. O véu sobre a face de Cristo, o medo de Deus e da salvação, e o amor pela culpa e pela morte, são todos nomes diferentes para um único erro: que existe um espaço entre tu e o teu irmão, mantido à parte através de uma ilusão de ti mesmo que o mantém afastado de ti e tu afastado dele. 2 A espada do julgamento é a arma que dás à ilusão de ti mesmo para que ela possa lutar para guardar o espaço que mantém o teu irmão distante desocupado pelo amor. 3 Entretanto, enquanto seguras essa espada, tens que perceber o corpo como o que tu és, pois estás fadado a permanecer separado da vista daquele que segura o espelho para uma outra perspectiva do que ele é e, portanto, do que tu tens que ser.

T-31.VII.10. O que é a tentação senão o desejo de permanecer no inferno e na miséria? 2 E o que isso poderia fazer surgir senão uma imagem de ti mesmo que pode ser miserável e permanecer no inferno e na tormenta? 3 Quem aprendeu a não ver o seu irmão deste modo salvou-se e é, portanto, um salvador para os outros. 4 A todos Deus confiou todas as pessoas, porque um salvador parcial seria alguém apenas parcialmente salvo. 5 As santas pessoas que Deus deu a ti para salvar são apenas todos aqueles que encontras ou contemplas sem saber quem são; todos aqueles que viste por um instante e esqueceste e aqueles que conheceste há muito tempo e aqueles que ainda irás encontrar; os esquecidos e os ainda não nascidos. 6 Pois Deus te deu o Seu Filho para que tu o salves de todos os conceitos que ele jamais manteve.

T-31.VII.11. Apesar disso, enquanto desejas permanecer no inferno, como poderias ser o salvador do Filho de Deus? 2 Como conhecerias a sua santidade enquanto o vês à parte da tua? 3 Pois a santidade é vista através de olhos santos que olham para a inocência interior e assim esperam vê-la em toda parte. 4 E assim eles a fazem emergir em cada um que contemplan, para que ele possa ser aquilo que esperam dele. 5 Essa é a visão do salvador: que ele veja a sua inocência em todas as pessoas que contempla e veja a sua própria privação em todos os lugares. 6 Ele não mantém nenhum conceito de si mesmo entre os seus olhos calmos e abertos e aquilo que vê. 7 Ele traz a luz ao que contempla para que o possa ver como realmente é.

T-31.VII.12. Qualquer que seja a forma que a tentação pareça tomar, ela sempre reflete apenas o desejo de ser um ser que tu não és. 2 E desse desejo surge um conceito, ensinando que és essa coisa que desejas ser. 3 Ele permanecerá como o teu conceito de ti mesmo até que o desejo que o gerou como um pai já não seja valorizado. 4 Mas enquanto tu o aprecias, contemplarás o teu irmão à semelhança do ser que é a imagem do desejo nascido de ti. 5 Pois o ato de ver não pode senão representar um desejo, porque não tem o poder de criar. 6 Entretanto, ele pode olhar com amor ou olhar com ódio, dependendo apenas da tua simples escolha de querer unir-te ao que vês ou manter-te à parte e separado.

T-31.VII.13. A visão do salvador é tão inocente em relação ao que é o teu irmão, quanto é livre de qualquer julgamento feito em relação a ti. 2 Ela não vê passado algum em ninguém. 3 E assim serve à mente totalmente aberta, não anuviada por velhos conceitos e preparada para olhar apenas para aquilo que o presente mantém. 4 Ela não pode julgar porque não conhece. 5 E reconhecendo isso meramente pergunta: “Qual é o significado do que eu contemplo?” 6 Então é dada a resposta. 7 E a porta é mantida aberta para que a face de Cristo brilhe sobre aquele que pede, em inocência, para ver além do véu das velhas idéias e dos antigos conceitos por tanto tempo apreciados e mantidos contra a visão de Cristo em ti.

T-31.VII.14. Assim sendo, sê vigilante contra a tentação, lembrando-te de que não passa de um desejo, insano e sem significado, de fazer de ti mesmo uma coisa que não és. 2 E pensa igualmente nessa coisa que serias em vez disso. 3 É algo feito de loucura, dor e morte; uma coisa de traição e negro desespero, de sonhos fracassados sem nenhuma esperança remanescente, a não ser morrer e terminar o sonho do medo. 4 É *isso* o que é a tentação, nada mais do que isso. 5 É possível ser difícil decidir *contra* isso? 6 Considera o que é a tentação e vê as alternativas reais entre as quais tu escolhes. 7 Existem apenas duas. 8 Não sejas enganado pelo que aparenta ser muitas escolhas. 9 Existe o Céu ou o inferno e dentre os dois só escolhes um.

T-31.VII.15. Não permitas que a luz do mundo, dada a ti, seja escondida do mundo. 2 Ele necessita de luz, pois é de fato escuro e homens se desesperam porque a visão do salvador é detida e o que vêem é morte. 3 Seu salvador está contemplando-os com olhos que não foram abertos, sem conhecer e sem ser conhecido. 4 E eles não podem ver enquanto ele não os olha com olhos que vêem e não lhes oferece o perdão junto com o seu próprio. 5 É possível que tu, a quem Deus diz: “Libera o meu Filho!” sejas tentado a não escutar, quando aprendes que és aquele para quem Ele pede liberação? 6 E o que, a não ser isso, esse curso quer ensinar? 7 E o que, a não ser isso, existe para aprenderes?

T-31.VIII. Escolhe outra vez

T-31.VIII.1. A tentação tem uma lição a ensinar em todas as suas formas, sempre que ocorre. 2 Ela quer persuadir o santo Filho de Deus de que ele é um corpo, nascido no que tem que morrer, incapaz de escapar à sua fragilidade e limitado ao que o corpo ordena que ele sinta. 3 O corpo estabelece os limites do que ele pode

fazer; seu poder é a única força que ele tem; o que ele apreende não pode exceder o alcance diminuto do corpo. 4 Quererias ser assim, se Cristo te aparecesse em toda a Sua glória pedindo-te apenas isso:

*5 Escolhe outra vez se queres tomar o teu lugar entre os salvadores do mundo,
ou se queres permanecer no inferno e lá manter os teus irmãos.*

6 Pois Ele veio e Ele *está* pedindo isso.

T-31.VIII.2. Como fazes a escolha? 2 Como isso é explicado facilmente! 3 Sempre escolhes entre a tua fraqueza e a força de Cristo em ti. 4 E o que escolhes é o que pensas que é real. 5 Simplesmente pelo fato de nunca usares a fraqueza para dirigir as tuas ações, não deste a ela nenhum poder. 6 E à luz de Cristo em ti é dado o controle de tudo o que fazes. 7 Pois trouxeste a tua fraqueza a Ele e Ele te deu a Sua força em lugar dela.

T-31.VIII.3. As provações são apenas lições que falhaste em aprender, apresentadas mais uma vez de forma que onde antes fizeste uma escolha faltosa agora possas fazer outra melhor e assim escapar de toda a dor que o que escolheste antes trouxe a ti. 2 Em toda dificuldade, toda aflição e a cada perplexidade, Cristo te chama e gentilmente diz: “Meu irmão, escolhe outra vez.” 3 Ele não deixaria uma única fonte de dor sem cura, nem imagem alguma para velar a verdade. 4 Ele quer remover toda a miséria de ti, a quem Deus criou como um altar à alegria. 5 Ele não te deixaria sem consolo, sozinho em sonhos do inferno, mas quer liberar a tua mente de todas as coisas que escondem a Sua face de ti. 6 A Sua santidade é a tua porque Ele é único Poder que é real em ti. 7 A Sua força é a tua porque Ele é o Ser Que Deus criou como Seu único Filho.

T-31.VIII.4. As imagens que fazes não podem prevalecer contra o que o Próprio Deus quer que sejas. 2 Portanto, nunca tenhas medo da tentação, mas a vejas como é: uma outra chance de escolher outra vez e permitir que a força de Cristo prevaleça em qualquer circunstância e em qualquer lugar onde antes havias erguido uma imagem de ti mesmo. 3 Pois o que aparenta esconder a face de Cristo é impotente diante da Sua majestade e desaparece diante da Sua vista santa. 4 Os salvadores do mundo, que vêm como Ele, são simplesmente aqueles que escolhem a Sua força em vez de suas próprias fraquezas, vistas à parte Dele. 5 Eles redimirão o mundo, pois estão unidos em todo o poder da Vontade de Deus. 6 E a sua vontade é apenas aquilo que é a Vontade de Deus.

T-31.VIII.5. Portanto, aprende o hábito feliz de responder a toda tentação de perceber a ti mesmo como fraco e miserável com estas palavras:

*2 Eu sou como Deus me criou.
3 O Filho de Deus nada pode sofrer.
4 E eu sou Seu Filho.*

5 Assim é a força de Cristo convidada a prevalecer substituindo todas as tuas fraquezas com a força que vem de Deus e que nunca pode falhar. 6 E assim os milagres são tão naturais quanto o medo e a agonia pareciam ser, antes que a escolha pela santidade fosse feita. 7 Pois nesta escolha as falsas distinções desaparecem, as alternativas ilusórias são postas de lado e não se deixa nada para interferir com a verdade.

T-31.VIII.6. Tu és como Deus te criou e assim é cada coisa viva que contemplas independentemente das imagens que vês. 2 O que contemplas como doença e dor, como fraqueza, sofrimento e perda, não é senão a tentação de perceber a ti mesmo como sendo indefeso e estando no inferno. 3 Não cedas a isso e verás toda a dor, sob qualquer forma e onde quer que ocorra, simplesmente desaparecer como a névoa diante do sol. 4 Um milagre veio para curar o Filho de Deus e fechar a porta aos seus sonhos de fraqueza, abrindo o caminho para a sua salvação e liberação. 5 Escolhe outra vez o que queres que ele seja, lembrando-te de que cada escolha que fazes estabelece a tua própria identidade assim como tu a verás e acreditarás que é.

T-31.VIII.7. Não me negues a pequena dádiva que peço, quando, em troca, eu coloco aos teus pés a paz de Deus e o poder de trazer essa paz a cada um que vaga no mundo incerto, solitário e com medo constante. 2 Pois te é dado unir-te a ele e através do Cristo em ti retirar o véu que lhe cobre os olhos e permitir que ele olhe para o Cristo em si mesmo.

T-31.VIII.8. Meus irmãos na salvação, não deixem de ouvir a minha voz e de escutar as minhas palavras. 2 Eu nada peço senão a tua própria liberação. 3 Não existe lugar para o inferno dentro de um mundo cuja beleza pode ainda ser tão intensa e tão abrangente que apenas um passo o separa do Céu. 4 Aos teus olhos cansados eu trago a visão de um mundo diferente, tão novo, tão limpo e fresco, que esquecerás a dor e a tristeza que viste antes. 5 Entretanto, essa é uma visão que tens que compartilhar com todas as pessoas que vês, pois, de outro modo, não a contemplarás. 6 Dar essa dádiva é a forma de fazê-la tua. 7 E Deus determinou, em benignidade amorosa, que ela fosse tua.

T-31.VIII.9. Vamos ficar contentes porque podemos caminhar pelo mundo e achar tantas oportunidades de perceber outra situação onde a dádiva de Deus pode mais uma vez ser reconhecida como nossa! 2 E assim todos os vestígios do inferno, os pecados secretos e os ódios escondidos desaparecerão. 3 E toda a beleza que eles ocultavam aparecerá como os gramados do Céu aos nossos olhos para erguer-nos bem acima das estradas espinhosas pelas quais viajamos antes que Cristo aparecesse. 4 Ouçam-me, meus irmãos, ouçam e unam-se a mim. 5 Deus determinou que eu não pudesse chamar em vão e na certeza de Deus eu descanso contente. 6 Pois *vós ouvireis e escolhereis* outra vez. 7 E nesta escolha todos serão libertados.

T-31.VIII.10. Graças Te dou, Pai, por estas pessoas santas que são meus irmãos assim como são Teus Filhos. 2 Minha fé neles é a Tua. 3 Eu estou tão certo de que virão a mim assim como Tu estás certo do que eles são e serão para sempre. 4 Eles aceitarão a dádiva que eu lhes ofereço porque Tu a deste a mim em nome deles. 5 Se assim como eu não quero senão fazer a Tua santa Vontade, assim eles escolherão. 6 E eu dou graças por eles. 7 A canção da salvação ecoará através do mundo com cada escolha que fizerem. 8 Pois nós somos um em propósito e o fim do inferno está próximo.

T-31.VIII.11. Em alegres boas-vindas minha mão está estendida a todo irmão que queira unir-se a mim para alcançar o que está além da tentação, olhando com fixa determinação na direção da luz que brilha além em perfeita constância. 2 Dá-me os que são meus, pois eles pertencem a Ti. 3 E é possível que Tu falhes naquilo que não é senão a Tua Vontade? 4 Eu Te dou graças pelo que são os meus irmãos. 5 E à medida que cada um elege unir-se a mim, a canção de agradecimento da terra para o Céu cresce e os diminutos fios dispersos de melodia vêm a ser um único coro que abrange todo um mundo redimido do inferno, que dá graças a Ti.

T-31.VIII.12. E agora nós dizemos “Amém.” 2 Pois Cristo veio para habitar na morada que Tu estabeleceste para Ele antes do início dos tempos, na calma eternidade. 3 A jornada se encerra, terminando no lugar em que começou. 4 Nenhum traço permanece. 5 A fé não é dada a nenhuma ilusão e nada que venha das trevas ainda permanece para esconder a face de Cristo de quem quer que seja. 6 A Tua Vontade está feita, completa e perfeitamente, e toda a criação reconhece a Ti e conhece a Ti como a única Fonte que tem. 7 Clara à Tua semelhança, a Luz brilha a partir de todas as coisas que vivem e se movem em Ti. 8 Pois nós alcançamos o lugar onde todos nós somos um e estamos em casa, onde Tu queres que estejamos.